

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**A AGRICULTURA DO AMANHÃ
O JOVEM E SEUS ANSEIOS PARA O FUTURO. UM ESTUDO
REALIZADO NA COMUNIDADE DE AGUINHAS – SÃO CARLOS – SC.**

DOLORES RAMBO

**CHAPECÓ – SC
2010**

UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ - UNOCHAPECÓ
ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CURSO	Administração
PERÍODO	8º - (Oitavo)
DISCIPLINA	Estágio Supervisionado II
COORDENADORA DE CURSO	Profª. Magda M. de Camargo – Dra.
COORDENADORA DE ESTÁGIO	Profª. Ana Paula Granella - M.Sc.
ORIENTADORª DE CONTEÚDO	Profª. Lorete Maria Gallon – M.Sc

A AGRICULTURA DO AMANHÃ
O JOVEM E SEUS ANSEIOS PARA O FUTURO. UM ESTUDO
REALIZADO NA COMUNIDADE DE AGUINHAS – SÃO CARLOS – SC.

DOLORES RAMBO

CHAPECÓ – SC

2010

DOLORES RAMBO

**A AGRICULTURA DO AMANHÃ
O JOVEM E SEUS ANSEIOS PARA O FUTURO. UM ESTUDO
REALIZADO NA COMUNIDADE DE AGUINHAS – SÃO CARLOS – SC.**

Este trabalho de Conclusão foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel em Administração, e aprovado pelo Curso de Administração da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Prof^a. Ana Paula Granella – M.Sc

Coordenadora de Estágio

Apresentado à Comissão Examinadora Integrada pelos professores:

Prof^a. Lorete Maria Gallon – M.Sc

Orientadora

Prof^o. Paulo Jordani – M. Sc

Membro da banca

Prof^a. Rosangela Bertuol – Esp.

Membro da Banca

CHAPECÓ – SC

2010

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela força nesta trajetória.

Agradeço a minha família, que sempre esteve ao meu lado. A minha mãe, Érica, que talvez em alguns momentos não tivesse acreditado que eu chegaria a terminar uma faculdade, mas que agora com certeza se orgulha. Ao meu pai, Airton, que deve sentir muito orgulho de mim, mesmo lá do céu. *“Pai, com muita saudade, posso te dizer que consegui”*. Agradeço ao meu irmão, Dirson, pelo apoio em todas as horas e por não deixar a “peteca” cair. Minha cunhada, Rosane, por ser tão presente como uma irmã. Meus sobrinhos, Eduardo e Camila, que quando vou pra casa, são motivos de muita alegria, nem sabem a força que me passam.

Agradeço a todos os meus mestres que ajudaram a abrir minha mente para o mundo do conhecimento.

Agradeço em especial, a Professora Lorete, orientadora sempre presente. Muito obrigada, por acreditar em mim e pela dedicação, inclusive nas horas de folga.

Agradeço os colegas que sempre me acolheram, nas inúmeras salas que frequentei, em que sempre deixei um/a amigo/a.

Um agradecimento especial aos meus colegas da Assessoria de Imprensa da Cooperalfa: Julmir, Samara e Sidivânia, pelo apoio na horas que mais precisei.

A Cooperalfa, mãe acolhedora, lugar no qual adoro trabalhar.

Minhas amigas de convivência diária, que acompanharam parte da trajetória de estudante, obrigada por existirem.

Um agradecimento especial ao Professor Darci Zeiser e família, de Aguinhas – São Carlos, pelo pronto atendimento, na ocasião da coleta de informações para o presente trabalho.

A todos os jovens que participaram da pesquisa, que responderam prontamente os questionários. Saibam que sem vocês eu não teria conseguido realizá-la.

Enfim, o agradecimento a todos que de uma ou de outra maneira contribuíram nesta pesquisa. Muitos nem sabem, pois as conversas informais me ajudaram muito.

Obrigada!!!

RESUMO

Rambo, Dolores. **A agricultura do amanhã. O jovem e seus anseios para o futuro. Um estudo realizado na comunidade de Aguiinhas – São Carlos – SC**, 2010. 129p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Administração, Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ, Chapecó, 2010

O presente trabalho de conclusão do curso de Administração, com o tema: **A agricultura do amanhã, o jovem rural e seus anseios para o futuro**, realizado na comunidade de Aguiinhas, município de São Carlos – Santa Catarina, teve como objetivo geral estudar e compreender o espaço do jovem rural na agricultura familiar. Como objetivos específicos, buscou-se identificar gênero, idade, estado civil, escolaridade; dimensionar a participação do jovem nos trabalhos e decisões do estabelecimento; saber quais os motivos que o levam a migrar para os centros urbanos; analisar objetivos futuros destes jovens. O trabalho tinha como problema saber qual é o espaço do jovem no contexto da agricultura familiar. Utilizou-se a pesquisa exploratória, com coleta de dados através de questionário, a uma amostra intencional não probabilística composta por 58 jovens de 15 a 30 anos residentes na comunidade. Para fundamentar o estudo, buscou-se auxílio de bibliografias em diversas fontes na Universidade e em outras fontes, onde o assunto está sendo estudado. Pode-se dizer que os objetivos foram alcançados. Constatou-se que profundas mudanças estão ocorrendo no meio rural com a saída de muitos jovens para os centros urbanos e que a sucessão ainda pouco é discutida no seio familiar. Por outro lado, uma nova geração de agricultores está surgindo, com visão empreendedora em que a educação está como base para a transformação.

Palavras chave: Juventude, Família, Agricultura e Sucessão

ABSTRACT

Rambo, Dolores. **The agriculture of tomorrow. The rural youth and their aspirations for the future. A study made in Aguihas community - São Carlos – SC State**, 2010. 129p. The final project (graduation) – Business Administration course, Social and Applied Sciences Center, Regional Community University of Chapecó - UNOCHAPECÓ, Chapecó, 2010

The present Final Project of Administration, with the subject: The agriculture of tomorrow. The rural youth and their aspirations for the future, made in Aguihas community, São Carlos, Santa Catarina State, aimed to study and understand the space of rural youth in family farming. As specific objectives, sought to identify gender, age, marital status, education level, have the dimension of the involvement of youth in the work and decisions of the establishment; know the reasons that make youth migrate to urban centers; analyze the future objectives for the youths. The problem of the project was to know what the space of the youth in the context of family farming. They continue or go to town? The matter of young farmer and the future of family farming is subject a lot of debate. As our region is primarily agricultural, this study is justified to raise authorities awareness, parents and own youth of the necessity for future planning. Serious social problems could be avoided if each family, young people, township and State focus on your reality and from there work for continuously improve. Are used the exploratory research, data collection through questionnaire, a non-probability purposive sample comprised 58 young people 15-30 years living in the community. The study is based bibliographically. The objectives were achieved. It was found that there were profound changes are occurring in the field with departure of youth to urban centers. The family succession is little discussed within the family. On the other hand, a new generation of farmers is emerging, with entrepreneurial vision that education is the base for the transformation.

Keywords: Youth, Family, Agriculture and Succession

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01: Na sua família, já foi discutida a sucessão da propriedade rural?

Anexo 02: Em relação à sua participação nas decisões da propriedade, você considera:

Anexo 03: Em relação à sua participação nas decisões por Gênero

Anexo 04: Jovens acima de 16 anos que concordam com a forma de administração da propriedade

Anexo 05: Caso não concorde quais são os motivos?

Anexo 06: Como obtém dinheiro por gênero

Anexo 07: Na sua opinião o que leva o jovem migrar para a cidade?

Anexo 08: Opinião por gênero sobre o que leva o jovem migrar para a cidade?

Anexo 09: Você já morou e trabalhou na cidade?

Anexo 10: Se sua resposta for sim, qual profissão?

Anexo 11: Por que você voltou?

Anexo 12: Ainda continua estudando?

Anexo 13: Quem continua estudando por gênero

Anexo 14: Com relação ao seu futuro profissional

Anexo 15: Futuro profissional por gênero

Anexo 16: SIAB (Sistema de Informação de Atenção Básica)

Anexo 17: Questionário da pesquisa

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero	70
Gráfico 2: Idade	71
Gráfico 3: Estado Civil	72
Gráfico 4: Escolaridade.....	73
Gráfico 5: Ainda continua estudando?	75
Gráfico 6: A sua família é associada em alguma cooperativa? Qual?	76
Gráfico 7: Você se orgulha em morar no meio rural?	77
Gráfico 8: Como você avalia a vida no meio rural?	82
Gráfico 9: Com relação ao seu futuro profissional	83
Gráfico 10: Você conversa com seus pais a respeito do futuro da propriedade? ..	84
Gráfico 11: você participa das decisões voltadas para a propriedade na ocasião de negociações?	86
Gráfico 12: Você é incentivado por seus pais a continuar na agricultura?	87
Gráfico 13: Como você encara a propriedade onde mora?	91
Gráfico 14: Quem vai cuidar da propriedade dos teus pais no futuro?	94
Gráfico 15: Para os filhos que vão sair de casa, já foi discutida a forma de recompensa (o que vão ganhar como herança)?	98
Gráfico 16: Se você respondeu “sim” na questão anterior, como os filhos não sucessores (os que vão sair de casa) serão recompensados?	100
Gráfico 17: Se você continuar na agricultura, vai se ater somente a atividades agrícolas, ou pretende cuidar da propriedade e arrumar um emprego na cidade?	101
Gráfico 18: Para trabalhar na agricultura, é importante fazer o 2º grau e se especializar (fazer um curso técnico, faculdade)?	103
Gráfico 19: Como você obtém dinheiro (recursos para lazer, roupas e outras necessidades suas?	104
Gráfico 20: Quais atividades de lazer e cultura que você participa em sua comunidade?.....	105
Gráfico 21: Na sua opinião, o que leva o jovem a migrar para a cidade?	108
Gráfico 22: Você já trabalhou e morou na cidade?	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivo	11
1.1.1	Objetivo Geral	11
1.1.2	Objetivos Específicos	11
2	FUNDAMENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
2.1	A agricultura familiar e o jovem	12
2.1.1	A agricultura familiar em discussão	16
2.2	A Importância das comunidades para os jovens	20
2.3	A masculinização da agricultura	23
2.4	Os dois lados: cidade versus campo.....	27
2.5	A Formação de uma nova geração de agricultores	31
2.5.1	O Ser Humano	31
2.5.1.1	Valores	31
2.5.1.2	Atitudes	33
2.5.1.3	Personalidade	34
2.5.1.4	Autoestima	35
2.5.1.5	Emoções	37
2.6	Nível educacional dos jovens agricultores	38
2.7	O perfil dos jovens empresários rurais	42
2.8	Uma cidade chamada Bresse de Saône-et-Loire, na França	44
2.9	O cooperativismo	48
2.9.1	A Cooperativa Agroindustrial Alfa	49
2.9.1.1	Missão, Visão e Valores da Cooperalfa	51
2.9.1.2	A Cota-Capital.....	52
3	HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE AGUINHAS – SÃO CARLOS, SANTA CATARINA.....	54
3.1	Geografia e População	57
3.2	Aguinhas	58
3.3	A Cooperalfa em Aguinhas	63
4	METODOLOGIA UTILIZADA	65
4.1	Delimitação do estudo.....	65

4.2	Técnica e coleta de dados	65
4.3	Caracterização do estudo	66
4.3.1	População e amostra	67
4.4	Perguntas de estudo	68
5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	69
5.1	Qual é o seu maior sonho? Como pretende realizá-lo?	114
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
7	REFERÊNCIAS.....	127
	ANEXOS	130

1 INTRODUÇÃO

Vários estudos realizados apontam que o meio rural do Oeste catarinense vem sofrendo um intenso processo de envelhecimento causado pela migração da sua população jovem para os centros urbanos.

É a família que tem o papel mais importante na vida das crianças e dos jovens. Pai e mãe são seus espelhos nas atitudes, comportamentos e reações diante de qualquer situação. Quais os motivos que afastam o jovem do meio rural? É importante saber quais os anseios dos jovens e porque se afastam da agricultura, sabendo da qualidade de vida do campo e do despreparo para a vida urbana. Está aí a importância de dimensionarmos a participação do jovem nas tarefas e decisões da propriedade.

A sucessão familiar ainda pouco discutida nas famílias deixa os jovens sem direcionamento, pois em muitos casos não sabem quem vai ficar e como serão recompensados, caso não permaneçam na propriedade.

As comunidades que são os centros de integração, estão diminuindo e como consequência, os eventos (bailes, festas, futebol), estão perdendo o brilho que sempre tiveram.

Diante desse quadro, marcado por profundas transformações sociais, um dos principais desafios que se coloca para a Agricultura Familiar da nossa região, é a preparação de uma nova geração de agricultores. Nesta tarefa estão envolvidas as instâncias governamentais, as organizações dos agricultores e as famílias.

Sabe-se que a Cooperativa Agroindustrial Alfa é composta em sua grande maioria de pequenos agricultores. Por esta razão e sendo funcionária, optei por realizar este estudo, visando um melhor entendimento da situação da agricultura familiar e das tendências perante a realidade em que vivemos.

Mas nem todos os jovens filhos/as de agricultores são ou querem ser agricultores. Então, em seus projetos profissionais, ou vão considerar as opções de trabalho que existem em sua cidade - que variam de acordo com o tamanho da cidade e tipo de economia desenvolvida localmente - ou vão ter que considerar, como componente de seu projeto profissional, a possibilidade

de migrarem para viabilizarem seu projeto, principalmente quando é necessário adquirir conhecimentos técnicos através de cursos superiores.

Para as mulheres, filhas de agricultores, em muitos casos dificilmente consideradas na instituição da herança - a maioria das sociedades rurais são mais patriarcais que as urbanas - a possibilidade de abandonarem o campo para viver na cidade é muito maior, salvo quando constituem família com um jovem agricultor.

O estudo é focado na comunidade de Aguiinhas – São Carlos, SC, por ser minha terra natal, fácil acesso às informações e a conseqüente qualidade e veracidade dos resultados obtidos, tendo como problema de pesquisa : **Qual é o espaço do jovem no contexto da agricultura familiar? Será que ele continua ou vai para a cidade?**

1.1 Objetivo

Para concretizar esta pesquisa busca-se atender os seguintes objetivos:

1.1.1 Objetivo Geral

Estudar e compreender o espaço do jovem rural na agricultura familiar.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar gênero, idade, estado civil e escolaridade do jovem agricultor de Aguiinhas, São Carlos - SC;
- Dimensionar a participação do jovem nos trabalhos e decisões do estabelecimento;
- Saber quais os motivos que levam o jovem a migrar para centros urbanos;
- Analisar objetivos futuros destes jovens.

2 FUNDAMENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A agricultura familiar e o jovem

A agricultura dos anos 60 era predominantemente, passada de pai para filho. A continuidade era garantida pois a instalação de todos os filhos era planejada. Predominava o minorato, (o filho mais novo era o sucessor da propriedade). Outra característica importante da época é a não compensação em dinheiro ou estudo para os demais filhos que não permaneciam na propriedade.

Até o fim dos anos 60 a agricultura no Oeste de Santa Catarina era muito forte. Filho de agricultor, agricultor se transformava. Fora algumas exceções, a pressão da família e comunidade garantiam a continuidade da propriedade rural, segundo o Artigo de Mello et al, 2003.

Naquela mesma época (até o fim dos anos 60) o mercado de terras apresentava-se bastante dinâmico entre os agricultores, conforme Abramovay apud Silvestro (1998) ao contrário de hoje, que “comunidades inteiras são adquiridas por pecuaristas, comerciantes ou profissionais liberais” Abramovay apud Bianchini & Bittencourt (1998).

No Oeste surgiam novos agricultores, que respeitavam a continuidade da agricultura e abriam novas fronteiras:

[...] Para isso, era necessário que se cumprissem dois objetivos: evitar tanto quanto possível, o parcelamento do seu patrimônio fundiário – cuja partilha, a partir de um certo ponto, era sinal inequívoco de debilidade – e garantir a instalação de outros membros da família num processo migratório de abertura de fronteira agrícola que se estendeu do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul até o Oeste de Santa Catarina, passando pelo Sudoeste do Paraná e atingindo o Centro Oeste ou o Norte do país (MELLO et al, 2003 p. 13).

Ainda em relação às unidades familiares até o fim dos anos 60, Abramovay (1998, p. 27) nos diz que:

Além de alimentos e matérias-primas, os agricultores do Sul do Brasil produziam, até o fim dos anos 60, algo para eles ainda mais importante: novas unidades de produção familiar, seja ali mesmo onde viviam – por meio da repartição de suas terras – seja pela permanente tentativa de “colocar os filhos”.

Conforme Abramovay (1998, p. 28) “era muito forte a pressão moral para a continuidade da profissão de agricultor”.

O esforço familiar era todo voltado para a viabilizar a instalação dos filhos no meio rural. A tradição de permanência do filho mais novo, chamado minorato, não significava deserção dos demais, ou seja, os que saíam eram recompensados com terras e instalações. “É interessante observar igualmente, nesse período, a quase inexistência da compensação em estudo e dinheiro” conforme MELLO et al (2003, p. 15).

O processo sucessório na agricultura familiar está articulado em torno da figura paterna, que determina o momento e a forma da passagem das responsabilidades sobre a gestão do estabelecimento para a próxima geração. A transição e a passagem definitiva da gestão do estabelecimento paterno levam em conta muito mais a capacidade e a disposição de trabalho do pai do que as necessidades do sucessor ou as exigências econômicas ligadas ao próprio desenvolvimento da atividade (MELLO et al, 2003 p. 17).

Não demorou muito e a questão do minorato (filho mais novo permanecia no estabelecimento rural dos pais) teve o seu fim. Os esforços para a permanência dos filhos na agricultura e a recompensa em terras, não era mais convincente. Os mais novos acabavam saindo, pois estes, devido as mudanças sociais e políticas, iam tendo acesso ao estudo, segundo pesquisa realizada em 2000, o que revela a atual situação vivida na agricultura, onde a maioria dos filhos que estudam acabam saindo do meio rural:

Observou-se que os filhos mais velhos, com idade entre 22 e 29 anos, são justamente os que estudaram apenas até a 4ª série do primeiro

grau e, por isso, possuem poucas chances de se inserir no mercado de trabalho fora da agricultura. Aliado a isso, a baixa disponibilidade e o elevado custo para aquisição de terra pressionam pela permanência do filho mais velho na propriedade paterna, enquanto os filhos mais novos estudam mais e buscam construir seu futuro profissional fora da agricultura. Nesse sentido parece haver uma passagem gradual - e perversa - de padrão, o sucessório da ultimogenitura para a primogenitura (MELLO et al, 2003 p. 19).

Conforme Abramovay (1998, p. 36) a agricultura muda a sua condição a partir de 1970:

A partir dos anos 70 a agricultura familiar do Sul do país expõe-se a uma dupla ruptura: por um lado, as possibilidades objetivas de formação de novas unidades produtivas encontram-se cada vez mais limitadas, por outro, a ideia de que, na sua grande maioria, os jovens no campo destinavam-se a reproduzir os papéis de seus pais é cada vez menos verdadeira no interior das próprias famílias.

Observa-se que a partir do momento que as escolas abriram oportunidades de profissionalização fora da agricultura, o minorato acabou, sendo o filho mais velho o sucessor, justamente por não ter tido a oportunidade de estudar. Começou a desvalorização da profissão de agricultor, pois quem estudava saía da roça, a origem da visão distorcida do meio rural e da baixa autoestima dos mesmos que ficaram.

Ainda conforme Mello (2003), o fato de herdar a propriedade implica em pagamento aos demais filhos e a responsabilidade maior de cuidar dos pais na velhice. Os filhos que deixam a propriedade têm uma probabilidade grande de deixar o meio rural, visto da recompensa em dinheiro ou estudo.

Na divisão do patrimônio, deve-se analisar a situação das filhas, em que ainda predomina a visão machista. Segundo Spanevello apud Carneiro (2008, p. 2) “as mulheres são excluídas da herança da terra ou do papel de sucessoras porque seu trabalho na agricultura é visto como uma extensão do papel de esposa; e não são socialmente reconhecidas como capazes de chefiar o estabelecimento familiar”.

As situações que permitem às mulheres o acesso a terra, é quando não há descendência masculina, quando há uma filha casada que cuida dos pais na velhice, quando os pais possuem muita terra ou, ao contrário, quando a exploração agrícola não tem importância como meio de produção para os herdeiros (SPANEVELLO apud PAULILO, 2008, p. 2)

Conforme Spanevello apud Carneiro (2001), Paulilo (2004), Santos (1984), (p. 02) “[...] uma das regras costumeiras é recompensar as mulheres com o enxoval composto de roupas de cama, mesa e banho, utensílios domésticos e, por vezes, máquina de costura e vaca leiteira, podendo ter mais ou menos itens conforme as posses dos pais”.

As mulheres podem receber terras, mas em quantidade menor que os homens. Isso pelo fato de elas não fazerem uso das mesmas e, sendo assim, ficam na pendência moral de vendê-las para o irmão sucessor, de acordo com Spanavello (2008).

Spanavello apud Paulilo (2008), conta que o trabalho das filhas é visto como “uma ajuda”, muitas vezes não dá o direito à herança, sendo que os filhos não sucessores recebem dinheiro ou imóvel como recompensa pelo trabalho realizado em casa. As filhas adquirem o enxoval com o salário em trabalhos urbanos.

As filhas recompensadas de formas diferenciadas através de estudo ou dinheiro, ou ainda de certa forma excluídas da sucessão, tendem a abandonar de vez o meio rural.

Em relação a sucessão no campo, Abramovay (1998, p. 17) escreve que:

A **questão sucessória** no campo não pode ser encarada estritamente como um tema microeconômico da administração empresarial. O que está em jogo neste processo, mais que o futuro de certas empresas e famílias, é o próprio destino de boa parte das regiões que hoje passam por processos severos de êxodo rural.

De acordo com Melo et al (2003), o processo sucessório leva a conflitos entre os filhos, pois os demais precisam ser remunerados. Embora o diálogo

seja mais fácil nos dias de hoje, a sucessão é um assunto pouco abordado na família.

Conforme o resultado da pesquisa de Mello et al (2003), realizada em 1997, 36% dos pais responderam que enquanto tiverem condições de dirigir a propriedade, não haverá lugar para a sucessão. Apenas 22% concordam em passar o poder de gerenciamento para os filhos, quando estiverem preparados. A pesquisa também mostra que os filhos esperam outra atitude: 45% dos rapazes dizem que o momento certo para assumir a propriedade é quando os mesmos estão preparados para gerenciar com autonomia.

Na pesquisa da Cooperalfa (2009), realizada em julho de 2009 com 2 mil jovens, filhos de associados, quando perguntados se já foi discutida a questão da sucessão da propriedade rural, 50,81% responderam que sim e 49,19% que não. **(anexo 01)**

Percebe-se que a sucessão não é muito discutida, pois conforme a pesquisa mais recente que é da Cooperalfa, praticamente a metade não fala sobre a sucessão. Os filhos tem uma expectativa diferente que os pais, principalmente do pai, que muitas vezes não quer entregar o poder ao filho e em contrapartida, o filho quer assumir a gestão da propriedade quando sente que está preparado. A responsabilidade que implica a sucessão faz com que não seja fácil alguém se candidatar, visto que assim, a situação acaba ficando indefinida até que há uma obrigação em decidir.

2.1.1 A agricultura familiar em discussão

A agricultura familiar, característica do Oeste Catarinense sofre sérias ameaças, devido a industrialização e a pouca valorização do meio rural, que não permite que o jovem tenha uma renda mensal, o que possivelmente poderia segurar muitos deles na agricultura. Sabe-se que muitos, mesmo gostando da vida agrícola, preferem abandoná-la para se “inserir na sociedade”. A falta de perspectivas por parte dos jovens pode significar o fim da agricultura familiar.

Em relação a agricultura familiar, segundo Silvestro et al (2001), há muito tempo abandonada pelos governantes, nos últimos anos vem se tornando o centro das atenções de políticas públicas e interesses políticos pouco claros em muitos casos. Deixou de estar no anonimato diante de fatos importantes que estão ocorrendo no Oeste de Santa Catarina, em que os filhos saem do meio rural e vão trabalhar em outras cidades. Como ficam as propriedades se os herdeiros as abandonarem? Para onde está indo a agricultura familiar? As grandes propriedades exportadoras estão engolindo as pequenas e assim inchando os centros industriais. E o futuro desses jovens, a educação e oportunidades? São crianças que aprenderam durante a vida como trabalhar na agricultura, profissionais para desenvolver seu potencial ali no campo.

[...] os jovens que estão sendo descartados por essas transformações são os que tendem a estar em níveis inferiores de educação escolar, condenados, de certo modo, à participação em oportunidades de trabalho precárias fora do mundo que os educou. Não obstante, são dotados de um saber, aprendido ao longo da vida, desde a infância, como é próprio do campo, que faz deles profissionais altamente qualificados para a agricultura familiar. (SILVESTRO, et al, 2001 p. 8)

O êxodo rural, considerando as décadas entre 1980 e 2000, foi mais significativo em 1990 conforme a pesquisa de Brumer et al (2007, p. 6):

[...] considerando-se o período de duas décadas, entre 1980 e 2000, ela diminuiu em cerca de 180 mil pessoas, diminuição que representa quase 1/3 da população rural residente na região em 1980. Esta diminuição foi mais significativa na década de 1990 do que na década anterior (entre 1980 e 1991 registrou-se uma taxa de crescimento anual de -1,25%, enquanto que entre 1991 e 2000 esta taxa foi de -2,49%).

Essa migração representa o fim da agricultura familiar. Silvestro et al (2001) esclarece que a providência a ser tomada é aperfeiçoar e expandir políticas a fim de assegurar recursos apropriados à habitação e à produção.

De acordo com o autor abaixo, as famílias tem um papel decisivo na escolha da profissão do jovem agricultor:

[...] Dizer simplesmente que uma renda agrícola alta freitaria ou atenuaria os atuais processos migratórios é excessivamente simplificador: As relações intra-familiares tem um papel central na maneira como é organizado o futuro de cada membro da família (ABRAMOVAY, 1998, p. 26)

Na agricultura familiar o jovem acompanha os trabalhos desde cedo e tem pouca autonomia, segundo Brumer et al (2007 p. 10):

A situação dos jovens no meio rural é antes de subordinação do que de autonomia. Embora participem ativamente das atividades na lavoura e na pecuária, enquanto permanecem vivendo com seus pais, são submetidos à sua autoridade e, de modo geral, tem pouco espaço na tomada de decisões. Adicionalmente, raramente tem uma renda própria, necessitando pedir aos pais dinheiro para seus gastos pessoais.

Quanto a participação dos jovens nas decisões da propriedade, a pesquisa da Cooperalfa (2009) (**anexo 02**) mostra que a mesma está aumentando, sendo que 58,29% responderam que sim, que está aumentando. Levando em conta o gênero (masculino x feminino), 64,88% dos homens têm participação nas decisões, contra 48,82 das mulheres (**anexo 03**).

Os filhos e filhas vivem no meio rural e acompanham os pais em algumas tarefas desde cedo, integrando-se nos processos. “Aos poucos vão assumindo atribuições de maior importância e chegam na adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento” (SILVESTRO et al, 2001, p 27).

Mas isso não segura o jovem. Não é o suficiente. Na agricultura familiar de menor renda, as condições de trabalho são precárias, os rapazes principalmente, tem pouca instrução, o que dificulta a inserção no mercado de trabalho urbano. Ocorre uma falta de motivação e mesmo com as dificuldades

na cidade, a chance de ganhar dinheiro é maior. Por mais que o desejo é permanecer na agricultura, que é sua vocação, moças e rapazes vão à procura de novas oportunidades, pois na roça as condições são péssimas, não tem dinheiro para investir, as intempéries muitas vezes acabam com um sonho.

O fato de o jovem não ter uma atividade que resulte em uma renda mensal, é outro motivo pelo afastamento da atividade agrícola. Como ter dinheiro para o lazer? “A ausência de perspectivas na unidade familiar de produção, pode significar também o início do afastamento da atividade agrícola”, conforme Silvestro et al (2001, p. 83).

Em contrapartida, na pesquisa da Cooperalfa (2009), **(anexo 04)** aparece que 87% concordam com a forma de administração da propriedade, 11% não concordam e 2% não responderam esta questão, pergunta respondida por jovens acima de 16 anos.

Entre os 11% **(anexo 05)** que não concordam, os principais motivos estão na falta de planejamento, gerenciamento, administração, gestão e organização das propriedades o que representa 49%; os pais são conservadores, 22%; falta de conhecimento e aperfeiçoamento ficou em 12%; deve investir em tecnologia e inovação, 6,5%; não concorda com as atividades que estão sendo desenvolvidas, 4,5%; falta de mão de obra, 2% e restrição na quantidade de terras e falta de recursos, ficou em 4%.

Para ter futuro na agricultura, ser proprietário da terra é um requisito, sendo que a condição de arrendamento não é viável e coloca o jovem em posição inferior na sociedade. Existe um interesse muito grande em adquirir terra por meio de financiamento junto ao programa Banco da Terra. Mas, conforme mostra Silvestro et al (2001), um agricultor não proprietário passa por inúmeras dificuldades para ter acesso a créditos e políticas de apoio existentes. E a terra dos pais não tem condições de abrigar todos os filhos, mesmo que sejam dois ou três. O que acontece? A solução óbvia é a migração para a cidade, mais percebida entre as moças.

Existem basicamente três fontes de renda vindas de fora do estabelecimento, em ordem de importância: aposentadoria, o envio de dinheiro por parte de filhos que deixaram a propriedade familiar e o trabalho assalariado na própria agricultura (que se faz fora do estabelecimento, mas não fora da agricultura, bem entendido). Rendas

provenientes de fontes exteriores ao estabelecimento agropecuário são tanto mais importantes quanto maior a pobreza das famílias. E estas rendas – ao menos tomando-se por base o universo do Oeste de Santa Catarina - distanciam-se nitidamente do que se poderia considerar como “novo rural”. Tanto é assim, que nos estabelecimentos mais prósperos a renda não-agrícola tem participação bem reduzida (SILVESTRO, et al, 2001, p. 96-97).

Os pais que têm um papel decisivo na saída dos jovens do meio rural, sem querer, incentivam o abandono da agricultura. Existe um isolamento, pouca informação, falta de planejamento e nenhuma noção do que vem a ser a vida na cidade para quem sai sem nenhuma experiência.

A agricultura familiar que passa por transformações no decorrer das últimas décadas, pode desaparecer se nada for feito. Mas, conforme pesquisas recentes, e no nosso caso a pesquisa da Cooperalfa (2009), o jovem está mudando sua mentalidade em relação ao seu papel na propriedade e os pais estão mais abertos ao diálogo.

2.2 A Importância das comunidades para os jovens

No meio rural os centros comunitários são a primeira forma de socialização na vida das crianças. É lá que se desenvolvem e aprendem a conviver em sociedade. As comunidades são importantíssimas para a continuidade da agricultura familiar.

As integrações através de vários grupos (jovens, mães, futebol) e de festas e bailes, são para os jovens, o motivo principal do seu trabalho na propriedade. Mas quando os mesmos não conseguem acompanhar o grupo por falta de dinheiro e por falta de um vestuário adequado e equiparado aos demais, começa o isolamento, a baixa autoestima e o conseqüente abandono do meio rural.

Conforme a pesquisa da Cooperalfa (2009) o jovem ainda continua na condição de pedir dinheiro para o lazer. Não tem renda que possa ser considerada sua. A dependência do dinheiro para lazer é muito mais alta entre as meninas, em que 42,92% delas pedem dinheiro cada vez que precisam,

contra 25,04% dos meninos (**anexo 06**). Em porcentagens menores aparece a decisão do pai em fornecer dinheiro, 14,65% masculino e 10,85% feminino. Conforme a mesma pesquisa, ainda é pequena a participação do jovem na produção, em que o mesmo possa receber parte, sendo de 35,98% do sexo masculino contra 19,1% do sexo feminino que tem participação (percentual) da produção da propriedade; 13,94% dos meninos tem que pedir dinheiro, mas o pai também dá a seu critério e 17,57% das meninas; 11,89% dos meninos trabalham fora para obter dinheiro e 11,44% das meninas estão nessa mesma situação.

A autonomia do jovem ainda é pouca para que ele possa ter lazer e projetos para o futuro sem que o pai dê a palavra final. Dessa maneira limita a liberdade de ter sonhos próprios e iniciativas na propriedade.

O lazer e a renda própria são difíceis de conciliar na agricultura, ficando dependentes em pedir dinheiro para o pai, conforme Silvestro (2001).

Segundo Stropasolas (2006), as comunidades são um meio de socialização, aumentam a vida coletiva. É em torno das mesmas que se cria a vizinhança. A comunidade é um meio de expressão cultural, reunião de forças e é onde tem a Capela, o centro religioso. Conforme Stropasolas (2006, p.130) “a sede da comunidade sempre serviu de espaço de convergência, de manifestação do sagrado, do lúdico, da transmissão e intercâmbio de informações, de reconstrução do mundo cultural”.

A comunidade é o local onde tudo acontece. Os cultos, festas, bailes, eventos esportivos, casamentos. É o único meio de recreação. As crianças tem seu primeiro contato com outras pessoas na comunidade e serão fruto do meio. “[...] a iniciação escolar, entre outros eventos que, reproduzidos contínua e historicamente, contribuem para dinamizar a vida social das famílias de agricultores”(STROPASOLAS, 2006, p.131).

Em relação aos grupos de jovens, Silvestro et al (2001, p.59) escrevem que:

A imagem de isolamento frequentemente associada à vida no meio rural não é apenas um preconceito. Os grupos de jovens da Igreja Católica são a mais importante forma de socialização dos rapazes e das moças do Oeste de Santa Catarina. Convém lembrar que a maioria deles não são grupos constituídos permanentemente. Os

encontros acontecem de forma esporádica e com o objetivo principal de discutir questões religiosas e relacionadas ao lazer. Quase nunca tratam das questões ligadas ao seu futuro profissional.

Stropasolas (2006, p. 171), nos diz que: “[...] os jovens atores sociais representam a angústia e expressam os sentimentos de quem busca um lugar e um papel na sociedade.” O jovem quer ser visto como ele é, ser alguém reconhecido na sociedade. Mas para obter esta inclusão social são necessárias ações dos próprios jovens e de quem os representa. Mas não se pode esquecer da trajetória de cada um, a herança cultural e social dos grupos familiares e como eles se enxergam nesta sociedade e a partir daí começar um processo de inserção, segundo Stropasolas (2006).

Há também a solidariedade comunitária:

Eu estava na terceira série, o pai sofreu um acidente, na trilhadeira, e ficou um bom tempão no hospital em Joaçaba, aí o meu irmão, acho que ele tava na quarta série, aí ele tinha 10 anos, eu já não trabalhava tanto na roça, mas ele com 10 anos, ele tinha que ajudar a mãe direto, plantava com aquelas máquinas, sabe? Era pequenininho, a máquina era quase da altura dele, e tinha que ir, porque tinha que plantar, tinha que colher, já que o pai tava no hospital, o que se ia fazer? Apesar que os vizinhos, a comunidade ajudava, mas a gente tinha que se virar [...] eles escalavam as pessoas, tipo, tal dia vai tantas pessoas lá ajudar. Na época de colheita, no caso se tivesse bastante coisa pra colher e eles não dessem conta, daí eles até se organizavam, mas aí era mais com os vizinhos, só. Mas quando acontece um acidente em qualquer família, eles fazem isso (moça, Linha Bonita) (STROPASOLAS, 2006, p. 213-214).

A comunidade é a segunda família do jovem. As amizades afloram lá mesmo e é onde ele cria forças para enfrentar o mundo. A solidariedade é outra marca registrada.

O meio rural visto a partir da comunidade tem muita qualidade. Meninos e meninas criam o seu jeito de ser. As famílias se integram através dos eventos e lideranças vão surgindo.

Percebe-se que as comunidades vão reduzindo ano após ano. Esse esvaziamento vai puxando os pré-adolescentes que se espelham nesta realidade e não querem ficar. Assim, criam uma confusão cultural. Falta de

identidade, o que é visível, pois quem é da colônia procura recreação com pessoas da mesma identidade social.

Aqui entra o papel dos pais, associação de agricultores e as instâncias governamentais, pois a tecnologia está ao alcance de quase todos, os incentivos também. É hora de ampliar e dar oportunidade de estudo sem precisar abandonar o campo, e assim fortalecer a comunidade com novas ideias trazidas da inserção social através do ensino.

2.3 A masculinização da agricultura

Os meninos na maioria ficam, pois serão os herdeiros das terras. E as meninas, no geral, não casam com os rapazes do meio rural, por suas experiências na roça, não satisfazerem seus desejos de mulher.

A roça está no sangue das crianças que acompanhavam os pais desde cedo, brincando e trabalhando. “O prazer se mistura com as circunstâncias nem sempre prazerosas do dever” Stropasolas, (2006).

Conforme nos fala Silvestro et al (2001), o jovem do meio rural com pouca oportunidade educacional é que acaba ficando. Ao mesmo tempo, esse mesmo jovem é atraído pelas luzes da cidade e pela falta de perspectivas na roça. Daí uma realidade, onde é nítido que as moças têm mais estudo que os rapazes, sendo essa uma forma de herança dos pais. Os rapazes herdariam a terra e as moças o estudo.

Referente à masculinização da agricultura que afeta as perspectivas dos jovens agricultores, Brumer et al (2007, p. 11) nos traz que:

[...]na ausência de um trabalho regular na esfera produtiva para todos os membros da família, a atividade agrícola torna-se um domínio dos homens, enquanto que as mulheres ‘ajudam-nos’ quando necessário e se dedicam prioritariamente à esfera doméstica, que inclui, além do trabalho referente à parte interna da casa, as tarefas da horta e do pomar, o cuidado de animais (principalmente se forem destinados ao consumo da própria família) e a transformação de alimentos.

Em relação ao êxodo rural, masculinização e envelhecimento do campo, Abramovay (1998, p. 16) escreve que:

O êxodo rural nas regiões de predomínio da agricultura familiar atinge hoje as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Ao **envelhecimento** acopla-se, mais recentemente, um severo processo de **masculinização** da juventude. As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes.

Ainda em relação à migração dos jovens como estratégia de vida, Abramovay (1998, p.44) nos fala que: “No Oeste de Santa Catarina existem algumas agências de recrutamento de garçons para Porto Alegre, São Paulo ou para a região litorânea do próprio Estado”. Em relação a migração das moças: “[...] muitas famílias estimulam e patrocinam sua migração para as cidades na condição de domésticas, mas numa família da qual se tenha referência personalizada e que se comprometa a assegurar a continuidade dos estudos” (ABRAMOVAY 1998, p. 44).

Segundo o que nos fala Stropasolas (2006), a divisão do trabalho começa cedo. As meninas são ensinadas a fazer o serviço de casa, os afazeres domésticos e os meninos atuam na roça. Quando as meninas crescem, também ajudam na roça, passam até mesmo fazer jornada dupla, sendo que limpar a casa é com elas. Todos levantam pela manhã e já sabem o que fazer. Não tem escolha, pois conforme a força de trabalho disponível e trabalho esperando, todos pegam juntos, sabendo que as despesas e custos produtivos tem que ser pagos, não importando quantas horas por dia de trabalho, podendo chegar a 16 horas diárias, conforme Stropasolas (2006).

Trabalho excessivo, que tira até mesmo o lazer, que para os jovens é tão importante. Os filhos são criados de forma rude, pois assim veio de geração em geração.

Os filhos nem sempre gostam dos trabalhos da roça, onde depois, mais tarde, lembram como um sacrifício, pois a roça além do sol quente sempre tem serviço, em que as pessoas se sujam muito e a vaidade feminina, por exemplo, é esquecida. Com chuva ou sol, trabalho sempre tem, seja na roça ou no “paiol”. As moças mais novas estudam e vão para as cidades, não gostam da

roça. A diversificação dos trabalhos na agricultura (vacas de leite, aviário, suínos), afasta os jovens dos trabalhos diretos na roça e depois eles não querem mais saber da lavoura, principalmente as mulheres, Stropasolas (2006).

Associa-se também o processo de envelhecimento do campo:

Ao envelhecimento, soma-se mais recentemente um severo processo de masculinização, pois as moças estão deixando o campo antes e numa proporção maior que os rapazes (ABRAMOVAY et al., 1998). O êxodo acentuado de jovens faz emergir aquilo que se pode chamar de “questão sucessória” na agricultura, isto é, quando a formação de uma nova geração de agricultores perde a naturalidade com que era vivida até então pelas famílias e pelos indivíduos envolvidos nos processos sucessórios (MELLO et al, 2003, p.4).

Conforme pesquisa realizada por Spanavello (2008 p. 4-5), pode-se levantar várias situações que levam a masculinização da agricultura. Através de relatos dos agricultores a situação das filhas pode ser resumida da seguinte forma:

- O estabelecimento fica com o sucessor e as filhas, além do estudo, recebem alguma terra, logicamente em menor proporção que o sucessor;
- O sucessor fica com o estabelecimento e as filhas vão herdar um imóvel na cidade;
- O sucessor fica com o estabelecimento e as filhas ganham estudo e dinheiro;
- O sucessor vai herdar o estabelecimento e as filhas ganham o estudo;
- O sucessor herda o estabelecimento ou pelo menos parte dele, e as filhas herdam terras em outro local ou parte do estabelecimento;
- O sucessor herda o estabelecimento e as filhas recebem em dinheiro, mesmo com estudo.

Estas questões mostram a forte tendência de as moças abandonarem a agricultura, saírem para estudar e dificilmente estabelecerem-se no meio rural para ali viver e ter a sua família. Isto dificulta os casamentos com os rapazes agricultores, conforme Spanavello (2008).

As mulheres reclamam da falta de tempo para elas, de se cuidarem, o que baixa a autoestima pois mesmo nos fins de semana os serviços não cessam. Na agricultura não tem como tirar férias, não tem como dormir até mais tarde nos domingos. A rotina é pesada e contínua.

A falta de tempo para se cuidar e o fato de trabalhar de sol a sol, afasta as meninas. Com a vaidade aflorada, elas não querem se sujar e imaginam realizar os seus sonhos na cidade, podendo se arrumar todos os dias, estudar e se socializar com outras pessoas e outros jovens, procurando formar suas famílias longe do meio rural. Os meninos acabam ficando. Mas como criar suas famílias se as meninas não querem ficar na agricultura? E no geral estes jovens acabam abandonando os estudos muito cedo.

Em relação a pesquisa da Cooperalfa (2009), quando perguntados sobre os motivos que levam o jovem a migrar para a cidade, vários foram levantados, entre eles a dificuldade de diálogo com a família, falta de tecnologia, falta de opção para lazer e recreação, entre outros **(anexo 07)**. Mas, levando em consideração o gênero, 66,98% do sexo feminino, saem para estudar, sonho de ter outra profissão que não seja agricultura, contra 36,93% do sexo masculino **(anexo 08)**.

Observa-se que as filhas de certa forma são induzidas culturalmente e não propositalmente a abandonar a agricultura, pois na sucessão são recompensadas de forma diferenciada, muito raramente em terras e sim em dinheiro e/ou estudo.

Percebe-se que predomina a educação “machista” em uma sociedade em que a mulher está tomando conta do mercado de trabalho urbano. No campo, mesmo que essa situação tenha mudado muito nos últimos anos, prevalece o “machismo”, o que é nítido quando se fala em herança e participação nas decisões, em que a mulher é vista como uma extensão do lar. Tanto isso é verdade que anos atrás constava nos registros das mulheres agricultoras como sendo: Do Lar.

Sabe-se da importância de todos os setores em uma organização. Se há um furo em qualquer área, o resultado não é o mesmo e pode levar a falência. Assim é a propriedade rural, uma empresa. Os afazeres domésticos fazem parte dessa rotina e são a base de todos os outros trabalhos.

Culturalmente o “machismo” está muito presente no nosso meio. Há casos em que a mulher é excluída da herança ou ganha menos, trabalhando tanto ou mais que o homem, entre outras situações vistas anteriormente que provam o “machismo”.

A masculinização da agricultura é uma questão muito séria que exige rever conceitos, formas de trabalho, autoestima, mudança cultural nas famílias e valorização da profissão.

2.4 Os dois lados: cidade versus campo

Os jovens vêem este lado bom da cidade, mas quem viveu as duas realidades, lembra dos dias de chuva, onde se comia pipoca, o tradicional soninho da tarde, ou seja, uma qualidade de vida, com menos pressão, pois na cidade o horário é rigoroso, a cobrança é diária, meta para atingir e assim por diante.

Na cidade, apesar das vantagens de trabalhar 40 horas semanais e tirar férias, nos fins de semana sobra o serviço de casa para colocar em dia. No interior não tem horário fixo e nos fins de semana os serviços continuam, como tirar leite, tratar o gado, suínos, aviários, entre outros.

Conforme Stropasolas (2006), na cidade as pessoas se consideram escravos do relógio, normas, tarefas, fora daquilo que viveram até então. É difícil passar por essa transição, trabalhar em ambiente fechado para quem viveu no meio da natureza, com total liberdade de andar de qualquer jeito (bermuda, chinelo).

Entre os jovens da pesquisa da Cooperalfa (2009) que já moraram e trabalharam na cidade, mas que retornaram foi um percentual de 12,66% do total (**anexo 09**). É interessante levar em consideração as profissões exercidas por estes jovens.

Vale listar todas as profissões que aparecem na pesquisa (**anexo 10**):

- Controlador de pragas urbanas;
- Serviços gerais em laticínios;
- Empregada doméstica;

- Trabalho em restaurante;
- Cozinheira;
- Supermercado;
- Promotor de vendas;
- Serviços gerais;
- Auxiliar de produção;
- Auxiliar de mecânica;
- Costureira;
- Babá;
- Manicuri;
- Pedreiro;
- Motorista;
- Açougue;
- Operador de máquina;
- Jardineiro;
- Serraria;
- Padeiro;
- Secretária;
- Lavador;
- Estudante;
- Serviço Militar.

Mão de obra especializada:

- Eletricista;
- Gerente;
- Técnico em Agropecuária;
- Professora;
- Médica Veterinária;
- Policial Militar.

Quando perguntados por que voltaram, 27,74% disseram que é para ajudar e cuidar a família; 24,85% porque gosta da agricultura; 20,80% por falta de recursos para viver na cidade; 10,46% não se adaptou na cidade; entre outras questões menos representativas na pesquisa (**anexo 11**).

Esses dados levantados pela Cooperalfa (2009) comprovam que o jovem sai na ilusão de uma vida melhor, sem preparo e se depara com uma realidade diferente daquela dos sonhos.

Conforme aparece no livro de Silvestro et al (2001), hoje mudou a concepção de que o filho precisa ficar para cuidar dos pais. O próprio jovem enxerga que tem futuro no meio rural, mas desde que tenha capital. Algumas famílias com renda muito baixa incentivam os filhos a irem para a cidade, visto que não tem recursos para oferecer uma vida digna. Ainda a cidade é o refúgio para as pessoas menos instruídas que vão só para trabalhar e a grande maioria sem intenção e condição para continuar os estudos.

Através de relatos, os jovens falam das diferentes realidades, interior versus cidade. Alguns dizem que na cidade é melhor, aflorando os desejos daqueles que continuam com suas famílias no campo.

No livro de Stropasolas (2006, p. 224-225), o relato de uma jovem:

A minha irmã, por exemplo, ela disse que se fosse pra ela ficar aqui ela não ficaria, porque o que eu faço ela não faz. Ela diz que é melhor na cidade. Tem muito, muito serviço e o lucro que a gente tem é muito pouco, daí desanima também, trabalha, trabalha tanto e no final do mês não sobra nada, depois, que nem na cidade também é difícil. Um tempo aí eu queria ir pra Perdigão depois desisti, daí acabei ficando, estou aqui ainda, não sei se vou ficar muito, sei lá. Se continuar assim é difícil eu ficar aqui, não ta dando nada e às vezes desanima né, trabalha, trabalha e ta sempre no mesmo. O aviário também dá pouco, não ta dando muito, o leite também, o preço ta baixo [...]

Conforme Stropasolas (2006), foca-se a penosidade do trabalho na roça, mas esquece-se da vida na cidade onde os filhos precisam conviver com uma rotina em que os pais saem pela manhã e voltam a noite, ou então estão desempregados, na miséria, violência no trânsito, assaltos, sequestros, que são conseqüências da civilização moderna.

Não se pode esquecer da questão dos agroquímicos que são usados na roça, e expõem os agricultores a uma situação difícil, em que sem os mesmos não conseguem realizar seus trabalhos, visto que os tempos de capinar ficaram no passado, pois nenhuma família se sustenta assim, além da qualidade da água no uso inapropriado dos produtos químicos. O uso dos venenos também

faz com que os jovens repensem seu futuro na agricultura, e as intempéries que muitas vezes acabam com sonhos, uma vez que a agricultura depende também da mãe natureza.

Devido aos altos investimentos com a plantação, adubação e na hora da colheita, a produção é pouca, sendo um dos principais fatores que desanima esses jovens, conforme nos fala STROPASOLAS, 2006, p.235, em um relato:

Na cidade, se tu trabalha tem teu dinheiro todo fim de mês né, e aqui não, aqui se tá bom tá bom, se dá uma seca ou chuva que estraga tu não ganha né, o lote de frango se tá ruim tu ganha pouca coisa, tem as despesas, é sempre assim né. Então lá, o “piá” sempre diz né, aquele que saiu, lá todo fim do mês eu tenho o meu salário, trabalha mais tem, mas aqui você trabalha e às vez não tem, por que não sobra nada. Na cidade pensa assim, trabalhando, trabalhando, na cidade ainda é melhor por que chega fim do mês você tem o teu salário, e aqui nunca é garantido que você vai ter [...].

Outros fatores de exclusão do jovem, que começaram nos anos 90:

i) diminuição do volume de recursos de crédito agrícola e aumento das taxas de juros, especialmente nos anos 1990; ii) esgotamento dos recursos naturais, explorados acima de sua capacidade; iii) redução da rentabilidade de alguns produtos tradicionais, especialmente o milho, os suínos e o feijão. Além destes fatores conjunturais, contribuíram também para a crise fatores estruturais, como: i) grande distância dos principais mercados consumidores; ii) escassez de terras aptas para culturas anuais, que somam apenas um terço da área total da região; iii) esgotamento da fronteira agrícola; iv) estrutura fundiária excessivamente subdividida, onde em geral, os menores estabelecimentos concentram os solos mais declivosos e pedregosos (MELLO et al, 2003, p.4).

Os fatores citados anteriormente, geraram uma descapitalização de muitos estabelecimentos agrícolas, dificultando o desenvolvimento de novas atividades, intensificando assim o êxodo rural, em especial na população jovem.

A tecnologia, estar inserido em um mundo conectado, as luzes da cidade, fazem toda diferença na mentalidade do jovem. O meio rural e o mundo

do conhecimento não podem ser opostos. É por aí que começa a valorização do jovem rural e é isso que ele vai colocar na balança ao decidir seu futuro.

Nota-se que o jovem se encontra em situação de difícil escolha se colocar tudo na ponta do lápis. E a pergunta que deve ser feita é: “será que a cidade vai proporcionar tudo que está em meus sonhos?” em vista do que foi exposto neste texto, “será que preciso abandonar o que é meu e trabalhar sob pressão em uma empresa que paga pouco que mal consigo pagar as contas?”.

Percebe-se que a vaidade feminina na cidade nem sempre se sobressai. Tem situações onde mal dá para pagar as contas e muitas vezes a alimentação é precária. Isso é fato, pois para comer uma fruta é preciso desembolsar dinheiro. A beleza depende primordialmente de uma alimentação equilibrada, o que no meio rural apenas com a vontade de produzir consegue-se ter uma horta e um pomar que produz o ano inteiro.

O sonho que leva o jovem para a cidade como nos casos vistos anteriormente, podem acabar em pesadelo pois nas profissões não especializadas o salário fica na faixa de R\$ 600,00. Com esse dinheiro ele não tem a qualidade de vida que teria no campo. Ter o dinheiro na mão fim do mês, na cidade, não significa que com esse valor seja possível viver bem. E não ter esse mesmo dinheiro na mão no meio rural também não significa que não seja possível viver bem. Ou seja, antes de tomar uma decisão que possa mudar a vida, tudo deve ser colocado na ponta do lápis e decidir pelo melhor, usando a razão e não a emoção.

2.5 A Formação de uma nova geração de agricultores

2.5.1 O Ser Humano

2.5.1.1 Valores

Os valores são convicções baseadas na educação, meio de convivência, o que o ser humano acredita ser correto. Na escola, durante a infância, os valores são ensinados pelos professores e na família isso se complementa. É assim que o indivíduo começa a discernir o certo do errado. A partir do momento que esses valores estão formados na pessoa, dificilmente mudam, pois se tornam parte da personalidade e a ação é uma consequência. Robbins (2005, p. 54), vem a confirmar que os valores são adquiridos durante a infância:

[...] Quando crianças, ouvíamos que determinados comportamentos ou resultados eram *sempre* desejáveis ou *sempre* indesejáveis. Havia pouco espaço para ambiguidade. Você aprendia, por exemplo, que deveria ser sempre honesto e responsável. Nunca lhe disseram para ser um pouco honesto ou levemente responsável. É esse aprendizado de valores absolutos, ou “preto no branco”, que de certa forma, garante a sua estabilidade e duração.

Os autores Cohen e Fink (2003, p. 173) falam que “os valores formam o alicerce do caráter da pessoa”.

Embora alguns dos valores podem mudar no correr da vida, eles tendem a permanecer profundamente enraizados na personalidade. Uma pessoa desenvolve desde cedo um sentido de certo e errado, bem e mal.

Sobre valores, Dubrin (2003, p. 65) escreve que: “valor refere-se à importância que a pessoa dá a algo que serve como orientação como agir”. Ainda conforme Dubrin (2003, p. 65) “Os valores também estão ligados à crença duradoura de que o modo de conduta de uma pessoa é melhor que o modo oposto de conduta”.

De acordo com Robbins (2005), os valores servem de pilar para a vida, levam a ter determinadas atitudes. Isso não quer dizer que não há mudanças, mas essas mudanças ocorrem frente a questionamentos que vem a reforçar o que está no subconsciente, o que já temos como base para uma análise de determinada situação. O que ocorre em muitos casos onde há, diga-se um

“desvio de conduta”, é um choque dos valores aprendidos e a realidade encontrada. Ocorre a frustração, desmotivação, o desapontamento. Um jovem do meio rural, por exemplo, que em casa sempre teve a comida, frutas, horário flexível de trabalho, resolve trabalhar em uma indústria, em um ambiente fechado, insalubre, para ganhar um Salário Mínimo, em que no início do mês ele vai ao supermercado e paga pelas frutas e verduras que em casa tinha a vontade, acaba se frustrando, e assim, muda o comportamento perante a vida, pois seus valores não estão de acordo com a nova realidade. Mas eles continuam lá. Ele pode mudar a sua realidade para melhor, de acordo com seus valores, assumindo uma nova postura diante da vida, ou também de acordo com seus valores, pode se retrair sempre mais e ficar na mediocridade.

2.5.1.2 Atitudes

A atitude é a reação do sentimento em relação a um objeto, pessoa, situação. Segundo Robbins 2005, a atitude é composta pela cognição, que é uma forma avaliadora servindo de base para uma parte crítica da atitude que é o afeto, que se refere ao sentimento e emoções e depois vem o comportamento, ou a intenção de se comportar de tal maneira perante determinada situação.

Também segundo Robbins (2005, p. 60), “ao contrário dos valores, as atitudes são menos estáveis”. Ou seja, podemos mudar nossas atitudes a qualquer hora, que podem ser desejáveis ou não. Um jovem, com seu convívio ao se deparar com uma situação de menosprezo diante de colegas, por exemplo, pode ter uma atitude de revolta, isolamento ou então pode querer dar o troco na mesma moeda. Isso não quer dizer que essa pessoa não leve em conta os seus valores. Com certeza os mesmos o acompanham.

As **atitudes** são afirmações avaliadoras – favoráveis ou desfavoráveis – em relação a objetos, pessoas ou eventos. Refletem como um indivíduo se sente em relação a alguma coisa. Quando digo “gosto do meu trabalho”, estou expressando minha atitude em relação ao meu trabalho (ROBBINS, 2005 p.60).

De acordo com COHEN e FINK (2003, p. 64):

As atitudes constituem a outra categoria utilizada para separar as partes de um sistema social. Estas podem incluir percepções neutras (“sempre que ajudo Carlos, ele sorri”), sentimentos (“gosto de meu trabalho”) ou valores (“nada é mais importante do que a honestidade no trato com as pessoas com quem trabalho”). Quando todas três se combinam, o resultado se reflete em uma forma única em que cada pessoa percebe dada situação ou reage às outras.

Sobre atitude, Dubrin (2003, p. 63) escreve que “mais precisamente uma atitude é uma predisposição de reação que exerce uma influência frente à resposta de uma pessoa à outra, a uma coisa, a uma idéia ou a uma situação.

Atitude é uma resposta pensada ou não, podendo ser automática. Para ter uma atitude, os valores, a personalidade e sentimento de uma pessoa em relação ao objeto, pessoa ou fato, são a base da ação.

2.5.1.3 Personalidade

Muito se fala, mas pouco se sabe sobre personalidade. A personalidade formada desde o nascimento, é a soma de toda psicologia do ser humano. Não são atitudes ou comportamentos isolados e sim a soma de um todo do indivíduo. “Quando um psicólogo fala sobre personalidade, refere-se a um conceito dinâmico que descreve o crescimento e o desenvolvimento de todo o sistema psicológico de um indivíduo” (ROBBINS 2005, p. 78).

Para Dubrin (2003, p. 37) “a personalidade refere-se aos padrões de comportamento persistentes e duráveis de um indivíduo, expressados numa grande variedade de situações”.

Conforme Cole, Michael; Cole, Sheila R. (2003, p. 685), é na adolescência que ocorre toda a base para a vida adulta: “uma das idéias mais

amplamente defendidas sobre adolescência é que esse é o período em que o indivíduo molda a base para uma personalidade adulta estável”.

Segundo o que nos fala Robbins (2005) a hereditariedade é um fator determinante da personalidade, assim, como se herda a cor dos olhos, cabelos e estatura. “A abordagem hereditária argumenta que a explicação definitiva para a personalidade de um indivíduo está na estrutura molecular de seus genes, localizados nos cromossomos” (ROBBINS, 2005, p. 78).

A hereditariedade não dita as regras sobre a personalidade. O ambiente é outro fator importante que determina o comportamento no decorrer da vida. Isso desde a infância, na família, amigos e grupos. “Se fomos criados em um ambiente de competição de ambição ou então de calma e cooperação, tal qual serão os indivíduos do futuro”, o que nos relata (ROBBINS, 2005, p. 78).

Cole (2003, p.690) diz que as crianças em torno dos 6 anos de idade, começam a se auto-descrever, como por exemplo: “sou melhor no futebol que meu colega”. Pouco tempo depois elas começam a ver as conseqüências dos seus atributos, ou seja, aquele que era o melhor jogador, diz que é muito bom jogador e por isso todos querem jogar com ele. “Durante a adolescência surge um novo tipo de autodescrição, em que a identidade pessoal é expressada em termos de crenças gerais, valores e planos de vida”.

Dessa forma, pode-se definir a personalidade como um conjunto de fatores que desde o nascimento vão formando o Ser Humano e moldando-o conforme o seu meio e sua hereditariedade.

2.5.1.4 Autoestima

Na adolescência os indivíduos começam a “perceber as disparidades entre a maneira como realmente se comportam e a maneira como deveriam se comportar” Cole (2003, p. 691). Entram em conflito com o verdadeiro Eu. Não sabem o quanto gostam de si. “a beleza física encabeça a lista, especialmente no caso das meninas, seguida pela aceitação dos pares. Todas as outras características vem depois” de acordo com Cole (2003, p. 691).

Gostar de si mesmo. Uma autoimagem positiva ou negativa fazem a diferença nas escolhas e o conseqüente sucesso. “As pessoas variam quanto ao grau que gostam de si mesmas” (ROBBINS 2005, p. 83).

Conforme Cole (2003, p. 691), “Essa ênfase excessiva na beleza física tem um impacto desastroso na autoestima das meninas, porque muitas delas consideram-se feias”.

A autoestima influencia diretamente na qualidade de vida, pois o indivíduo com baixa autoestima se deixa influenciar, é mais vulnerável e tende a buscar a aprovação de alguém que admira. São muito preocupados e não tendem a assumir riscos, segundo Robbins 2005.

Conforme a Pirâmide de Maslow, as necessidades da base devem ser satisfeitas por primeiro. Para chegar a auto-realização, tem uma hierarquia a ser satisfeita. Acompanhe:



Ao analisar a Pirâmide de Maslow, percebe-se a lógica das necessidades. Não quer dizer que o Ser Humano deve seguir a risca uma pirâmide. Mas pode-se basear para passar pelas etapas e chegar a realização pessoal.

Como uma pessoa, por exemplo, vai ter auto-estima se ela não consegue satisfazer necessidades fisiológicas, de segurança e de amor? Quando se fala em auto-estima não é somente uma relação superficial com o corpo. Auto-estima, conforme a Pirâmide, envolve confiança, conquista, respeito dos outros, respeito aos outros, auto-imagem, entre outras observações.

Difícilmente a pessoa se autorealiza não tendo uma casa para morar e no caso do jovem, que em muitos casos não tem nem condições de ter lazer. Portanto, para a auto-realização muitas necessidades básicas devem estar satisfeitas. Caso contrário a pessoa se ilude dizendo que está realizada.

A Pirâmide de Maslow serve de orientação, pois ao analisá-la cada pessoa pode ver em qual situação se encontra e ir em busca do que falta para chegar a realização pessoal, que todo ser humano procura e merece.

Sentir-se satisfeito com o trabalho é uma questão de segurança. Vê-se o quanto é importante fazer as escolhas certas.

Ao falar em meio rural e urbano, percebe-se a busca da auto-estima por muitos jovens ao deixar a casa dos pais. A busca da aprovação dos outros, da sociedade. Isso é consequência de auto-estima baixa, um ambiente onde houve pouca oportunidade, falta de autonomia e a não valorização. Isso varia de ambiente para ambiente e de ser humano para outro.

2.5.1.5 Emoções

A intensidade das emoções varia de pessoa para pessoa, que pode ser controlada, até mesmo disfarçada. Mas, somos de certa forma movidos por emoções.

“As emoções são reações a um objeto, não um traço” Robbins (2005 p.89). Se traduzem em sentimentos, emoções e humores:

O **sentimento** é um termo genérico que engloba uma grande variedade de sensações que as pessoas experimentam. É um conceito amplo que envolve tanto as emoções como os estados de humor. As

emoções são sentimentos intensos direcionados a alguém ou alguma coisa. Finalmente, os **humores** são sentimentos que costumam ser menos intensos que as emoções e não possuem um estímulo contextual (ROBBINS 2005, p. 88).

A reação diante de situações como gostar ou não de alguma coisa, se magoar, estressar, a raiva, são emoções traduzidas em sentimentos ou até mesmo em ações ou reações. A pessoa se sente diferente, estranha, alterando o humor. Muitas pessoas através de um esforço emocional conseguem disfarçar os sentimentos, transparecer alegria e no fundo se sentir angustiados, por exemplo. Há situações em que isso se torna necessário, até mesmo para cultivar uma boa convivência entre colegas, amigos, trabalho, mas não é o desejado, pois torna-se um peso podendo levar a sérias crises emocionais, Robbins 2005.

Existem, literalmente, dezenas de emoções. Entre elas incluem-se a raiva, o desprezo, o entusiasmo, a inveja, o medo, a frustração, o desapontamento, o constrangimento, o desgosto, a felicidade, o ódio, a esperança, o ciúme, a alegria, o amor, o orgulho, a surpresa e a tristeza (ROBBINS 2005, p. 90)

Segundo Robbins (2005), pode-se classificar as emoções em positivas e negativas. Como felicidade e esperança, raiva e tristeza, respectivamente. As emoções negativas tem um peso muito maior que as positivas, podendo afirmar que as pessoas recordam com muito mais facilidade de acontecimentos negativos. As mesmas emoções em pessoas diferentes causam reações diferentes, pois todas as pessoas são diferentes.

2.6 Nível educacional dos jovens agricultores

Ao tratar do nível educacional dos jovens agrícolas, não despreza-se o conhecimento adquirido na vivência diária, também conhecida por sabedoria popular. Busca-se aqui, entender o porquê desse jovem encarar a agricultura

como sendo uma atividade que não necessita de uma formação. A propriedade deve ser o refúgio, o lugar onde o jovem possa dizer assim: “está aqui o meu negócio, é esta a minha empresa que me proporciona conforto e o sustento da minha família”.

Sabe-se que muitos estão na propriedade por obrigação, por falta de oportunidade de estudar. E o estudo não pode ser sinônimo de êxodo rural e nem o oposto da continuidade da agricultura.

Hoje, a permanência dos jovens na agricultura vem sendo discutida em seminários, palestras, cursos voltados para os mesmos. Mas o grande desafio é “recuperar os conhecimentos locais e elevar o nível educacional dos jovens sucessores” (MELLO et al 2003, p.1).

A escola rural foi sendo sedimentada sem que se levasse em conta: a população a quem se destinava, seu contexto socioeconômico e ambiental, suas particulares relações sociais, produtivas e culturais, ou mesmo as próprias necessidades sócio-profissionais dos rurais (MELLO et al apud MDA/CNDRS (2002), 2003, p. 11).

Conforme Mello et al (2003, p.11) “Como consequência a educação prepara o jovem para migrar, pois valoriza apenas o crescimento urbano-industrial e associa o rural ao atraso, isto é, uma sociabilidade que estaria em extinção”.

É fato que o jovem rural do Oeste de Santa Catarina possui um baixo nível educacional. Até agora, não foi visto como um grande obstáculo, pois as técnicas agrícolas eram herdadas da família, vistas como suficientes para conduzir a propriedade.

Segundo Mello et al apud Silvestro et al (2003 p. 5):

A geração com maiores possibilidades de assumir no futuro a direção das unidades familiares de produção - os filhos que permanecem na propriedade paterna e que já saíram da escola – tem formação educacional tão precária que confirma a asserção segundo a qual ou se estuda, ou se fica no campo.

O nível escolar dos filhos de agricultores é baixíssimo, em que a grande maioria tem a 4ª série do primeiro grau. É nítido que quem ficou, ficou por falta de oportunidade de estudar. “O nível educacional médio dos brasileiros em 1997, era de 6,1 anos de estudo, sendo que os trabalhadores rurais possuíam uma média de apenas 2,5 anos de estudo” (MELLO et al 2003, p. 5).

Estudar até o 4º ano primário, na década de 90, deixou de ser uma prática socialmente dominante. De qualquer maneira, por mais que o padrão anterior não seja mais predominante, ele deixa uma pesada herança para os atuais processos sucessórios no interior da agricultura familiar, representada pelo baixo grau de instrução desses jovens que em sua maioria serão sucessores..(MELLO et al, 2003, p. 5-6)

Entre os prováveis sucessores na agricultura, jovens em torno de 27 a 32 anos, a grande maioria tem uma educação precária, até a 4ª série. Ou seja, é da época que se dizia assim: “ou você estuda ou vai ficar na roça” como um castigo! Hoje essa realidade mudou muito, segundo Silvestro et al (2001).

Hoje os jovens do meio rural tem acesso até ao segundo grau, sem muitos gastos. Mesmo com essa mudança, a herança dos anos 90 ficou fortemente enraizada, de que permanece na agricultura quem não estuda, sendo que o segundo grau já não é mais um diferencial para conseguir um emprego na cidade. Entre os anos 1.990 a 2.000, o êxodo rural foi um marco no Oeste de Santa Catarina. Indústrias precisando de mão-de-obra barata, o jovem sem perspectivas não pensou duas vezes em abandonar o campo.

A questão educacional também foi foco na pesquisa da cooperalfa (2009). Vamos ao resultado: constata-se que 68,29% dos jovens ainda continua estudando e 31,71% não estudam mais (**anexo 12**). Levando em consideração o gênero, dos que estudam, 74,41% são mulheres e 56,77 são homens. Entre os que não estudam, 36,3% são homens e 19,58 são mulheres (**anexo 13**). Percebe-se aqui, que a mulher sai na frente em relação ao estudo e é ela que abandona o campo com mais frequência.

Segundo Silvestro et al (2001) a exclusão é explícita, uma cultura de que se o filho fosse estudar deixaria o campo e sendo assim, muitos pais não deixavam os filhos estudar. Isto se concretizava, pois a situação humilhante da

agricultura familiar não permitia nem sequer o acesso a um vestuário adequado para sair de casa.

Conforme a renda, assim anda a educação, ou seja, quanto mais descapitalizados, menor o grau de instrução. Muda também a visão desses jovens que se conformam com a 4ª série. Mas isso acontece justamente pela exclusão social, o que exige ações sociais com esses jovens para que os mesmos numa faixa etária de 18 a 30 anos possam ter condições alternativas e claras para melhorar o grau de instrução e aplicáveis no campo e consequente inserção social, conforme Silvestro et al (2003).

As ações devem ser urgentes, visto que os jovens nas faixas etárias entre 18 a 30 anos, tendem a ser os sucessores e, conforme as exigências do mercado agroindustrial, o qual proporcionará muitas oportunidades e desafios frente as diversificações, questões ambientais e a globalização. Mas, sobrevive quem está preparado, aberto ao novo, inclusive no meio rural.

É necessário, portanto, que qualquer política de apoio voltada a regiões onde predomina a agricultura familiar, para agricultores na faixa etária entre 18 a 30 anos, terá que se associar a métodos alternativos aos da educação formal para que o acesso à propriedade paterna venha junto com uma melhoria em suas capacidades profissionais. ..(MELLO et al, 2003, p.9).

Conforme MELLO et al (2003), frente aos desafios e crescimento econômico, a educação contribui significativamente para a equidade social, sobretudo na população jovem. Essas melhorias dependem diretamente do desenvolvimento regional, diminuição das disparidades de desenvolvimento da agricultura entre as regiões e o aumento da escolaridade.

Novamente interessa abordar a pesquisa da Cooperalfa (2009), que em relação ao futuro profissional, 34,27% gostaria de continuar na agricultura; 41,53% gostaria de estudar e voltar a trabalhar na propriedade rural e 24,20% gostaria de trabalhar e morar na cidade (**anexo 14**). Nesta situação, quando da pergunta se gostaria de continuar agricultor, um dado importante é o gênero, que mostra que 45,04% são homens e 18,4 % são mulheres. Na questão de trabalhar e morar na cidade, 39,15% são mulheres e 14,25% são homens (**anexo 15**). Dados que comprovam o acentuado abandono da agricultura pelas

mulheres, em que elas estudam mais. Outro dado que merece destaque: “você gostaria de estudar e voltar a trabalhar na propriedade rural?”, 41,18% dos homens responderam que sim e 41,63% das mulheres também responderam que sim, ou seja, eles gostariam que isso fosse uma realidade.

O conhecimento adquirido no desempenho das atividades agrícolas é de suma importância. As tradições não podem ser esquecidas nem ignoradas. O saber através da execução das tarefas continua sendo o pilar mais importante para a continuidade da agricultura familiar.

Para administrar o estabelecimento e se inserir no mercado, além do conhecimento transmitido pela família é importante associar a educação formal e cursos técnicos agrícolas e de gerenciamento da propriedade, sem falar do acesso aos meios de créditos agrícolas que possibilitam investimentos em novas tecnologias, desafiando dessa forma o jovem a encarar a propriedade como a sua empresa geradora de lucros, com planejamento, associado aos valores aprendidos na família. O resultado disso é a dignidade e inclusão social, em um trabalho de longo prazo.

2.7 O perfil dos jovens empresários rurais

A agropecuária vista como um negócio rentável, uma empresa da qual os proprietários tiram o sustento e fazem projetos, planejam o futuro com otimismo. É o que se espera, é o que já está ocorrendo em muitas propriedades.

O êxodo rural já é uma marca registrada no Oeste Catarinense. Em 2005, depois de alguns anos fora, Antonio Santa Catarina, volta para casa, segundo relato no jornal O COOPERALFA, fevereiro 2005, p. 16:

Antonio Santa Catarina, 33 anos, percorreu o mesmo caminho de milhares de jovens agricultores do campo rumo a cidade, Motivo: buscar vida melhor. Mas Antonio fez o mesmo caminho de volta. Após cinco anos na cidade, voltou para sua terra de origem para exercer a primeira profissão, a de agricultor. Ele nasceu em Santo Antonio do Meio, interior de União do Oeste (SC). Em 1999 saiu da terra natal

rumo à Chapecó. Começou trabalhando como cobrador em uma rede de lojas de móveis, passou a vendedor e, finalmente, a gerente. Nesse iniciou a faculdade de Ciências Econômicas. “Fui procurar o melhor, mas o melhor estava aqui”.

Apesar das dificuldades, muitos jovens persistem no campo, pois sabem que ali tem qualidade de vida, com uma alimentação saudável, ar puro, liberdade. Eles conseguem enxergar a propriedade como um grande negócio. Os pais já preparam os filhos para serem os sucessores.

O importante, segundo O Cooperalfa (agosto 2006, p.07) “é diversificar as atividades, pois em momentos de crise, se uma atividade vai mal, a outra supre as necessidades”.

Atualmente a visão das autoridades, sindicatos, cooperativas e entidades afins, estão voltadas para o jovem do campo. Diversos trabalhos como seminários, programas de Qualidade Total Rural, envolvendo jovens estão sendo realizados. A grande preocupação é a sucessão familiar, pois o jovem hoje não fica mais no meio rural por falta de opção. A cidade oferece alternativas, muitas vezes não vantajosas, mas que mudam o pensamento desse jovem. Ficar na agricultura hoje, é sinônimo de gostar do que faz e possibilidade de crescimento. Conforme O Cooperalfa (Julho 2009), o jovem deve ser profissionalizado e a propriedade rural deve ser vista como uma empresa rural, não importando o tamanho, pois se gerenciada com seriedade e dinamismo, uma pequena empresa rural apresenta lucros.

O perfil do jovem do campo vem mudando radicalmente nos últimos anos. No passado, filho de agricultor seria, teoricamente, agricultor. Hoje, a sucessão familiar é um tema que deve ser tratado com seriedade, profissionalismo e, principalmente, vocação. Além de gostar do que faz, o jovem que decide construir sua vida profissional no campo, deve, além de tudo, estar capacitado para isso, para produzir alimentos com qualidade e responsabilidade (O COOPERLFA, julho 2009, p. 08).

Percebe-se uma forte tendência a atividades não-rurais no meio rural. Ou seja, as pessoas procuram diversificar não somente nas atividades agrícolas, mas procuram se inserir na sociedade com outras atividades que

proporcionam lucros. Uma nova ocupação, ter o seu salário são questões que mexem muito com os jovens. Neste contexto, e levando em conta países desenvolvidos, Schneider (2003, p.116) escreve que:

Uma avaliação abrangente das transformações da agricultura nas últimas décadas, na órbita dos países integrantes do chamado capitalismo avançado, certamente enfatizaria os espetaculares ganhos de produtividade e a radical transformação da base tecnológica dos processos produtivos agrícolas.

Esta tendência pode ser sentida no nosso meio, em que pessoas que moram no meio rural mantém algumas atividades e complementam o orçamento mensal com trabalhos urbanos, o que é chamado de pluriatividade:

[...] a noção de pluriatividade, apesar de polêmica, vem sendo utilizada para descrever o processo de diversificação que ocorre dentro e fora da propriedade, bem como apontar a emergência de um conjunto de novas atividades que tomam lugar no meio rural (SCHNEIDER, 2003, p. 79)

Ainda sobre as ocupações não rurais no meio rural, Schneider (2003, p. 134) fala que “no Brasil, a emergência das atividades não-agrícolas no meio rural desperta o interesse de diversos estudiosos, sendo tal fenômeno apontado por alguns como a provável face do ‘novo rural brasileiro’”. Schneider apud Silva (2003, p. 134) complementa que “a novidade consiste no fato de que o meio rural já não pode mais ser associado apenas à produção agrícola e pecuária”.

2.8 Uma cidade chamada Bresse de Saône-et-Loire, na França

As mudanças são visíveis, pois hoje os jovens agricultores não vêem a agricultura como um destino. Se a mesma está sendo mal remunerada, outras opções aparecem.

A cidade de Bresse retrata situações de uma agricultura familiar que podemos trazer para a nossa realidade. A migração do jovem vem sendo o tema de muitos estudos. A não aceitação da situação de agricultor, a falta de perspectivas dos jovens com uma visão distorcida da sua própria realidade, fazem com que os mesmos se revoltem e abandonem o seu meio de vida em busca da inserção social.

Conforme Champagne (1986), a agricultura passa por transformações profundas no modo de produção, que era local e que hoje se integra aos setores econômicos não-agrícolas, com uma economia diferenciada. “Esta modificação substancial se expressa até nas palavras, pois onde se falava outrora de ‘sucessão familiar’, tende-se a falar hoje ‘de instalação profissional’” Champagne, (1986, p.1).

O autor anteriormente citado deixa claro que as crises e as transformações são comuns e passam despercebidas. Elegeu a cidade de Besse de Saône-et-Loire, na França, como “uma região com características interessantes para analisar uma transformação que atingiu todos os pequenos produtores, porém em momentos diferentes e por caminhos às vezes diferentes ” Champagne, (1986, p.1).

Besse é uma região agrícola relativamente pobre, percebendo-se uma evolução nos últimos quinze anos. Entre os vários casos analisados por Champagne, observa-se o distanciamento dos agricultores em relação aos assalariados da cidade, uma visão de rejeição, até mesmo desprezo, isso “para se proteger das influências exteriores” e sendo assim, era imposta uma “visão negativa do mundo não agrário” Champagne, (1986, p.14). Esses agricultores supervalorizam a profissão de assalariado (escritório, linha de produção, vendas, lanchonetes), percebendo-se em posição desfavorecida.

Para agravar ainda mais essa situação de inferioridade, os emigrados e a frequência de seus retornos, favorecem comparações:

O migrante, queira ele ou não, e muito frequentemente ele o deseja conscientemente, cria dúvida naqueles que não partem. Onde todos visam apenas fazer um lugar para si no grupo local, ele impõe uma alternativa e quebra as evidências e a segurança que elas propiciam. Esta ação dos migrantes tornou-se ainda mais forte hoje porque as facilidades maiores de comunicação e, em particular, a difusão do automóvel provocaram uma multiplicação dos contatos entre os agricultores e os membros de sua família que partiram como assalariados e que, durante as férias e os fins-de-semana, retornam ao povoado e, por provocação, como que para justificar que tiveram razão ao partir, exibem as vantagens (reais ou fictícias) de sua nova condição (férias remuneradas, auxílio-doença, rendas regulares, conforto, etc.) (CHAMPAGNE, 1986, p. 17).

Uma situação que muda a partir da percepção realista do trabalho assalariado e da visão que o próprio agricultor tem de si e do estilo de vida ligado a ele.

Essa desestruturação das famílias rurais, relacionada aos espaços sociais e a emigração, são exercidos sobre os filhos nas escolas, Champagne, (1986, p.22) “sendo o transporte escolar o mais evidente sinal deste encargo, por parte do aparelho escolar, da educação dos filhos e do afastamento que isto provoca em relação às famílias”.

Enquanto que a escola primária, implantada no povoado, com um professor conhecido de todos e quase sempre integrado ao funcionamento da comunidade local, ficava sob o olhar direto dos agricultores, não acontece mais o mesmo com os CES (Centro de ensino secundário) construídos nas prefeituras de cantões, com seu corpo docente diversificado e em parte intangível (CHAMPAGNE, 1986 p. 22).

Na atualidade, com os colégios agrupados, prolongamento da escolarização e com o transporte escolar, as relações com os filhos modificaram por completo. Os pais perderam a autoridade, os saberes antigos são desvalorizados, os filhos tornam-se urbanos, pois não aprendem o ofício de agricultor desde cedo, pois só assim, (ensinando desde a infância) forma-se agricultores. Além da escola, acompanhar os pais é de suma importância para transmitir os saberes de forma lenta e precisa. Champagne, (1986).

Outra situação estudada em Bresse, e que revolta os filhos dos agricultores é o fato de eles se verem sempre “amarrados” ao trabalho,

enquanto que os filhos urbanos estavam livres para saírem e se divertirem no fim do dia. Esses filhos de agricultores “[...] denunciam as rendas insuficientes e irregulares, bem como os investimentos e os empréstimos demasiadamente vultuosos” Champagne, (1986, p. 24).

Conforme Champagne, (1986, p. 24) os jovens “censuram a essa atividade, sobretudo, o fato de ser uma atividade ‘penosa’, ‘difícil’, ‘submetida às intempéries’, ‘sem horários fixos e regulares’ e, acima de tudo, ‘sem férias’”.

A agricultura deve ser repassada de forma positiva, segundo Champagne, por um processo de “osmose”, o que ocorre somente quando há um considerável patrimônio o que justifica a permanência do “eleito” sucessor. Para que os mesmos não sofram as influências externas, o grupo familiar é obrigado a exercer um trabalho de persuasão sobre o herdeiro, o que nem sempre funciona.

Estas situações apresentadas pelo autor que elegeu a cidade de Besse de Saône-et-Loire, na França, é um retrato de muitas situações da nossa região do Oeste de Santa Catarina, principalmente nos anos 90 e que tem suas consequências ainda hoje.

Os pais se sentem sem ação, pois como fazer de seu filho um sucessor, se não há capital, se no fim de cada mês não há um salário que compense o trabalho?

O dualismo aqui mostrado, ainda existe de certa forma. Os filhos de agricultores sem capital e sem dinheiro para usufruírem de situações de que retratariam a igualdade social, realmente se excluem e são excluídos, pois são realidades opostas. Os desfavorecidos sofrem e, para se defenderem, respondem com agressividade, gerando assim, um distanciamento ainda maior. Esse distanciamento é um fator decisivo para que o jovem abandone sua propriedade que não lhe oferece uma renda mensal, para se equiparar com os outros, indo assim para a cidade, onde se sente incluso no meio social.

O agrupamento dos colégios é outro fato presente na nossa região. As comunidades perderam seu aluninhos que faziam apresentações nas comunidades, que reuniam os pais e professores no dia 7 de Setembro, por exemplo. As escolas são hoje construções abandonadas. Muitos vão estudar na cidade desde os seus quatro anos. Será que esses alunos ainda aprendem

a fazer uma horta escolar? O que vão conhecer da agricultura? Quando estão em casa, querem assistir televisão e não mais acompanhar os pais nos afazeres. Os pais precisam saber mostrar a importância deste trabalho e passar otimismo e entusiasmo, o que nem sempre conseguem. Entram neste caso, as instâncias governamentais e as associações de agricultores, a exemplo das cooperativas agropecuárias, que têm o dever de levar conhecimento, acesso a créditos que possibilitem sua permanência de maneira digna. Caso contrário, será mais um Ser urbano muitas vezes sem condições de estudar, vivendo assim, à margem da sociedade.

2.9 O cooperativismo

As cooperativas representam uma força de ajuda mútua, solidariedade, união entre as pessoas para alcançar resultados. Aqui vamos falar de cooperativas agrícolas, conceito disponível em: <http://www.cooperalfa.com.br> acesso em 05 nov. 2009:

Cooperar significa colaborar com outras pessoas para que todos alcancem os mesmos resultados. Esse é o princípio do modelo cooperativista, que está fundamentado na solidariedade humana, onde o bem-estar de todos se sobrepõe ao individualismo.

As cooperativas hoje empregam muita gente, são uma força expressiva na economia em especial a brasileira, em que os princípios do cooperativismo são:

1. adesão voluntária e livre;
2. gestão democrática pelos membros;
3. participação econômica dos sócios;
4. autonomia e independência;
5. educação, formação e informação;
6. intercooperação;

7. interesse pela comunidade.

Estes princípios são encontrados no site da cooperalfa: <http://www.cooperalfa.com.br>.

“Os sistemas cooperativos avançaram e se profissionalizaram. Cooperativismo é ensinado em algumas escolas e já existem cursos superiores na área”. <http://www.cooperalfa.com.br>.

2.9.1A Cooperativa Agroindustrial Alfa

Diante da necessidade surge um líder que faz a diferença no Oeste de Santa Catarina, que com poucos recursos, mas muita credibilidade e garra, consegue mobilizar os agricultores e ganha o devido respeito e admiração, até os dias atuais e para toda a história do cooperativismo.

O senhor Aury Luiz Bodanese, com o apoio de mais 36 agricultores começam a história da cooperalfa.

Nas décadas de 1950/60 o Banco do Brasil S/A financiava as operações de AGF – Aquisição do Governo Federal, e armazenava a produção através do CIBRAZEM. Contudo, a estrutura funcional do BB era insuficiente para a demanda da produção agrícola que, dia a dia, aumentava Brasil a dentro. Além disso no Oeste de Santa Catarina havia a necessidade de criar um agente balizador de mercado que organizasse os produtores rurais e fundamentasse o viés técnico-produtivo-mercadológico (O Cooperalfa, out. 2007, p.04)

Neste contexto surgiu a primeira organização cooperativista em Chapecó, reconhecida.

Como aparece no jornal O Cooperalfa (out. 2007, p.04):

Na virada de 1966 para 67, o então comerciante Aury Luiz Bodanese, nascido em Erechim – RS e que mantinha negócios particulares de compra e venda de cereais no distrito de Alto da Serra – Chapecó, estava desistindo do ramo, e decidira rumar para São Paulo. Porém,

fora incentivado por Setembrino Zancket, então gerente do Banco do Brasil – Chapecó e por outras lideranças a permanecer em solo catarinense. Zancket aconselhou Bodanese para que liderasse um movimento associativo diferenciado e com visão futurista.

Ainda referente a história da Cooperalfa:

[...] com o apoio de outros 36 agricultores e líderes rurais da região de Chapecó, Bodanese aceitou o desafio e em 29 de outubro de 1967, era oficializada sobre a cinza da Triticola D'Oeste, a então Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó Ltda – Cooperchapecó (O Cooperalfa, out. 2007, p. 4).

O nome Alfa surgiu em 1974, quando a Agropastoril “incorpora” a Cooperxaxiense. A Cooperativa Regional Alfa, passa a ter sete conselheiros de administração e não mais cinco. No Jornal o Cooperalfa que conta a história dos 40 anos, editado em outubro de 2007, aparece que: “O nome ‘Alfa’ foi aprovado por representar grandeza, sendo a primeira letra dos alfabetos grego e siríaco, e também a primeira estrela de uma constelação e assim, ‘com poder de barganhar melhores preços’, defendiam os pioneiros”

Hoje a Cooperalfa conta com em torno de 15.000 associados, 2 mil funcionários, lojas agropecuárias, postos de gasolina, supermercados, indústrias de trigo e óleo, silos de armazenagem de grãos, comercializa farinhas, feijão, café e está presente em mais de 70 municípios, sendo três no Paraná. Foi do Oeste para o Planalto Norte e mais recentemente, para o sul do estado de Santa Catarina.

A Cooperalfa, sempre bem administrada, teve ao longo de sua história três presidentes. O primeiro, com 29 anos de história foi o saudoso Aury Luiz Bodanese. Em janeiro de 1997, veio a assumir o Agrônomo Mário Lanznaster, por um período de 12 anos. Este transferiu o cargo, no dia 13 de março de 2009 em Assembléia Geral Ordinária, para o atual presidente, Romeo Bet.

Hoje a denominação passou de Cooperativa regional Alfa para Cooperativa Agroindustrial Alfa. Essa mudança tornou-se necessária, visto que a Alfa não atende somente a região e devido sua participação expressiva na

sociedade com indústrias de óleo e trigo, por exemplo. A denominação de Agroindustrial passou a ser mais adequada.

2.9.1.1 Missão, Visão e Valores da Cooperalfa

A Missão, em poucas palavras, é tudo aquilo que uma organização precisa empreender, para dar vida, atribuir energia e gerar resultados perceptíveis, ou seja, Missão é um ativo tangível.

Missão da Cooperalfa : Promover o desenvolvimento sustentável do agronegócio, gerando resultados econômicos e sociais para a sociedade.

Visão é um desafio de longo prazo, e que carrega um pouco o “cheiro” da utopia, mas que motiva a todos a lutarem por ele. Assim, a visão sempre será um ativo impalpável, pelo menos aos olhos da maioria.

A Visão da Cooperalfa: ser a melhor cooperativa agropecuária do Brasil.

Valores são crenças que sustentam a corporação.

Os Valores da Cooperalfa:

- **Integridade:** Atuamos com respeito, honestidade e transparência perceptíveis. Somos dignos de confiança e credibilidade. Cooperamos com dedicação, equilíbrio e segurança para manter a continuidade de nossa organização e obtermos a confiança do produtor rural.
- **Cooperação:** Os princípios do cooperativismo norteiam nossa forma de agir e trabalhar. Acreditamos que as sociedades cooperativas contribuem para melhorar a vida das pessoas.
- **Trabalho em equipe:** Valorizamos a excelência individual e o comprometimento, e acreditamos que a cooperação no trabalho em equipe é capaz de trazer os resultados desejados.
- **Espírito empreendedor:** Dedicamos esforço constante na busca das melhorias, na sintonia com o mercado, e no aproveitamento de oportunidades que possam ampliar nossos horizontes.

A Cooperalfa exerce um papel importante na formação de jovens líderes cooperativistas, como é o caso do FOJOLICO, iniciado no ano de 2009, os

programas de Qualidade Total Rural, que visam a administração da propriedade, proporcionando uma melhor organização e controle para uma gestão moderna e a conseqüente valorização do homem do campo, seminários de juventude rural, encontros de mulheres agricultoras entre outros eventos.

2.9.1.2 A Cota-Capital

A entrega da cota-capital, que vai se formando desde o dia em que a pessoa se associa na cooperativa, é outro diferencial, sendo acrescido 1% na compra e venda de produtos agrícolas, sendo esta uma “poupança” como muitos associados a chamam, “é um dinheiro extra que vem em boa hora”. “A Cooperalfa compartilha com os sócios a Cota-Capital, uma ação que distribui ganhos coletivos, sem que os investimentos corporativos sejam afetados”.
<http://www.cooperalfa.com.br>

O programa Cota-Capital provém do volume de recursos acumulados pelos próprios associados em suas contas, através da fidelidade na entrega da produção e na aquisição dos insumos agropecuários em sua entidade. Na negociação da produção, além de receber o valor de mercado, o cooperado recebe acréscimo de 1%. Da mesma maneira, quando se abastece de insumos na Alfa, lhe é creditado mais 1% sobre o valor da compra. Além disso, participa das sobras de balanço da cooperativa, proporcionalmente ao seu movimento financeiro durante o ano. Aos 60 anos o sócio retira 60% desse volume acumulado e aos 68 anos, ele ou então sua família, saca o restante e ainda permanece integrado à sociedade Alfa (<http://www.cooperalfa.com.br>)

A cota-capital serve de estímulo para muitos jovens se associarem na Alfa. Como foi explicado, não é descontado e sim, acrescido 1%, tanto na compra como na venda de produtos, como insumos, grãos entre outros.

Após essa breve exposição, pode-se ter noção do que vem a ser o cooperativismo e percebe-se sua importância no contexto agropecuário. Buscou-se mostrar que, para que o agricultor tenha poder de barganha em

negociações, é necessário associar-se em uma cooperativa, afinal, a união faz a força.

3 HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE AGUINHAS – SÃO CARLOS, SANTA CATARINA

O município de São Carlos foi colonizado em 1927, pela Companhia Territorial Sul Brasil, uma sociedade anônima com sede em Porto Alegre – RS, tendo como dirigente o Sr. Carlos Culmey.

A colonização de São Carlos se iniciou quando colonos de origem alemã, vindos da Colônia Velha – RS, saíram de suas terras e foram em busca de melhores condições de vida, cuja influência e traços característicos continuam presentes na religiosidade e na arquitetura local até os dias atuais (KERBES, 2004, p. 11).

Conforme Leoblein e Becker (1999, p. 01) “para compor o primeiro grupo foram escolhidos: Gustavo Johan, João Sehem, Arthur Heidt e Willibaldo Sehem. Todos Imigrantes do vizinho estado do Rio grande do Sul”.

Estas pessoas enfrentaram “além da hostilidade da mata, das feras e das serpentes, as dificuldades resultantes da falta de meios de transporte, uma vez que dispunham apenas do Rio Uruguai como única via de comunicação” (LEOBLEIN e BECKER, 1999, p. 01).

Além dos gaúchos, a Companhia Territorial Sul Brasil, interessou-se em trazer colonos estrangeiros. Após várias tentativas frustradas, depois da visita do Comissariado de Imigração da Alemanha, em 1930, foram enviados 1200 agricultores teuto-russos, a maioria deles com prática em agricultura já mecanizada como era o caso de Nicolaus Beirith: “*na Sibéria já trabalhava com trator. Era tudo plano. Não tinha morro nem pedra. Aqui tinha muito morro e mosquito*” (LEOBLEIN e BECKER, 1999, p. 14).

A casa do imigrante era uma rústica construção feita para abrigar provisoriamente os novos imigrantes até que estes construíssem suas instalações próprias. Segundo informações de imigrantes ainda vivos, esta construção não tinha repartições, as mesmas eram improvisadas por lonas separando assim os pertences de várias famílias (LEOBLEIN e BECKER, 1999, p. 02).

Os imigrantes alemães sentiram-se enganados, o que marcou suas vidas de uma forma que muitos queriam voltar, pois as promessas eram outras.

Acompanhem o relato do senhor Alexandre Beirith, filho de Nicolaus Beirith, conforme (LEOBLEIN e BECKER, 1999, p. 14):

Eu me lembro que meu pai falava com os outros que a gente tinha sido enganado. Eles mostravam as partes da terra já arrumadas para o pessoal da Alemanha. Quando a gente chegou, fomos para um lugar que para entrar tinha que abrir picada. A gente nunca tinha visto aquilo. A minha mãe quase morreu.

Os imigrantes estabeleceram-se e desbravaram a região. a colonização alemã é percebida nos costumes, dialetos e arquitetura.

Como era a política para os imigrantes?

A maioria não podia fazer política, porque eram estrangeiros. Era proibido falar o alemão, numa certa época, principalmente nas repartições públicas e cidades. Na colônia de certo modo, também não podiam falar o alemão. Acontecia que encarregados vigiavam até as casas das pessoas à noite, principalmente, punindo as pessoas que usavam essa língua para se expressar. A política era uma coisa um tanto obscura para os nossos antecedentes da qual não entendiam muito. Porque a realidade era muito camuflada (ZEISER, 1997, p. 15)

O nome dado ao então distrito de Chapecó, São Carlos, foi em homenagem ao diretor da companhia Colonizadora Sul Brasil, “o engenheiro alemão Carlos Culmey que desbravou ainda outros municípios catarinenses, gaúchos e parte da Argentina” segundo Kerbes (2004, p. 11).

São Carlos crescia e em 1933 era aberta a estrada que ligava a Chapecó, a exemplo de todo o Oeste de Santa Catarina, conforme Leoblein e Becker (1999). “A assistência médica à população era prestada por Pedro Sebastiani, até que em novembro de 1936 chegava o Dr. Walter Hund, que por

muitos anos atendeu a doentes nos longínquos Campo Erê e Mondai” (LEOBLEIN e BECKER, 1999, p. 02).

Conforme Leoblein e Becker (1999), São Carlos se desmembrou de Chapecó em 30 de dezembro de 1953. O início da vida do município deu-se em 21 de fevereiro de 1954 com a instalação da prefeitura.

São Carlos foi colonizada principalmente por alemães católicos, uma estratégia utilizada para evitar a construção de duas igrejas, duas escolas e possíveis conflitos.

Do município de São Carlos emanciparam-se, ao longo de sua história: Modelo, Pinhalzinho, Saudades e Cunhataí, indiretamente ainda Serra Alta, Bom Jesus do Oeste, Sul Brasil e Nova Erechim, que se separaram de Modelo e Saudades (KERBES, 2004, p. 22).

A agricultura no município de São Carlos é a base da economia. Conforme Kerbes (2004). Prevalece a policultura, ou seja, o cultivo de vários produtos agrícolas. A monocultura fica apenas para as propriedades maiores, destinadas a produzir milho, trigo ou feijão. Os estabelecimentos rurais em sua grande maioria, tem área de terra inferior a 50 hectares.

Além das pequenas áreas, outra característica da cultura do feijão em nosso município está na capacidade de intervenção do sistema cooperativo na comercialização e também na formação dos preços desse produto (KERBES, 2004, p. 242)

O milho também tem sua importância, sendo esta produção consumida na suinocultura.

A pecuária é outra atividade econômica de grande importância em São Carlos. “trata-se da criação, com sentido econômico, de animais de grande, médio e pequeno porte, aí incluídas as aves e suínos” Kerbes, (2004, p. 244)

3.1 Geografia e População

São Carlos possui uma área geográfica de 158 km² onde 146 Km² são de área rural e 12 Km² de área urbana. Dados encontrados no livro de Kerbes (2004, p. 17)

Tabela: distribuição da população de São Carlos nos anos de 1970, 1980, 1989 e 1996.

População	1970	%	1980	%	1989	%	1996	%
Urbana	1.856	17,92	3.654	31,43	5.051	39,96	5.436	53,98
Rural	8.502	82,08	7.970	68,57	7.588	60,04	4.636	46,02
Total	10.358	100	11.624	100	12.639	100	10.072	100

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de SC – 1970/80/90.

Estimativas: SEPLAN/SC – 1990

Tabela encontrada no livro de Kerbes (2004, p. 17)

A população de São Carlos conforme Kerbes:

- Número de habitantes: 9.364
- Homens residentes: 4.728
- Mulheres residentes: 4.636
- População urbana: 5.347
- População Rural: 4.017

Análise da distribuição da população São-carlense, uma comparação entre o rural e urbano, homens e mulheres, em percentual:

- População urbana: 57,10%
- População Rural: 42,89%
- Homens: 50,50%
- Mulheres: 49,50%

Conforme análise dos dados apresentados por Kerbes (2004, p. 17), a população urbana continua aumentando e a rural está diminuindo. Percebe-se que está equilibrado o número de homens e mulheres.

São Carlos está entre os municípios mais antigos do Oeste catarinense, com traços germânicos expressos na arquitetura e costumes. “A maioria dos habitantes tem olhos e cabelos claros e não é raro encontrar pessoas de mais idade paradas nas esquinas conversando em um dialeto que, para os forasteiros é completamente desconhecido” (LEOBLEIN e BECKER, 1999, p. 03).

Falar da imigração é um assunto sem dúvida fascinante, o qual merece um aprofundamento, mas, objetivou-se mostrar um pouquinho para o entendimento da história da comunidade de Aguiinhas – São Carlos – SC, o foco da pesquisa.

3.2 Aguiinhas

Ainda em 1927, iniciou-se o processo de colonização das comunidades de São Carlos, com o apoio de Carlos Culmey, formando assim no decorrer da história, 17 comunidades, todas com suas igrejas e escolas.

Aguiinhas é uma comunidade pertencente ao município de São Carlos, criada pelos imigrantes gaúchos e russos, estes vindos da Alemanha devido a uma série de conflitos naquele país.

Hoje Aguiinhas é dividida em três comunidades para facilitar a convivência em grupo devido a distância entre as mesmas, o que dificultaria a participação e até mesmo prejudicaria o próprio desenvolvimento local. Sendo assim, as capelas, salões, escolas e campos de futebol ficam mais próximos para atender a necessidade dos membros.

Durante a imigração dos gaúchos surgiu o interesse em trazer colonos estrangeiros, sendo que em 1930 a Alemanha enviou 1.200 agricultores teuto-russos. Desses, 240 da religião católica se estabeleceram em Aguiinhas, conforme Kerbes, (2004).

Veja um escrito pessoal de Kerbes, apud Theobaldo Kunz (2004, p. 89), que segundo ele, estes pioneiros vieram em três caravanas:

A primeira caravana de imigrantes vindos da Sibéria, na Ásia, veio no primeiro semestre de 1930, e eram como os demais, ou seja, de descendência russo-alemã. A segunda caravana era composta de sobreviventes que haviam sido erradicados na Bahia, onde não se adaptaram ao clima, morrendo de malária. Com a colonização acabaram sendo transferidos para Aguiinhas, chegando aqui em novembro de 1930. A terceira remessa de imigrantes, vinda da Sibéria, era composta por foragidos, que para se salvarem, vieram cruzando um rio congelado na divisa com a China, via Karoin e Alemanha, chegando em Aguiinhas em janeiro de 1933.

O desespero dessas pessoas era perceptível, e “o fator principal da imigração era o Comunismo que estava em pleno auge na Rússia” Kerbes, (2004, p.90), que trouxe a revolução russa desencadeada em 1917.

Os russos e descendentes demonstram certo medo do Comunismo, conforme Kerbes, apud Mathias Blank (2004, p. 90):

Meu pai me contava que ele deveria entregar todos os seus filhos para um retiro que o estado havia formado, eles cuidavam das crianças, educavam eles na vontade do Comunismo. Meu pai então decidiu fugir com nós. Foi um dia atrás dos passaportes e chegou em casa de noite e disse: vamos ir. Deixou seus pais, os parentes para traz e foi embora.

Conforme Zeiser (1997, p. 8): “o regime Comunista selvagem do país transformou-se em massacres, paz destruída, direitos violados, assassinatos, roubos, prisões, exploração...tornando insuportável a permanência no país”.

Os russos fugiram do comunismo, que era radical. Onde se produzia algo, era necessário dividir com os mais pobres. As casas eram revistadas com o uso de violência, pois como conta Kerbes, apud Francisca Malsam (2004, p. 91): “quando encontravam algo que havia sido escondido, o homem da família era morto, o jeito era fugir”.

Conforme Kerbes (2004), o primeiro coordenador do Comunismo na Rússia era Lênin e com a morte do mesmo, passou o poder para Stálin, onde as coisas pioraram muito. Os mendigos passaram a exigir divisão de tudo, sem que para isso fizessem esforço.

Para explicar melhor essa questão dos Teuto-russos, Zeiser (1997, p. 10) nos conta que:

A maioria dos imigrantes russos tem sobrenome alemão, porque eram alemães que foram morar na Rússia e na Revolução foram praticamente expulsos e a Alemanha providenciou a retirada dos mesmos e pagou navios e mandou-os para longe, onde nunca mais poderiam retornar, nem sequer para rever os familiares e muito menos para retirar seus pertences.

Ainda conforme Zeiser (1997, p. 10), “outro motivo para a saída dos alemães da Rússia, foi uma lei que entrou para que cada família entregasse seus filhos, para serem instruídos de acordo com as leis do comunismo”.

Todos à procura de melhores condições de vida, tanto os gaúchos como os russos. Mas, quando aqui chegaram, viram que era propaganda enganosa, tudo estranho, mato, sem estradas, terras em declive. Começaram, então, a derrubar mato em Aguiinhas, tudo manual, conforme Kerbes (2004) . As primeiras famílias a habitar Aguiinhas foram: Eisele, Zeiser, Scheicher, Beireth, Oberhefer. Estes, sem práticas com essas terras, pois eram acostumados a lidar com terras planas na Rússia, conforme Kerbes (2004).

Como era o transporte? Vejam:

Iam a cavalo até Caxambu do Sul, onde tinha o primeiro moinho. Tiveram que ir rio abaixo até Irai para comprar sal. A carroça puxada por mulas, burros e cavalos e mais tarde também por bois, foi o principal meio de transporte terrestre, com o qual transportaram os produtos colhidos na base de muito sacrifício e também uma atividade muito forte foi a exploração de madeira para a qual a carroça com tração animal era essencial (ZEISER, 1997, p. 14).

Para ir ao médico, somente com carro de boi, o que dificultava o atendimento. Como em São Carlos não havia hospital, outros municípios eram procurados para o atendimento. São Carlos veio a ter um hospital em 1960, e em 1967 foi dado início a obra do Hospital Padre João Perthier, o que veio a contribuir e muito para a qualidade de vida das pessoas.

Mas daí para frente, as coisas foram evoluindo, com um pequeno comércio que era uma cooperativa agrícola montada pelos moradores que vendia de tudo um pouco, a qual durou muitos anos, conforme Kerbes (2004).

Começaram “as primeiras celebrações na comunidade, realizadas na casa dos moradores e consistia na reza do terço, ladainhas, leitura e explicação do evangelho e cantos, tudo isso feito em alemão” Kerbes (2004 p. 95).

A primeira capela de Aguinhas foi construída em 1933, exclusivamente pelos moradores.

Conforme aparece no livro de Kerbes (2004, p. 96) “a primeira missa foi pregada pelo Pe. Jorge Annecken em 1938. Entre 1940 e 1950, a comunidade de Aguinhas tinha um coral bastante atuante e por que não dizer um dos melhores da Paróquia”.

Outra capela construída em 1938, foi demolida em 1968, e logo foi construída a terceira igreja em Aguinhas. Assim, a comunidade foi evoluindo com o tempo.

Os costumes da época se resumem em diálogo e união entre as famílias. As pessoas iam se visitar nas casas e se alguém construía uma casa nova, a mesma era inaugurada com um baile na própria casa, conforme Zeiser (1997).

Destaca-se aqui a questão sucessória nas propriedades da época: “Era também costume os pais darem terras aos filhos homens e as filhas moças receberem a louça e a mobília” Zeiser (1997, p. 12).

E o casamento, como acontecia? Zeiser (1997, p. 13) escreve que: “era difícil um rapaz se casar com uma moça de outra comunidade, muito menos com outra etnia. Preservaram por muito tempo as raízes européias”. “[...] muitas vezes os próprios pais escolhiam com quem o rapaz ou a moça namorasse” Zeiser (1997, p. 13).

O que também ajuda a contar a história são os Clubes “4S” que deixavam a comunidade bem organizada, limpa, sendo este um meio de integração. Os grupos de jovens também se faziam presentes na liturgia, apresentações teatrais e integração com outras comunidades. Hoje ainda existem, mas com menos expressão, visto que a população jovem principalmente, reduziu muito. Aguinhas, assim como as outras comunidades

estão envelhecendo, a sucessão está cada vez mais difícil, o jovem visualiza outras oportunidades e a falta de incentivos faz com que o mesmo abandone o campo.

Baixo Aguihas foi fundada em 1965, desmembrando-se de Centro Aguihas, com mais de 30 sócios. Alto Aguihas se desmembrou em 1975, com 42 sócios, conforme Kerbes (2004). As comunidades se dividiram devido as distâncias entre as mesmas e na época a população foi crescendo, o que permitiu que fossem instaladas escolas nas três Aguihas, capelas, salões comunitários e campos de futebol.

Conforme dados da Secretaria da Saúde de São Carlos e conforme cadastro das famílias no SIAB (Sistema de Informação de Atenção Básica), de 2009, informações do mês de agosto, a população total de Aguihas (Centro, Baixo e Alto Aguihas) é de 453, habitantes em que 233 são do sexo masculino e 220 do sexo feminino **(anexo 16)**.

A comunidade de Aguihas foi desbravada pelas mãos dos imigrantes. Este fato contribui muito para a cultura local, apesar de hoje a maioria dessas pessoas já terem falecido e muitos terem abandonado o local.

É característica da comunidade de Aguihas a evasão dos jovens para os centros urbanos. Sem dados concretos, mas pela vivência que comprova este fato, até os anos 80 havia muita juventude. Famílias numerosas o que era bonito de ver nos fins de semana, as estradas cheias de gente indo para a Igreja. Os grupos de jovens, 4S, liturgia, teatro, bailes, festas futebol eram características fortes, que promoviam a integração com outras comunidades. Nesses anos começou a evasão de famílias inteiras e jovens para os centros urbanos, principalmente em direção ao Rio Grande do Sul. Uma lógica era a falta de oportunidades para todos, visto que os pais não tinham terra para os filhos. Somente um conseguia sobreviver onde havia em torno de cinco irmãos, por exemplo.

Com a saída dessas pessoas na década de 80, e a volta dos mesmos nos finais de ano para as festas, sempre alguém ia junto. Os que voltavam estavam bem, ganhando seu dinheiro e com os direitos trabalhistas garantidos. Na agricultura não conseguiam sequer ter o dinheiro de fim de semana. Mas, deve-se lembrar que sempre teve fartura na mesa, falando em alimentação. Os ex-moradores voltavam com saudade da comida da roça.

E assim nos anos 90, característica de todo o Oeste catarinense, a evasão se tornou rotina. Foi nessa década que começaram as primeiras ações para tentar segurar o jovem, proporcionando transporte escolar para escolas onde podia-se estudar até a oitava série e depois em São Carlos, concluir o Segundo Grau. Mas quem terminava o ensino médio não ficava mais. Era certo que iria procurar um centro maior com o sonho de estudar e “se dar bem na vida”.

Percebe-se que hoje essa realidade mudou, visto que muitos já retornaram. Mas, sem querer tirar conclusões ou pré-conceitos, propõe-se aqui uma pesquisa para ver o que o jovem desse novo milênio está pensando. Foco em Aguiinhas, como já foi justificado anteriormente.

3.3 A Cooperalfa em Aguiinhas

A Cooperalfa também faz parte da história de Aguiinhas. Como os moradores não estavam contentes com a cooperativa local, pelo fato de a mesma não conseguir competir no mercado, reivindicaram a instalação de uma filial da Alfa.

Nos arquivos do Jornal O Cooperalfa foi encontrado uma série de matérias sobre as instalações de todas as filiais até então. Estas matérias foram realizadas em 1996 em que a filial de Aguiinhas aparece na edição de janeiro, página 05, do mesmo ano.

A criação da filial de Aguiinhas foi aprovada em Assembleia Geral, no dia 28 de fevereiro de 1981, porém só começou a funcionar no dia 19 de fevereiro de 1982, devido a morosidade do Incra em reconhecer as áreas de atuação das cooperativas Alfa e da extinta Coapesc (Cooperativa Agropecuária de São Carlos).

De acordo com a ata da primeira reunião dos moradores de Aguiinhas, escrita por Theobaldo Kunz, a maioria dos produtores rurais daquela comunidade não queria ser atendida pela então Cooperativa Agropecuária de São Carlos – Coapesc, por vários motivos, entre eles, porque a mesma não acompanhava os preços da Alfa.

A Alfa em Aguiinhas começou a funcionar com 80 sócios, a maioria transferida das filiais de Sobradinho e Águas de Chapecó. “Graças a Deus, hoje podemos contar com os serviços da Alfa em nossa região. O cooperativismo sério é a melhor saída para o produtor rural”, depoimento de João Lyro Sost em O Cooperalfa, (jan. 1996, p.5)

No início a comunicação era difícil, somente via correspondência e malote. Foi em maio de 1995 que a filial de Aguiinhas passou a contar com um telefone celular, com o apoio da prefeitura municipal de São Carlos. Isto para beneficiar todos os moradores. “Agora posso falar mais seguidamente com meu filho que estuda na Alemanha”, declarou um dos moradores, conforme O Cooperalfa (julho. 1995, p. 3).

A Cooperalfa passou a oferecer além de preços competitivos, assistência técnica, esta prestada por um técnico ou veterinário da regional de Águas de Chapecó, que abrange Aguiinhas e demais localidades próximas.

A Alfa exerce um papel importante na comunidade de Aguiinhas, oferecendo produtos de primeira necessidade e agropecuária. Sabe-se da carência das famílias rurais quando se fala de compras em supermercados. Os mesmos precisam se deslocar até a cidade, ou então pagar preços fora da realidade, muito acima do valor real, sem procedência garantida, sem comprovante de pagamento, uma conseqüência da sonegação nos comércios irregulares.

Hoje Alfa em Aguiinhas conta com 106 sócios espalhados no município de São Carlos. As atividades mais expressivas são a produção leiteira, a suinocultura, milho, feijão, soja e trigo, o que serve de sustentação para a permanência da filial e também de estímulo para os moradores que podem contar com o atendimento e os serviços prestados pela Cooperalfa.

4 METODOLOGIA UTILIZADA

Os procedimentos metodológicos e as técnicas adotadas para a realização desta pesquisa, serão abordados e descritos a seguir.

4.1 Delimitação do estudo

O estudo foi realizado de dezembro de 2009 a abril de 2010, na comunidade de Aguihas - São Carlos, Estado de Santa Catarina, envolvendo os jovens agricultores.

Entende-se aqui como jovem agricultor, aquele que está morando no meio rural, de 15 a 30 anos.

4.2 Técnica e coleta de dados

Para a realização deste estudo, tornou-se necessário coletar dados através de:

- **Revisão bibliográfica:**

O embasamento teórico através de diversas fontes ligadas ao assunto. Nesta pesquisa, a revisão bibliográfica foi realizada através de artigos e pesquisas disponibilizadas pela Epagri, livros disponíveis na biblioteca da Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ, e livros disponibilizados em Aguihas – São Carlos.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todas as pesquisas seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas implementadas exclusivamente com apoio de fontes bibliográficas (GIL, 2000, p.56)

Conforme Gil (2000, p. 56), “a maioria das monografias de conclusão de curso podem ser consideradas como pesquisas bibliográficas, assim como boa parte das dissertações de mestrado”.

A revisão bibliográfica é a comprovação através de autores e pesquisas conceituadas, da veracidade e qualidade das informações para a posterior pesquisa de campo.

- **Questionário**

Busca de dados através de perguntas para a obtenção dos resultados esperados.

As questões foram elaboradas com base na revisão bibliográfica, obedecendo os objetivos deste projeto. “O questionário é uma forma de coleta de dados que consiste em um rol de questões propostas por escrito às pessoas que estão sendo pesquisadas” conforme Gil (2000, p. 134).

4.3 Caracterização do estudo

Este estudo caracteriza-se por pesquisa exploratória qualitativa e quantitativa, por não conhecer-se formalmente os dados em questão.

Pesquisa exploratória qualitativa:

Richardson (1999, p.80) menciona que os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. Ressalta também que podem contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (BEUREN, org, apud RICHARDSON, 2004, p. 91)

Na pesquisa qualitativa, obtém-se análises mais profundas em que a abordagem do problema permite uma abertura maior para o conhecimento e possíveis soluções, não há uso de estatísticas.

Pesquisa exploratória quantitativa:

[...] a abordagem quantitativa caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados. Esse procedimento não é tão profundo na busca do conhecimento da realidade dos fenômenos, uma vez que se preocupa com o comportamento geral dos acontecimentos (BEUREN, org. 2004, p. 92).

Na pesquisa quantitativa, o uso da estatística é a base do trabalho, permitindo uma margem de segurança muito maior, mas sem liberdade de expressão, pois são questões fechadas, análises numéricas.

4.3.1 População e amostra

População é um conjunto de pessoas, objetos ou fenômenos que ocorrem ou se estabelecem em um local com características em comum. Segundo Gil (2000, p. 105), a população refere-se ao conjunto definido de elementos do qual serão retiradas amostras.

Conforme Gil (2000, p. 100), “amostra constitui um subconjunto da população e por ela estimam-se as características da população total”. “são frações ou uma pequena parte dos elementos de um universo da pesquisa” segundo Gil (2000, p. 120).

Como o único indicativo do número de jovens encontrado na comunidade foi uma informação do atendimento da saúde, optou-se por utilizar a amostra intencional, por acessibilidade, sabendo-se que a autora é natural daquela comunidade foram questionados 58 jovens, cujos dados fazem parte das tabulações finais.

A amostra utilizada foi a intencional, não probabilística, considerando jovens da idade entre 15 a 30 e residentes na comunidade de Aguiinhas.

Para Beuren (2003, p. 126) “[...] a amostra intencional consiste em selecionar amostras com base em informações disponíveis e que sejam consideráveis representativas da população. Nesta técnica, o pesquisador precisa ter o conhecimento prévio da população selecionada”.

De acordo com Gil (2002), amostra intencional é onde os indivíduos são selecionados com base em características relevantes pelos pesquisadores e participantes.

“Mostra-se mais adequada para a obtenção de dados de natureza qualitativa”. (GIL, 2002, p. 145)

Segundo Beuren (2003) para que ocorra esse tipo de amostra é preciso que se conheça previamente cada uma das pessoas a serem pesquisadas, e as mesmas devem apresentar propriedades específicas em relação às características definidas para o objeto de estudo.

4.4 Perguntas de estudo

O tempo não para, os meios de comunicação, a tecnologia e a globalização ajudaram nessa transformação que veio a mudar os conceitos e a cultura das pessoas.

A grande interrogação é a respeito da agricultura familiar e o destino dos jovens rurais bombardeados com muita informação, mas pouco conhecimento para o discernimento do certo e errado, do bom e ruim para eles próprios.

Com base nestas informações, busca-se saber:

- O que será da agricultura familiar?
- O jovem rural está preparado para lidar com as transformações tecnológicas e tomar as decisões em relação ao seu futuro?
- Quais os principais motivos que o levam a abandonar a agricultura?

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Diante dos questionamentos feitos a jovens nas idades entre 15 e 30 anos, da comunidade de Aguiinhas, pertencente ao município de São Carlos - SC, pode-se ter idéia de como os jovens agricultores percebem seu meio, o que esperam do futuro e qual a tendência diante das transformações que estão ocorrendo nas últimas décadas na agricultura do Oeste de Santa Catarina.

Buscou-se uma interpretação baseada na percepção da realidade das comunidades, também chegar o mais próximo possível da linguagem desses jovens, para que o leitor consiga entender de fato quais as angústias e sonhos de uma juventude bombardeada de informações, mas que muitas vezes não sabe tirar o proveito esperado das mesmas, havendo uma inversão da realidade, quando se fala do campo versus cidade.

Uma forma de desabafo. Muitos colocaram no papel o que não tiveram oportunidade ou coragem na vida de contar a alguém. Como foi o caso de uma jovem dona de casa, que ao engravidar com seus 20 anos, teve sérios problemas na gravidez e que hoje tem um sonho, de levar suas filhas a Capela da Santa Madre Paulina. Segundo ela, nunca falou desse sonho com ninguém. Este é um dos fatos da pesquisa, só para estimular a curiosidade da leitura que segue.

A satisfação de uns e a insatisfação de outros estão nas entrelinhas, mas de fácil identificação. O jovem agricultor de hoje, diga-se de antemão, não se conforma com a mesmice da vida, ele tem atitude, desejos e sonhos.

Acompanhe a análise dos dados dessa fantástica pesquisa, através de gráficos que permitem a visualização dos resultados de maneira simples e visual, além da análise quantitativa e qualitativa.

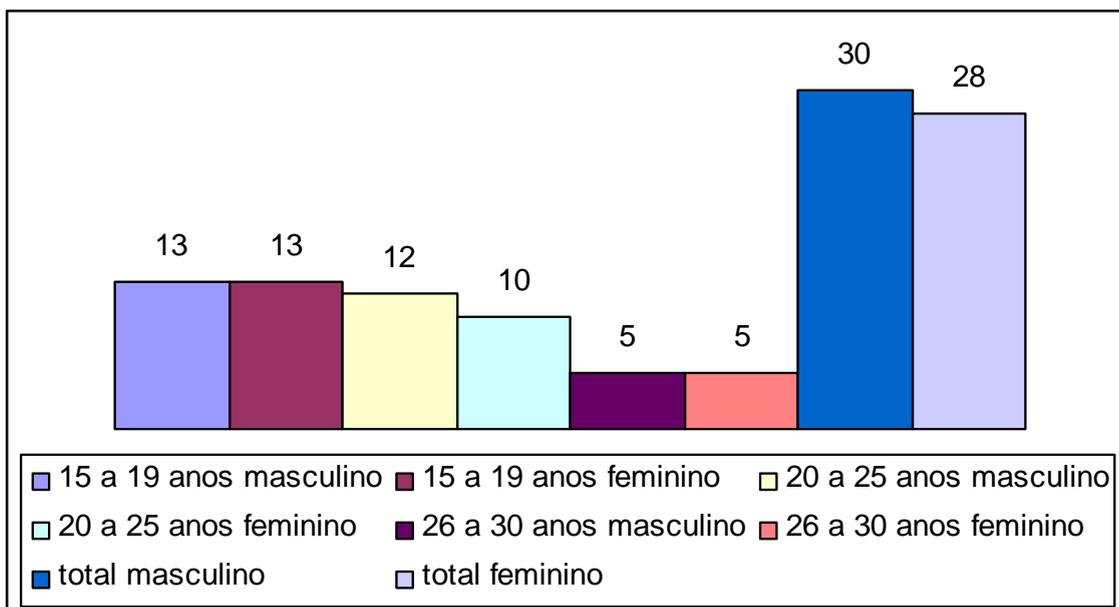


Gráfico 1: Gênero

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Os entrevistados tem idade entre 15 e 30 anos. Em relação ao gênero, percebe-se que está em equilíbrio. Não há um indício forte de masculinização, ao menos no que se refere ao momento. Mas conforme apresentado no decorrer do trabalho, há uma tendência forte de o gênero feminino abandonar o campo.

Em relação ao êxodo rural, masculinização e envelhecimento do campo, Abramovay (1998, p. 16) escreve que:

O êxodo rural nas regiões de predomínio da agricultura familiar atinge hoje as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Ao **envelhecimento** acopla-se, mais recentemente, um severo processo de **masculinização** da juventude. As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes.

Mesmo com certo equilíbrio, tem mais rapazes que moças. A masculinização e envelhecimento, assuntos discutidos em seminários e notícias em jornais, vem preocupando autoridades e a sociedade sente este reflexo nas cidades que estão cada vez mais inchadas com pessoas sem

qualificação, o que vem a aumentar o desemprego e a falta de mão de obra qualificada.

Pode-se mais adiante, perceber com as respostas obtidas o que os jovens de Aguiinhas esperam do futuro, refletindo outra realidade do Oeste Catarinense.

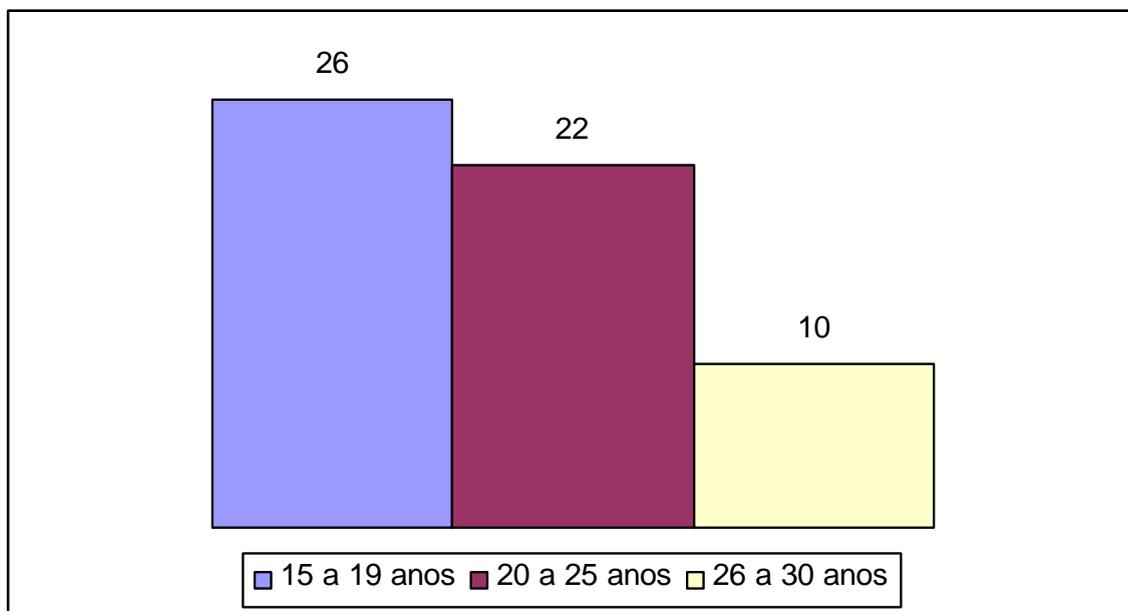


Gráfico 2: Idade

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Obteve-se acesso mais significativo com jovens de 15 a 19 anos, totalizando 26 pesquisados; 20 a 25 anos, foram 22 pesquisados e de 26 a 30 anos, 10 pesquisados. Diante do expressivo êxodo rural dos anos 90, a comunidade de Aguiinhas esvaziou de uma forma desenfreada. Quem conhece a região sabe da quantidade de pessoas nos eventos das comunidades, da força dos jovens trabalhadores e seus sonhos, porém a própria geografia e a pouca terra não permitiu que a maioria continuasse na agricultura o que fez com que muitos fossem para o Rio Grande do Sul trabalhar em fábricas de calçados, curtumes e outras profissões operacionais.

O êxodo rural, considerando as décadas entre 1980 e 2000, foi mais significativo em 1990 conforme a pesquisa de Brumer et al (2007, p. 6):

[...] considerando-se o período de duas décadas, entre 1980 e 2000, ela diminuiu em cerca de 180 mil pessoas, diminuição que representa quase 1/3 da população rural residente na região em 1980. Esta diminuição foi mais significativa na década de 1990 do que na década anterior (entre 1980 e 1991 registrou-se uma taxa de crescimento anual de -1,25%, enquanto que entre 1991 e 2000 esta taxa foi de -2,49%).

Este êxodo rural continua, mas em proporção menor, pela menor quantidade de pessoas que residem no meio rural. Mesmo assim, o envelhecimento e a masculinização da agricultura são fatos que requerem a conscientização dos jovens da real situação da cidade que nem sempre é aquela dos sonhos e que podem instituir seus negócios no local onde vivem, mantendo a qualidade de vida.

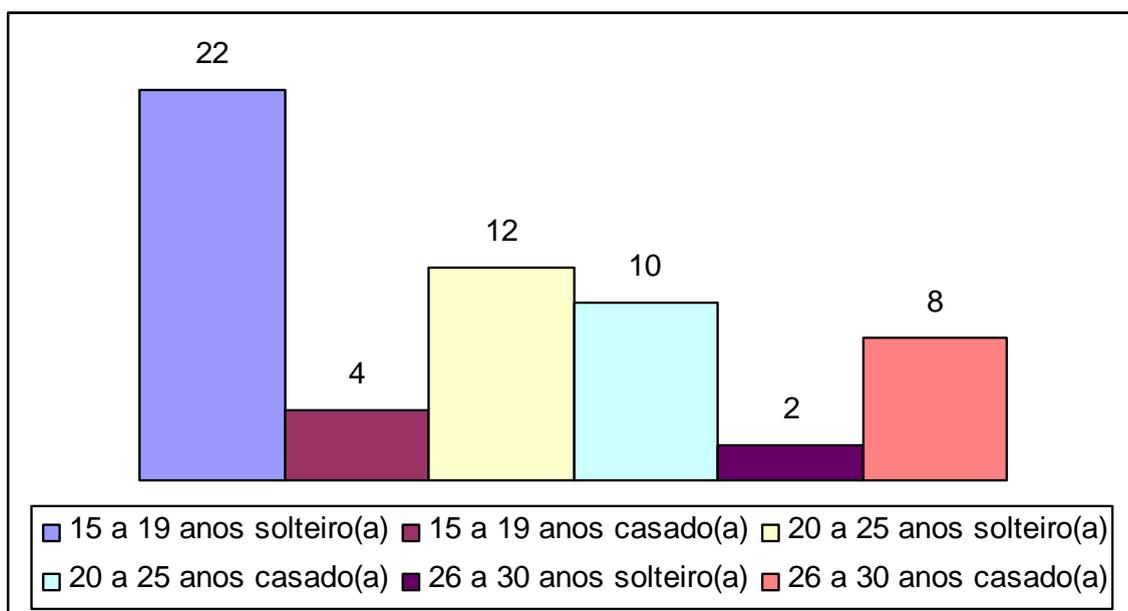


Gráfico 3: Estado Civil

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo no mês de janeiro de 2010

Percebe-se aqui uma ordem natural em contrair o matrimônio não muito cedo, considerando-se uma normalidade, em que entre 15 a 19 anos, dos 26 entrevistados, somente 4 são casados. Na faixa etária dos 20 a 25 anos, dos

22 entrevistados, 12 são casados. De 26 a 30 anos, tem dois solteiros e 8 casados.

Muitos ainda contraem o matrimônio no meio rural, um dado positivo, pois demonstra que há continuidade das famílias. Esta ordem considerada natural de constituir família é um indício de que poderão permanecer no meio rural.

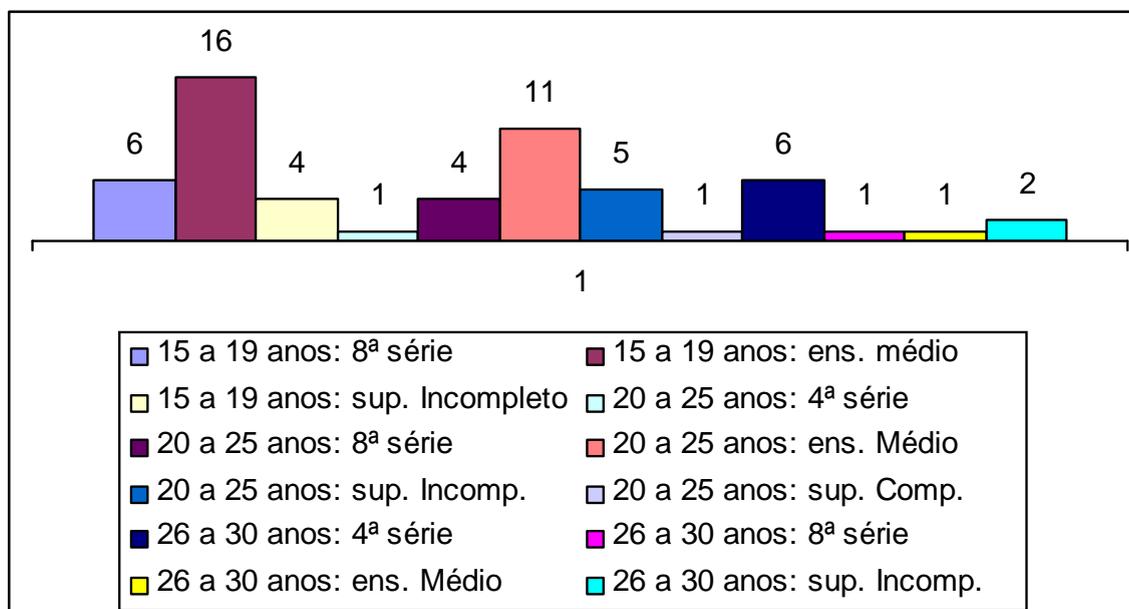


Gráfico 4: Escolaridade

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo no mês de janeiro de 2010

De 15 a 19 anos, a grande maioria está no segundo grau, normal para esta faixa etária, um total de 16 dos 26 entrevistados e todos estudam.

Quanto maior a faixa etária, maior também é o número de pessoas que pararam cedo os estudos. Hoje os acessos estão facilitados. Os que não estudaram são pessoas de um saber ímpar, aquele das experiências diárias, mercedores de toda admiração, pois são trabalhadores natos da terra, da qual vivem até hoje. Quando se fala de acesso aos bancos escolares, fala-se de uma necessidade, sem dúvida, mas não para recriminar quem não teve acesso. Sabe-se de inúmeros casos em que o baixo grau de instrução não foi o empecilho para o sucesso. Ainda a persistência e a coragem fazem toda a diferença.

Conforme a pesquisa, predomina a consciência de que quem estuda sai da agricultura, o que é fato. Essa visão de que na agricultura fica quem não estuda aos poucos deve ser mudada, a partir de estudos e pesquisas que comprovam que nem “tudo que reluz é ouro”. Ou seja, as luzes da cidade nem sempre são o sinônimo de uma vida mais fácil e mais feliz.

Percebe-se que quanto mais alta a faixa etária, também aumenta o número de pessoas com a 4ª série do ensino fundamental. Imaginar os pais com a 4ª série é mais fácil, mas jovens de até 30 anos, dá “dor no coração”. São pessoas portadoras de saberes ímpares, em muitos casos empreendedores e em outros frustrados, o que não seria difícil descobrir, mas caberia outro estudo. A visão dessas pessoas do mundo e da realidade que os rodeia é impressionante, pois para os seus filhos eles querem outra vida, o que leva em muitos casos ao incentivo do abandono da agricultura.

Só o fato de olhar para um gráfico e por um minuto colocar-se (se conseguir) no lugar das pessoas sem perspectivas, que trabalham com pouca tecnologia, é de entender que queiram algo diferente para os filhos. Há quem diz: “mas eles que vão lutar como eu fiz”. Não deixa de ser verdade. Mas as pessoas precisam de ajuda, de um “chaqualhão”. Quem nunca teve? Quem não teve uma pessoa na vida que deu aquele empurrão e que se não fosse essa pessoa as coisas não teriam acontecido? Pois é. Por isso também, que é importante o acesso aos bancos escolares, para conhecer pessoas de outras realidades, a integração necessária ao crescimento intelectual.

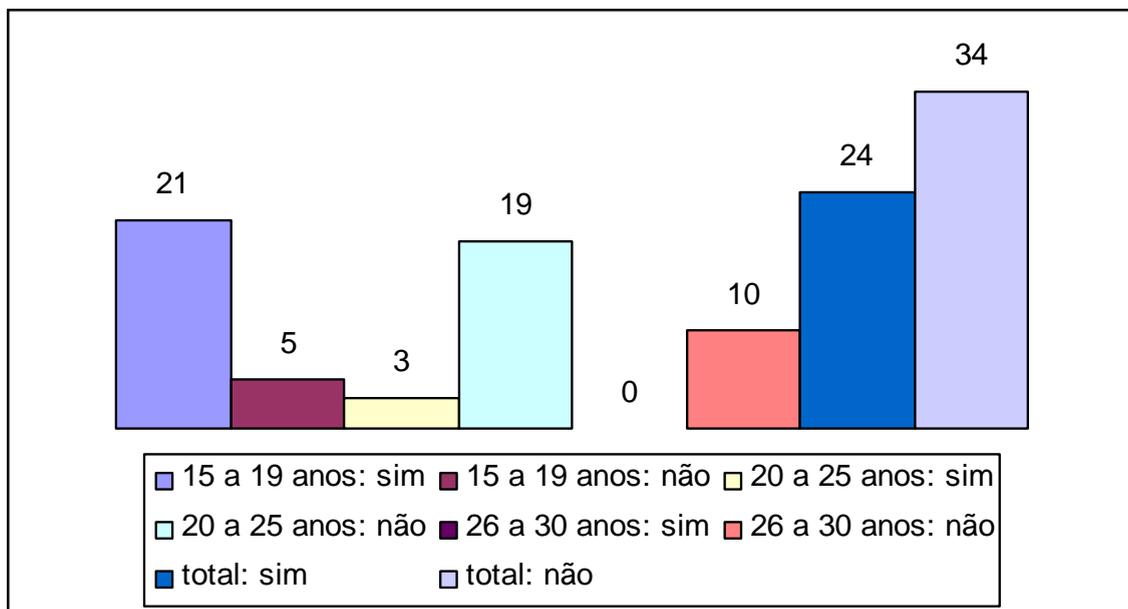


Gráfico 5: Ainda continua estudando?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Mesmo entre os mais jovens há desistência dos estudos. Dos 20 a 30 anos, apenas três dos 32 entrevistados ainda estudam. Muitos com segundo grau completo, mas outros com somente a 4ª ou 8ª série.

É inexpressiva a porcentagem de pessoas com ensino superior completo. Como nos fala Silvestro et al (2001), o jovem do meio rural com pouca oportunidade educacional é que acaba ficando. Esta realidade ainda hoje é sentida e percebida pela observação participativa.

Conforme Mello et al (2003, p.11) “Como consequência a educação prepara o jovem para migrar, pois valoriza apenas o crescimento urbano-industrial e associa o rural ao atraso, isto é, uma sociabilidade que estaria em extinção”. O jovem rural não pode ser associado ao atraso, mas a sociedade ainda o faz e dessa forma, ele acaba migrando.

De acordo com Mello et al (2003, p. 5), “o nível educacional médio dos brasileiros em 1997, era de 6,1 anos de estudo, sendo que os trabalhadores rurais possuíam uma média de apenas 2,5 anos de estudo”

Ainda conforme o mesmo autor:

Estudar até o 4º ano primário, na década de 90, deixou de ser uma prática socialmente dominante. De qualquer maneira, por mais que o

padrão anterior não seja mais predominante, ele deixa uma pesada herança para os atuais processos sucessórios no interior da agricultura familiar, representada pelo baixo grau de instrução desses jovens que em sua maioria serão sucessores..(MELLO et al, 2003, p. 5-6)

A questão educacional também foi foco na pesquisa da Cooperalfa (2009) em que constatou-se que 68,29% dos jovens ainda continua estudando e 31,71% não estudam mais. Esta que foi uma pesquisa que envolveu jovens de 12 a 36 anos, com mais de 2.000 entrevistados.

Percebe-se que a realidade está mudando, mas muito tem a ser feito. A conscientização leva de médio a longo prazo e para isso, o papel do governo, através de políticas públicas e cooperativas é importantíssimo, visto pelo aspecto do compromisso social.

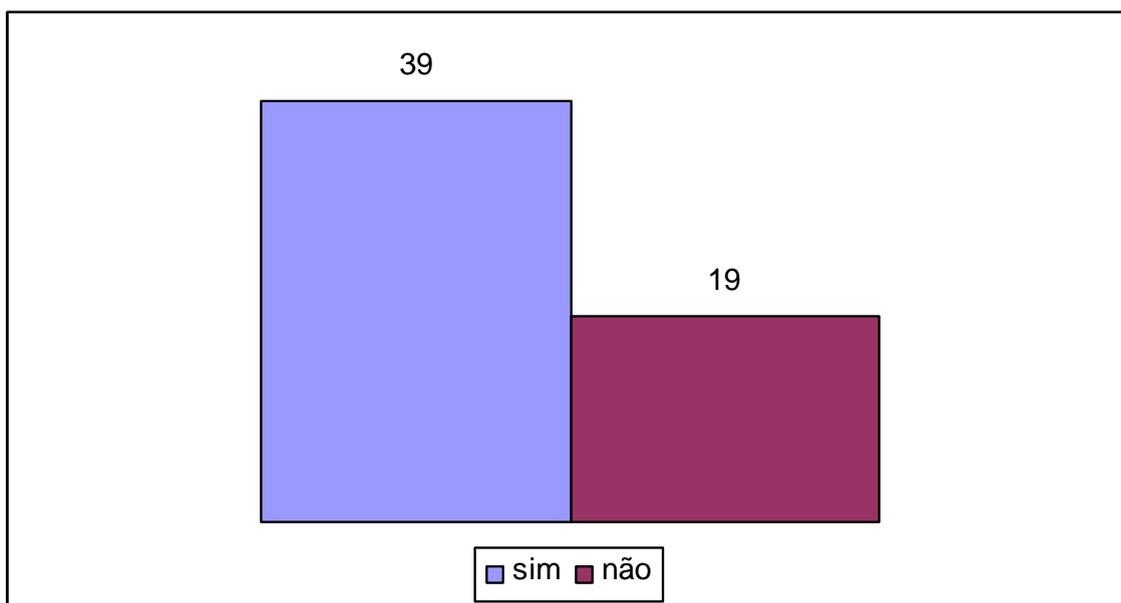


Gráfico 6: A sua família é associada em alguma cooperativa? Qual?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Do total de 39 associados em alguma cooperativa, quando perguntados em qual, 30 aparecem como sócios da Cooperalfa, 6 são associados da Auriverde, 2 na Sicred e 1 associado da Cresol. Uma quantidade bem representativa não é associada em nenhuma cooperativa. Na pesquisa não foi focada a questão do cooperativismo, mas uma pergunta que fica no ar é saber por que essas 19 não se associam em nenhuma cooperativa.

A seguir um conceito elucidativo:

Cooperar significa colaborar com outras pessoas para que todos alcancem os mesmos resultados. Esse é o princípio do modelo cooperativista, que está fundamentado na solidariedade humana, onde o bem-estar de todos se sobrepõe ao individualismo. (COOPERALFA, 05/11/2009)

Sabe-se da importância do cooperativismo para a região, não só nas negociações de preços como também no aspecto social, que inclui o agricultor na sociedade por meio de ações que visam a integração e transmissão de conhecimentos técnicos e econômicos.

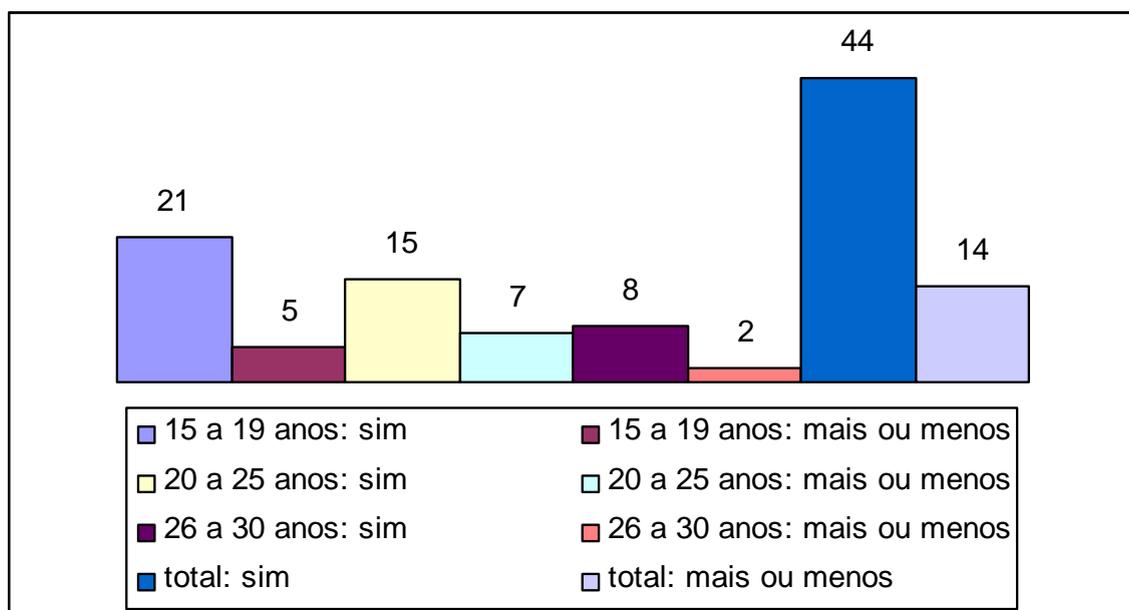


Gráfico 7: Você se orgulha em morar no meio rural?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Nesta questão as opções de resposta foram: “sim”, “mais ou menos” e “não”. Ninguém respondeu que não tem orgulho em morar no meio rural. A grande maioria, 44 jovens dizem se orgulhar em morar no meio rural e 14 o dizem mais ou menos.

Quando perguntados por que se orgulham em morar no meio rural, os jovens de 15 a 19 anos responderam:

- “Mais sucesso, mais saúde”;
- “Eu gosto do interior”;
- “Porque é um meio bom para conviver”;
- “Quero ajudar meus pais a continuar na atividade”;
- “A vida é muito melhor”;
- “Porque você aprende muito”;
- “Tem menos roubo e é mais calmo”;
- “É tranqüilo”;
- “Porque é bom”;
- “Moro com meu marido e sou feliz”;
- “É tranqüilo e a gente trabalha quando quer”;
- “Vida fácil, liberdade”;
- “Porque somos agricultores e tratamos todos os seres humanos”;
- “Tem algumas vantagens”;
- “Porque a qualidade de vida é melhor”;
- “Porque aqui temos tudo”;
- “Porque não é necessário cumprir horário”;
- “Porque o povo é humilde e o trabalho é gratificante”;
- “Porque gosto de fazer as atividades que precisam ser feitas no dia a dia”;
- “Porque lá tem de tudo um pouco”.

De 20 a 25 anos, que se orgulham em morar no meio rural:

- “No interior as condições de vida são melhores – temos o cultivo dos nossos próprios alimentos de consumo”;
- “Tudo o que se faz com carinho dá resultado”;
- “Porque é mais tranqüilo que na cidade”;
- “Porque é um lugar bom para se viver”;
- “Gosto e nasci neste meio”;
- “Não tem muitos gastos”;
- “Gosto muito da qualidade de vida oferecida”;
- “Já morei na cidade e estou melhor agora no interior”;
- “Gosto da minha vida”;
- “Porque tenho meu emprego fixo”;
- “O ar é mais puro e gosto de trabalhar na terra”;
- “Foi onde nasci e fui criado. É um lugar tranqüilo e feliz”.

De 26 a 30 anos que se orgulham em morar no meio rural:

- “Porque é da agricultura que sai o alimento que sustenta o homem do campo e da cidade”;
- “Nós estamos bem aqui. Poderia ser melhor se as condições climáticas ajudassem mais”;
- “A gente tem mais liberdade”;
- “Produzimos os alimentos”;

- “Somos uma classe importante na sociedade”;
- “A vida é mais tranqüila”;
- “Eu acho que no campo a gente vive melhor do que na cidade”.

Dos que responderam que gostam mais ou menos de morar no meio rural, justificaram que:

De 15 a 19 anos:

- “Não gosto muito de morar no meio rural”;
- “Pois o agricultor passa por muitas dificuldades”;
- “A situação não está muito boa”;
- “Não tem futuro permanecer na agricultura do jeito que a situação está”.

De 20 a 25 anos:

- “É muito serviço”;
- “Não tenho nada definido ainda”;
- “Trabalha e não tem lucro”;
- “Acho que poderia ser melhor”;
- “Porque esta mais ou menos”;
- “As dificuldades são muitas”.

De 26 a 30 anos:

- “Os produtos não tem valor”.

Nem todos justificaram suas respostas.

Analisando as respostas pode-se dizer que os jovens tem a percepção que a qualidade de vida no campo é melhor, como apareceu uma resposta em que um jovem na idade entre 15 a 19 anos respondeu: *“Porque a qualidade de vida é melhor”*. Veja que há uma percepção real do que vem a ser qualidade de vida, o que se justifica em outras respostas: *“O ar é mais puro e gosto de trabalhar na terra”*; *“Porque aqui temos tudo”* *“A vida é muito melhor”*, estas são umas entre tantas respostas que mostram que o jovem sabe o que vem a ser qualidade de vida. Em muitos casos as pessoas imaginam que na cidade as pessoas vivem melhor e idealizam “qualidade de vida” de forma distorcida e sem informações se aventuram em busca do não conhecem.

Outra resposta que faz pensar é essa: *“Porque somos agricultores e ‘tratamos’ todos os seres humanos”*. Perceba a importância dessa frase de um

jovem de 15 a 19 anos. Aqui há consciência de que o agricultor é a base da economia, da produção de alimentos e que sem o mesmo a sociedade para. Demonstram visão de empreendedor rural, o que mostra ser o início de uma nova geração de agricultores, mas que não vai passar pelas mesmas dificuldades que seus pais, em trabalhos braçais.

Conforme Dornelas (2005, p.39): “Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de idéias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso”.

Para o termo empreendedor, vale acrescentar o conceito de Dornelas (2005, p. 39): “o empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados”.

Na empresa rural o empreendedorismo vai dizer quem fica e quem sai. Somente quem tem espírito empreendedor acaba ficando. A criatividade no meio rural é determinante. A mesmice não tem mais lugar, o tempo da enxada já passou faz tempo e tem pessoas que ainda não se conscientizaram e não acompanharam a evolução. Hoje existem muitas opções que podem fazer a diferença.

Nas respostas dos jovens de 20 a 25 anos, que se orgulham em morar no meio rural, pode-se destacar: “*No interior as condições de vida são melhores – temos o cultivo dos nossos próprios alimentos de consumo*”; nesta faixa etária alguns já saíram e voltaram, com a seguinte colocação: “*Já morei na cidade e estou melhor agora no interior*”. Outra resposta de um jovem entre 26 a 30 anos: “*Eu acho que no campo a gente vive melhor do que na cidade*”.

Hoje, devido a globalização em que a agricultura também está inserida, a quantidade de informações disponíveis através da televisão, telefone, internet, as facilidades em adquirir automóveis já estão até mesmo no subconsciente dos jovens. Eles não se enxergam sem essas necessidades básicas atendidas. E se não conseguem isso no meio rural, migram para a cidade. Nas respostas dos jovens que gostam “mais ou menos” de morar no meio rural, o que chamou atenção foi o desânimo com a situação atual, nas seguintes colocações: “*Não tem futuro permanecer na agricultura do jeito que a situação está*.” *Pois o agricultor passa por muitas dificuldades*”; “*A situação*

não está muito boa”. Situações em que o jovem respondente provavelmente vai abandonar o campo.

Conforme destaque no livro de Silvestro et al (2001), o próprio jovem enxerga que tem futuro no meio rural, mas desde que tenha capital. Algumas famílias com renda muito baixa incentivam os filhos a irem para a cidade, visto que não tem recursos para oferecer uma vida digna.

Nas respostas não se percebe nada em relação a autoestima baixa, pelo contrário, eles sentem orgulho por serem produtores de alimentos, pela qualidade de vida, liberdade, entre outros. Entra nesta situação, a educação oferecida pelos pais e educadores e a própria observação das realidades vivenciadas.

A autoestima influencia diretamente na qualidade de vida, pois o indivíduo com baixa autoestima se deixa influenciar, é mais vulnerável e tende a buscar a aprovação de alguém que admira, segundo Robbins (2005).

O fato de sentirem orgulho não afasta a possibilidade do abandono da agricultura. Caso não consigam atender as necessidades básicas, que conforme Maslow aparecem na pirâmide a seguir, buscam outras opções:



Não é muito fácil ter todas essas necessidades atendidas, até porque depende do momento em que a pessoa se encontra, podendo variar. Mas

serve de base para que se possa ter um parâmetro e buscar o que falta, por isso esta pirâmide é parte de uma das teorias de motivação. Para isso a atitude é tudo. Arriscar faz parte da vida. Mas, que sejam riscos calculados.

Muitas informações básicas devem ser levados as famílias do campo para que sempre mais possam se orgulhar e se sentir inseridos na sociedade através do conhecimento e condições sociais.

Tenha a certeza, caro (a) leitor (a) de ao visitar um agricultor, sua bagagem de conhecimento sobre a terra, os animais, clima, e muito mais...fica bem mais apurada.

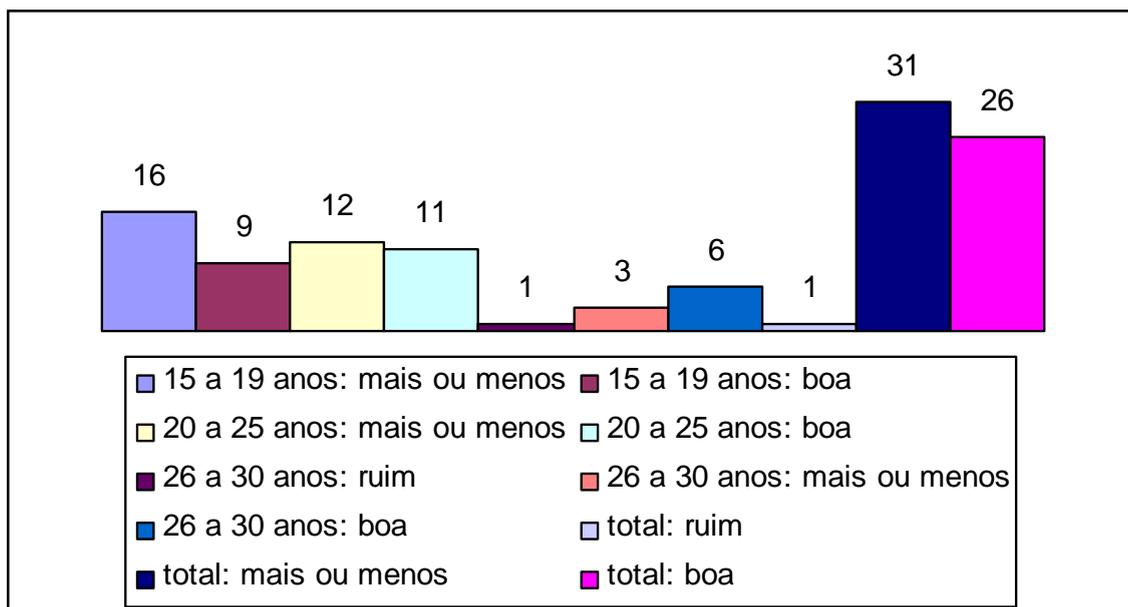


Gráfico 8: Como você avalia a vida no meio rural?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Os jovens consideram a vida no campo boa, ou mais ou menos. Ninguém respondeu ser ruim. Esta questão pode ser comparada com a anterior, em que os jovens responderam que sentem orgulho ou não em morar no campo e o porquê. Sentir orgulho e achar a vida boa, nem sempre andam juntos. Muitas vezes o indivíduo pode sentir orgulho de algo que faz com muito sacrifício, ou com poucos recursos, o que não quer dizer que a vida é boa.

A vida mais ou menos demonstra certo desânimo ou indefinição. São jovens que estão “em cima do muro”. É a fase em que o diálogo e acesso a informação são fundamentais e que vão fazer toda diferença na vida adulta.

Conforme Cole, Michael; Cole, Sheila R. (2003, p. 685), é na adolescência que ocorre toda a base para a vida adulta: “uma das idéias mais amplamente defendidas sobre adolescência é que esse é o período em que o indivíduo molda a base para uma personalidade adulta estável”.

A maioria vive uma indecisão. Bombardeados de informações, de um lado a mídia, de outro os pais e escola, ainda a influencia dos amigos. Entra aqui a questão dos valores aprendidos em casa e na escola e a geração de conflitos com a realidade vivida e a pretendida.

O diálogo com os pais é fundamental. Mas tem pais que não dialogam e sim impõem as condições. É nestes casos que os filhos se revoltam e tomam decisões, nem sempre as mais acertadas. O papel dos pais nem sempre fácil de amar os filhos até quando eles não merecem é decisivo na vida adulta. Por isso também, que estar conectado com a realidade, buscar informações, participar dos eventos oferecidos e ler jornais é imprescindível. Vale lembrar da importância de ter circulação de jornais e revistas no meio rural.

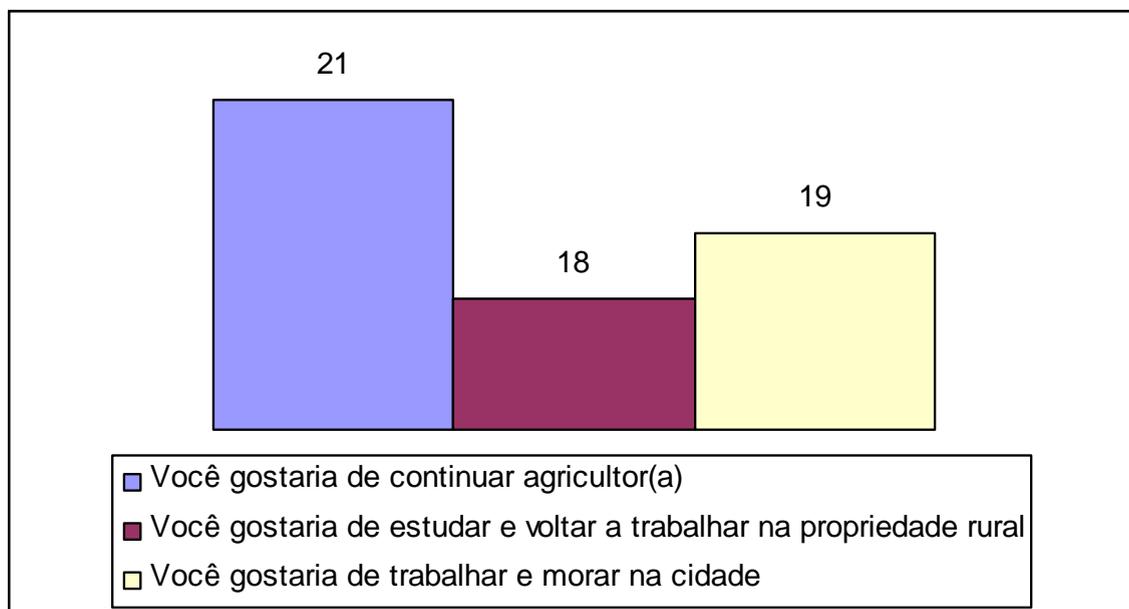


Gráfico 9: Com relação ao seu futuro profissional

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Ao analisar esta questão, em que 21 entrevistados gostariam de continuar agricultores; 18 gostariam de estudar e voltar a trabalhar na roça e 19 trabalhar e morar na cidade, percebe-se que há uma tendência forte da maioria dos jovens em continuar na agricultura, mas parte significativa dos entrevistados quer também estudar. Se estes jovens não conseguirem realizar-se morando no campo, há uma grande chance, mesmo não querendo, em ir para a cidade. O jovem sente a necessidade da inserção social e isso ocorre fundamentalmente através dos estudos.

É significativa a quantidade de jovens que gostariam de trabalhar e morar na cidade. Se é isso que querem, acabam geralmente realizando, a não ser por pressão familiar. “A ausência de perspectivas na unidade familiar de produção, pode significar também o início do afastamento da atividade agrícola”, conforme Silvestro et al (2001, p. 83).

A cidade é o refúgio também para as pessoas menos instruídas que vão só para trabalhar e a grande a maioria sem intenção e condições para continuar os estudos.

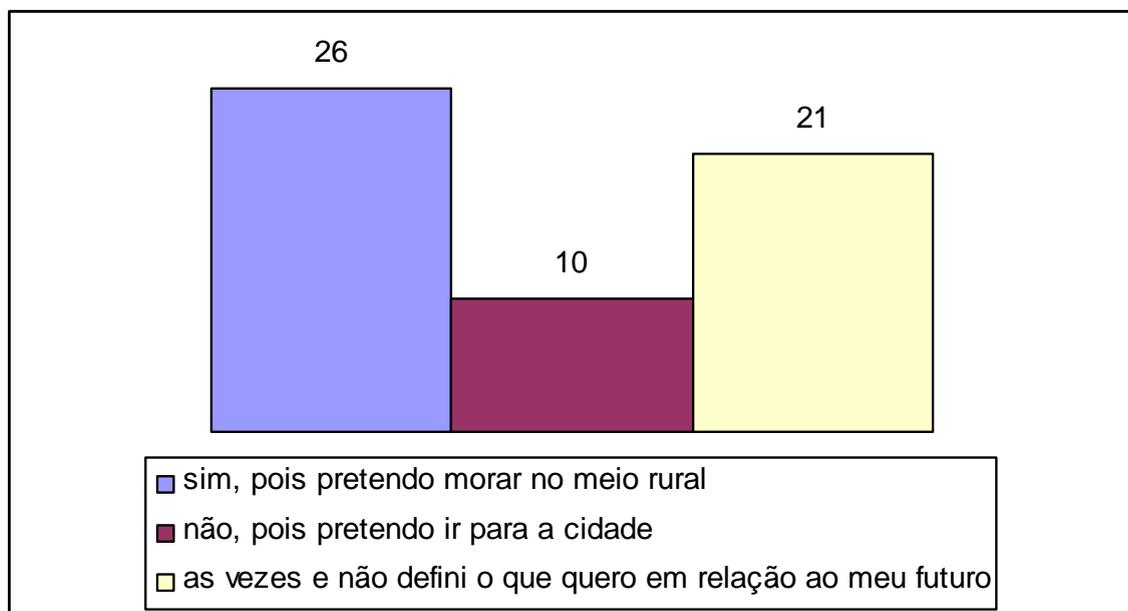


Gráfico 10: Você conversa com seus pais a respeito do futuro da propriedade?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

O jovem com interesse em permanecer na agricultura tem abertura para falar do futuro da propriedade. Conforme aparece na pesquisa, 26 jovens do total dos 58 entrevistados, responderam que sim, pois pretendem morar no meio rural; 10 não se interessam, pois pretendem ir para a cidade; 21 ainda não definiram o que querem em relação ao futuro, por isso não conversam a respeito.

Conforme pesquisas recentes, e no caso a pesquisa da Cooperalfa (2009), o jovem está mudando sua mentalidade em relação ao seu papel na propriedade e os pais estão mais abertos ao diálogo.

Referente ao perfil do jovem:

O perfil do jovem do campo vem mudando radicalmente nos últimos anos. No passado, filho de agricultor seria, teoricamente, agricultor. Hoje, a sucessão familiar é um tema que deve ser tratado com seriedade, profissionalismo e, principalmente, vocação. Além de gostar do que faz, o jovem que decide construir sua vida profissional no campo, deve, além de tudo, estar capacitado para isso, para produzir alimentos com qualidade e responsabilidade (O COOPERLFA, julho 2009, p. 08).

As propriedades estão se profissionalizando aos poucos. As famílias sentem a necessidade e essa mentalidade vai se difundindo através da geração de novos agricultores que estão despertando. Espaço aberto para os empreendedores rurais, que com novas ideias e atitudes irão transformar o meio rural em oportunidades individualizadas, sem copiar o que o vizinho faz, para que cada um possa apresentar o seu diferencial e se destacar no mercado.

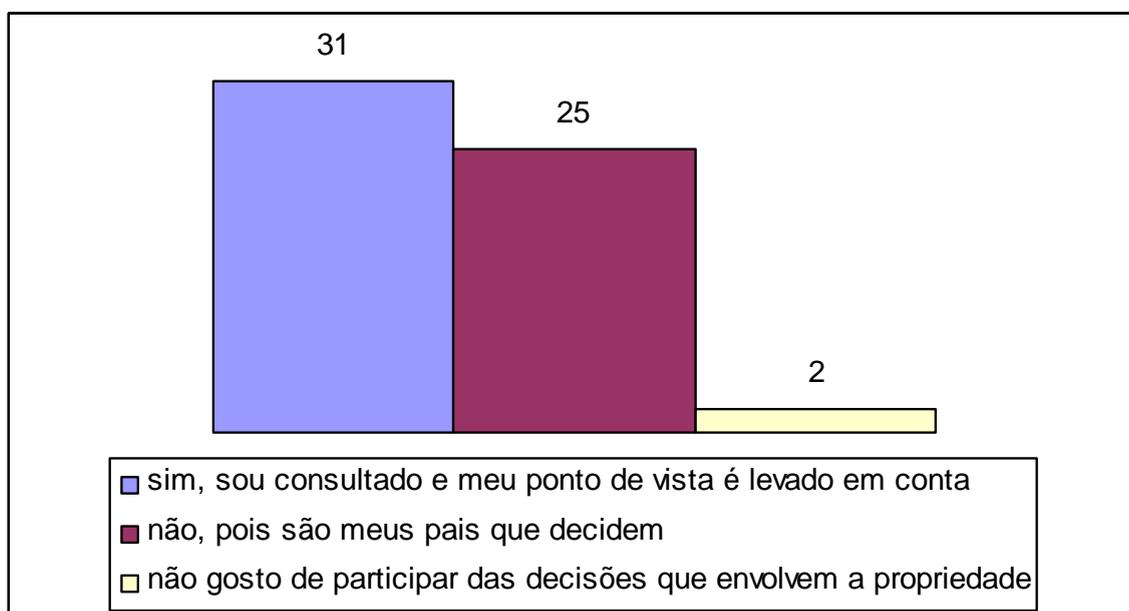


Gráfico 11: você participa das decisões voltadas para a propriedade na ocasião de negociações?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Percebe-se aqui a grande tendência em profissionalizar sempre mais a propriedade. O primeiro passo é a participação do jovem nas decisões, em que 31 jovens dos entrevistados responderam que sim, que são consultados e o seu ponto de vista é levado em conta. Ainda uma porcentagem expressiva não participa das decisões, representando 25 jovens. Somente dois, dizem que não gostam de participar das decisões que envolvem a propriedade.

Quanto a participação dos jovens nas decisões da propriedade, a pesquisa da Cooperalfa (2009) mostra que a mesma está aumentando, sendo que 58,29% responderam que sim, que está aumentando. Levando em conta o gênero (masculino x feminino), 64,88% dos homens têm participação nas decisões, contra 48,82 das mulheres.

Em entrevista ao Informativo de rádio da Cooperalfa, um senhor associado falou: *“eu sempre falo pros meus filhos: vocês não precisam ir para a cidade carregar massa de construção. Se aqui tá ruim, lá tá bem pior”*. “A ausência de perspectivas na unidade familiar de produção pode significar também o início do afastamento da atividade agrícola”, conforme Silvestro et al (2001, p. 83).

As mudanças estão ocorrendo de forma lenta, mas perceptíveis, até porque hoje o diálogo é mais aberto nas famílias, o jovem participa mais em tudo, e se não há espaço, ele acaba abandonando o campo. O filho sem participação nas decisões e que só executa o trabalho, não se conforma, pois ele vê outra realidade. Ele percebe que se tiver seu próprio dinheiro terá liberdade para sonhar. É nesses impasses que jovens se iludem muitas vezes com os trabalhos urbanos, para onde vão sem preparo, competências ou planejamento.

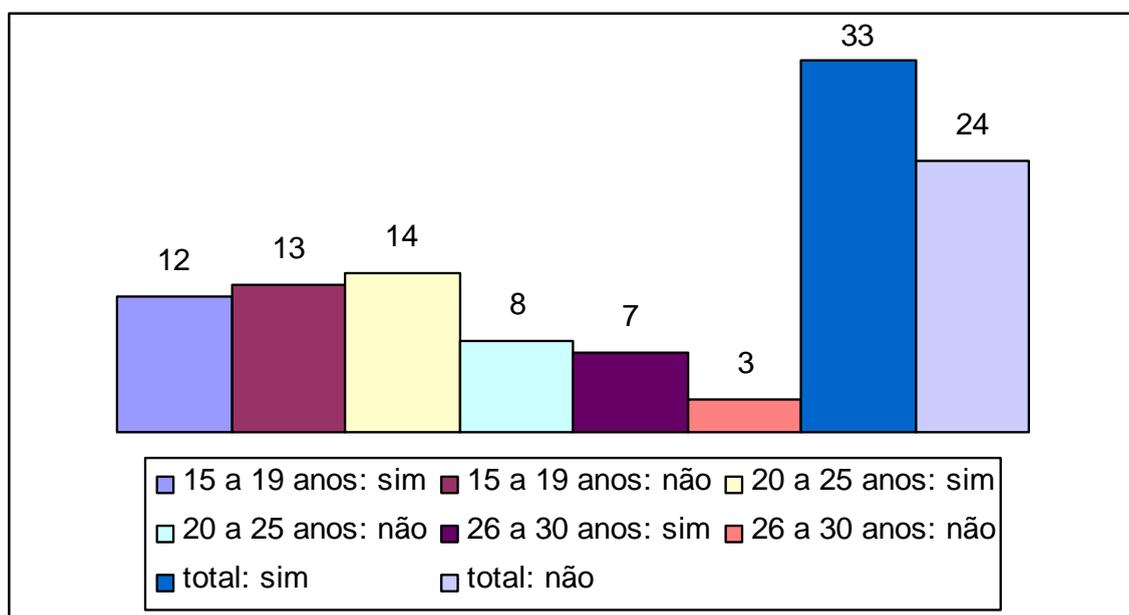


Gráfico 12: Você é incentivado por seus pais a continuar na agricultura?
 Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Os pais em sua maioria incentivam os filhos a permanecer na agricultura. Mas uma parcela expressiva não incentiva os filhos a continuar no campo, o que reflete as dificuldades que os mesmos passaram e que não querem o mesmo para os filhos. Eles, os pais, tem um papel decisivo, conforme a citação a seguir:

Dizer simplesmente que uma renda agrícola alta freitaria ou atenuaria os atuais processos migratórios é excessivamente simplificador: As relações intra-familiares tem um papel central na maneira como é

organizado o futuro de cada membro da família (ABRAMOVAY, 1998, p. 26).

Quando perguntados por que nesta questão:

Os jovens de 15 a 19 anos, que responderam sim, que são incentivados pelos pais a continuar na agricultura, deram as seguintes respostas:

- “Porque eles acham que seria bom”;
- “Eu tenho que ajudar”;
- “Eu gosto de ficar com eles”;
- “Porque é mais vantajoso”;
- “Eles gostariam que a gente continuasse o que eles começaram”;
- “Vou continuar aqui e meus irmãos vão para a cidade”;
- “Porque a propriedade é grande”;
- “Eles querem que eu cuide da propriedade”;
- “Porque a qualidade de vida é melhor no campo”;
- “Para continuar na agricultura”.

Agora na faixa etária dos 20 a 25 anos, que responderam sim, que são incentivados pelos pais a continuar na agricultura:

- “Eles gostariam que eu continuasse a tocar a granja”;
- “Eles acham que tem mais futuro ficar na agricultura”;
- “Pois pode ser um meio sustentável e agradável de vida”;
- “Moro sozinho já tenho minha família”;
- “Pretendo continuar a atividade deles”;
- “Mais ou menos”;
- “Pois se aqui é ruim na cidade é pior”;
- “Porque gostariam que alguém continuasse a propriedade”.

De 26 a 30 anos apareceram as seguintes respostas em relação ao incentivo dos pais a continuar na agricultura:

- “Do meio rural nós tiramos o nosso sustento”;
- “Para cuidar da propriedade e administrar”;

Agora a resposta negativa referente ao apoio dos pais a continuar na agricultura:

Os que responderam que não são incentivados a continuar na agricultura, de 15 a 19 anos:

- “Porque é meio difícil no meio rural”;
- “Porque você não precisa comprar vários produtos”;
- “Pois o trabalho do agricultor é árduo”;

- “Porque acreditam que na cidade posso ter um futuro melhor”;
- “Já estou na cidade”;
- “A vida na agricultura é muito sofrida”;
- “Porque sabem que não adianta”;
- “Eles me incentivam para buscar uma vida melhor na cidade”;
- “Posso escolher onde quero morar”;
- “Porque cada um sabe o que quer da vida”.

Os jovens de 20 a 25 anos que responderam não serem incentivados pelos pais a continuar na agricultura:

- “Eles já enfrentaram muitas dificuldades”;
- “No meio rural não tem futuro”;
- “Não sei se fico na agricultura”;
- “Porque eles sabem que a vida no meio rural é muito difícil”;
- “Sem recursos”;
- “A propriedade é pequena”.

Como resposta não ser incentivado de 26 a 30 anos, apareceu uma resposta:

- “Sem recursos”.

O peso das palavras dos pais nas decisões é muito grande. Não precisa haver imposição ou ameaça, mas pai e mãe são referências.

A maioria dos pais incentivam a permanência dos filhos no meio rural. Um dado interessante para a continuidade da agricultura familiar. Deve-se levar em consideração o que os filhos colocaram como resposta, o que afinal, os pais passam para eles referente a permanência na agricultura: “*Eles gostariam que a gente continuasse o que eles começaram*” esta resposta veio de um jovem entre 15 a 19 anos. “*Eles gostariam que eu continuasse a tocar a granja*”, disse um jovem de 20 a 25 anos. “*Para cuidar da propriedade e administrar*” 25 a 30 anos. Aqui apareceram casos de sucessão familiar. Os pais estão preocupados com o futuro da propriedade. Tudo o que levaram a vida inteira para construir alguém vai ter que continuar, senão, do que valeu o esforço?

A partir do momento que um casal tem filhos, eles passam a ser parte central do projeto de vida e todo planejamento de futuro gira em torno deles. Mas os pais, que planejam demais para os filhos, os sufocam. Primeiramente, vem a felicidade dos mesmos e depois os projetos já elaborados. Tudo pode

ser mudado se houver diálogo. Outra resposta interessante veio de um jovem da faixa etária de 15 a 19 anos. Este jovem é incentivado a continuar na agricultura: *“Eu tenho que ajudar”*. Ele (ela) tem que ajudar. Não parece um incentivo e sim a obrigação em ficar. Este jovem pode vir a se frustrar. Apareceu uma resposta: *“Mais ou menos”*. Os pais não deixam claro o que esperam do filho, provavelmente não conversam a respeito ou não tem diálogo.

É por estas questões que os pais tem papel decisivo. A visão de mundo começa em casa. Se os pais vivem em um “mundo” fechado, sem informações, o que vão passar para os filhos e como vão entendê-los se os filhos vivem em “outro mundo”? É até comum isto acontecer. Os pais de certa forma tentam dominar os filhos com suas idéias, que muitas vezes são ultrapassadas.

Por outro lado, os filhos vivem em ilusões, em que se imaginam numa realidade diferente, mas não sabem o que os espera para viver tal sonho, que pode acabar em pesadelo. Como apareceram respostas de jovens entre 15 a 19 anos: *“A vida na agricultura é muito sofrida”*; *“o trabalho do agricultor é árduo”*, estas são visões que os pais passam. A vida deles é muito sofrida. Mas isso não quer dizer que a vida dos filhos na agricultura deva ser sofrida. Os filhos podem fazer a sua história. Mas daí vem a questão em que os pais que são referência não dão liberdade para o filho fazer algo diferente. Há uma continuidade na mesmice. Claro que não quer dizer que não existe vida melhor na cidade se a pessoa vai com um planejamento. Quer-se aqui dizer, que pais e filhos precisam dialogar e não pode haver imposição por parte dos pais.

A busca por informações é pequena, e por outro lado há pouca oferta no meio rural. A televisão é praticamente o único meio. Pais e filhos criam uma imagem distorcida do que nunca viveram. Em muitos casos criam uma auto-imagem negativa.

Outras respostas de jovens de 15 a 19 anos e 20 a 25 anos, respectivamente: *“Porque sabem que não adianta”*; *“Eles já enfrentaram muitas dificuldades”*. Os pais sempre querem o melhor para seus filhos. O que se pode dizer com segurança é que quem não se profissionalizar não vai conseguir sobreviver na agricultura e nem na cidade.

Projetos sociais para o meio rural são de uma necessidade urgente. Os acessos à informação precisam estar mais próximos. Revistas e jornais devem estar nas casas dos agricultores. Claro que não se pode resolver todos os

problemas, pois tem pessoas que não querem mudar. Mas os meios podem ser oferecidos.

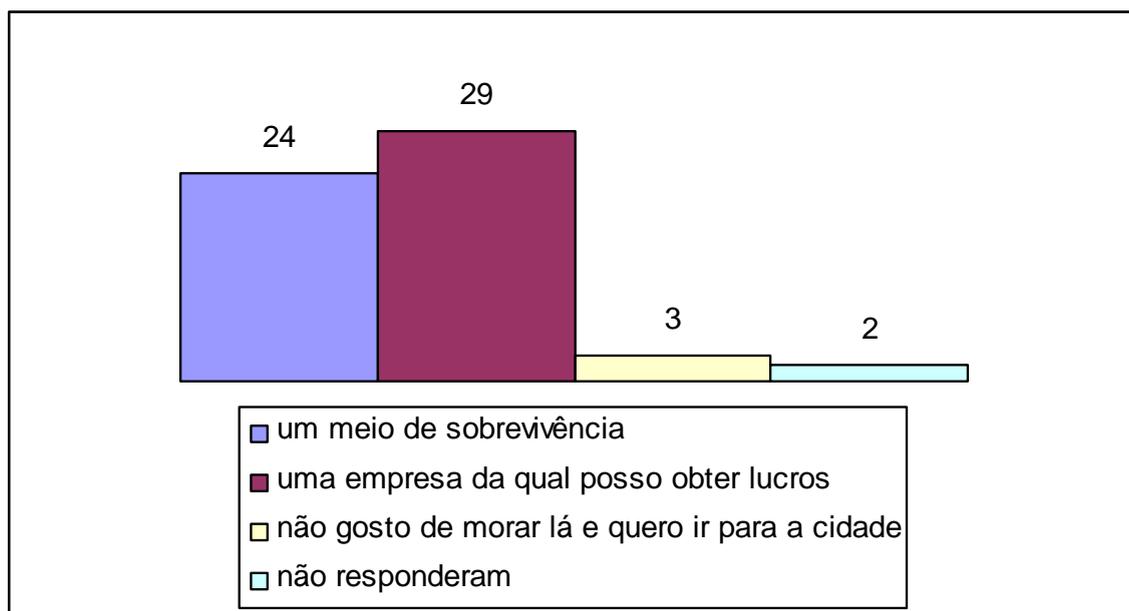


Gráfico 13: Como você encara a propriedade onde mora?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Observa-se nesta questão, que 24 jovens encaram a propriedade como um meio de sobrevivência, ou seja, subentende-se que não querem fazer da atividade uma profissão.

No entanto, 29 veem ali uma empresa da qual podem obter lucros. Esta é a geração de agricultores com visão de negócio, que são empreendedores rurais.

Na agricultura a profissão é passada de pais para filhos, pode-se dizer que por um processo de “osmose”, ou seja, vão absorvendo um conhecimento nato.

Os filhos e filhas vivem no meio rural e acompanham os pais em algumas tarefas desde cedo, integram-se nos processos. “Aos poucos vão assumindo atribuições de maior importância e chegam na adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento” (SILVESTRO et al, 2001, p 27).

Depois vem a profissionalização. Antigamente se dizia que o agricultor não precisa de estudo, o que ainda está enraizado na cultura. Mas hoje percebe-se a necessidade de aprimorar os conhecimentos através da faculdade, cursos, ou eventos profissionalizantes.

A cooperalfa realizou de 02 a 05 de fevereiro de 2010, o décimo quinto CDA (Campo Demonstrativo Alfa), com o tema: Administração Rural Já. O evento que reuniu em torno de 7 mil pessoas focou a questão da administração das propriedades, ou seja, a propriedade vista como uma empresa, conforme citação abaixo:

Nas propriedades hoje é comum os produtores se dividirem entre várias atividades. O agricultor moderno tem um acúmulo de funções e uma delas é a gestão. Apesar da sua importância para a saúde financeira da propriedade, muitos agricultores veem a gestão como uma técnica complexa de baixo retorno prático. Há também muita dificuldade sobre o que anotar e como fazer a leitura dos números. (O COOPERALFA, 03/2010, p.10)

A agricultura precisa ser profissionalizada com urgência. As cooperativas e neste caso a Alfa, estão vendo esta necessidade, caso contrário, será o fim da agricultura familiar. Os pequenos agricultores podem e devem procurar alternativas. Uma propriedade pequena bem administrada e com um diferencial de produtividade, pode proporcionar lucros.

Para complementar a questão da gestão agrícola, o jornal O Cooperalfa trouxe a seguinte matéria em março de 2010, p. 10:

Gestão não envolve apenas o controle financeiro da propriedade. Aspectos técnicos e de manejo, por exemplo, também podem ser geridos. O controle leiteiro, o controle reprodutivo, a disponibilidade de ração de acordo com a produção, a separação dos animais por fase e o pastejo a noite além de outras medidas contribuem de forma decisiva para a saúde financeira da atividade e conseqüentemente da propriedade rural.

Também no CDA 2010, em uma das palestras, o gerente comercial da cooperalfa, Lourenço Lovatell, falou aos associados que o segredo da boa administração está nos detalhes:

Para Lourenço, não basta o agricultor saber produzir, é preciso estar atento aos detalhes para agregar valor, como saber o custo de produção, o momento certo de vender a produção, a relação de troca de adubo X milho. Acordar um minuto antes saber os preços históricos, assistir uma boa notícia, acompanhar diversas fontes de informações, analisar com quem, quando e como negociar e outras atitudes que os ajudem manter-se atualizados e competitivos. (O COOPERALFA, 03/2010, p. 13).

Ser agricultor hoje é muito mais do que uma herança dos pais, é ser profissional. A partir do momento que os empresários rurais tiverem esta visão, a história da agricultura nunca mais será a mesma. Essa mudança já está ocorrendo de forma lenta e com as novas gerações, campo versus cidade terá menos distanciamento e mais respeito entre todas as pessoas.

Pode-se dizer que muitos dos jovens entrevistados tem a intenção de abandonar o campo, pois é para eles um meio de sobrevivência. O que não se pode esperar é que todos sejam empreendedores e que todos gostem da agricultura. É normal alguns seguirem outras profissões, desde que tenham foco e que lutem pelos ideais.

Com o esvaziamento do meio rural, fica quem tem a vocação para ser agricultor. Os demais irão para a cidade ou então irão trabalhar em outras propriedades. O que já foi comprovado é que não há espaço para o amadorismo em qualquer profissão, inclusive na agricultura que exige muita criatividade e constante inovação. Tem algumas profissões em que se faz sempre a mesma coisa, como em produções de grande escala, em indústrias. A agropecuária é dinâmica. Acompanhar as novidades, preços, buscar novas técnicas são exigências básicas

Por isso, o empresário rural deve sempre mais se atualizar e encarar sua propriedade como um grande negócio, uma empresa que exige mão de obra especializada e visão de médio e longo prazo.

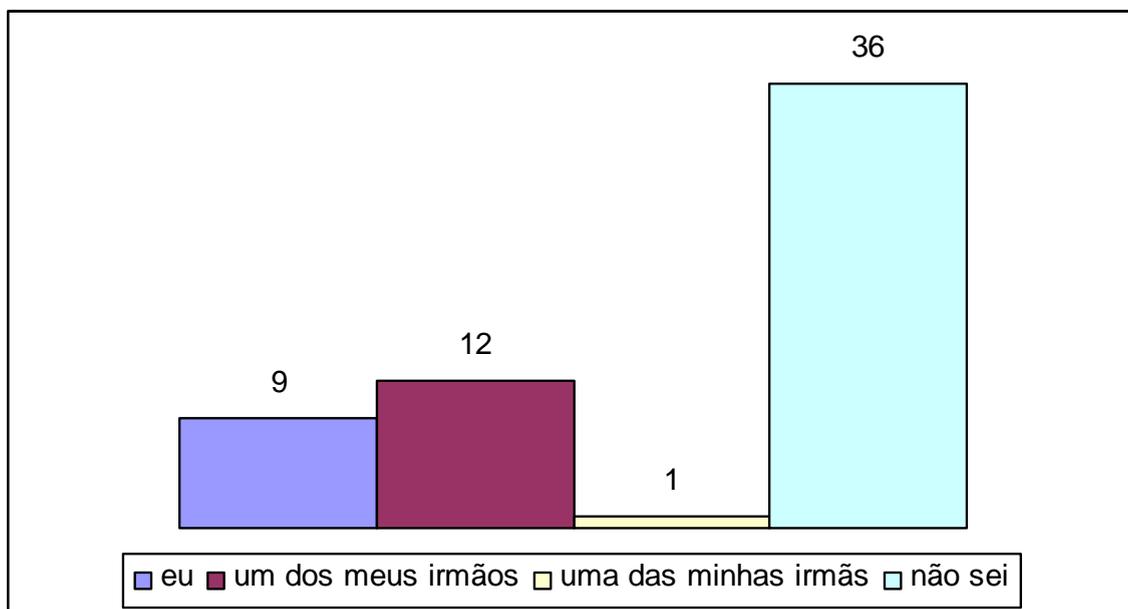


Gráfico 14: Quem vai cuidar da propriedade dos teus pais no futuro?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Na maioria dos casos a sucessão não foi discutida. Quando perguntados por que, apareceram várias respostas, acompanhe:

Dos nove jovens que responderam: “eu vou cuidar da propriedade dos meus pais”, apareceram as seguintes respostas:

- “Sou o único filho em casa”;
- “Meu irmão tem terra e é casado”;
- “Estou me preparando para isso”;
- “Pois sou filha única e pretendo continuar morando na propriedade”;
- “Porque os meus irmãos foram embora”;
- “Vou ficar em casa”.

Doze jovens responderam: “um dos meus irmãos vai cuidar da propriedade dos meus pais” e responderam por que:

- “Ele é menor que eu”;
- “Somos entre dois”;
- “Ele gosta de trabalhar lá”;
- “Porque eu casei e saí de casa e agora é meu irmão que é mais novo que eu quem vai cuidar deles”;
- “Meu pai e minha mãe precisam de alguém para se cuidar”.

Os trinta e seis jovens que responderam “não sei quem vai cuidar da propriedade”, justificaram da seguinte forma:

- “Não foi decidido”;
- “Não foi decidido”;
- “Não foi decidido”;
- “Não foi definido ainda”;
- “Não foi definido”;
- “Porque todos saíram de casa”;
- “Não defini ainda”;
- “Não definimos”;
- “Pois nós não temos propriedade”;
- “Eu não quero ficar no meio rural”;
- “Não se pode prever o futuro”;
- “Não defini o que quero ser no futuro”;
- “Decisão indefinida”;
- “Se continuar assim não vale a pena”;
- “Não sei como vai ser o futuro”;
- “Trabalho em uma granja”;
- “Não planejamos isto”;
- “Não moro em casa”;
- “Aquele que melhor administrar a propriedade”;
- “Ainda não sabemos quem vai ficar”.

A sucessão familiar é realmente uma questão de difícil definição e com certo “medo” de ser abordada, pois podem surgir conflitos familiares. Os jovens que responderam: “*eu vou cuidar da propriedade*”, justificaram: “*Estou me preparando para isso*”; “*Meu irmão tem terra e é casado*”; “*Pois sou filha única e pretendo continuar morando na propriedade*”. Esses são casos de uma sucessão planejada em que os filhos, percebe-se, que estão de acordo. Não há pressão conforme as respostas da pesquisa.

Tem outra questão em que um dos irmãos vai cuidar da propriedade: “*Ele gosta de trabalhar lá*”; “*Meu pai e minha mãe precisam de alguém para os cuidar*”; “*Porque eu casei e saí de casa e agora é meu irmão que é mais novo que eu quem vai cuidar deles*”. na primeira situação, a sucessão está ocorrendo de forma natural. Foi identificado quem realmente gosta e isso é muito interessante para a continuidade da propriedade e com perspectivas de futuro promissor. No outro caso em que os pais precisam de alguém, não se sabe se realmente o filho gosta ou fica porque precisa. Na última situação, o irmão ou irmã casou, saiu e o outro que acaba ficando. Se nesses casos eles estão felizes e querem continuar, ótimo, caso contrário, a tendência é a propriedade não progredir e aos poucos perder o foco.

Analisando agora a questão mais preocupante em que não foi definido o sucessor, e que 36 entrevistados estão nesta situação, percebe-se a dificuldade em tocar no assunto. Quando perguntados por quê, as respostas demonstraram toda essa indecisão e nelas intrínseca a dúvida do que vai acontecer no futuro: *“Não foi decidido”*; *“Não foi definido ainda”*; *“ Porque todos saíram de casa”*; *“ Pois nós não temos propriedade”*; *“Não se pode prever o futuro”*; *“Se continuar assim não vale a pena”*. São respostas que fazem pensar no que esses jovens esperam do futuro e não tem coragem de abrir e conversar em casa. Os pais em muitos casos vão deixando, até que haja obrigação em decidir.

O jovem precisa de direcionamento. Saber onde está, para onde está indo. Os pais de forma planejada devem identificar o verdadeiro sucessor, aquele que tem talento para conduzir os negócios da propriedade. Os outros de forma mais justa possível devem ser recompensados. E quando isso não é possível, quando não tem capital para dividir, em uma propriedade descapitalizada, só o empreendedor rural saberá conduzi-la de forma que possa voltar a dar lucros.

Na pesquisa da Cooperalfa (2009), com mais de 2 mil jovens, filhos de associados, quando perguntados se já foi discutida a questão da sucessão da propriedade rural, 50,81% responderam que sim e 49,19% que não. A metade praticamente não discutiu a sucessão familiar.

O sucessor precisa ser um profissional capacitado:

O perfil do jovem do campo vem mudando radicalmente nos últimos anos. No passado, filho de agricultor seria, teoricamente, agricultor. Hoje, a sucessão familiar é um tema que deve ser tratado com seriedade, profissionalismo e, principalmente, vocação. Além de gostar do que faz, o jovem que decide construir sua vida profissional no campo, deve, além de tudo, estar capacitado para isso, para produzir alimentos com qualidade e responsabilidade (O COOPERALFA, 07/2009, p. 08).

A profissionalização está presente em todas as áreas, na agricultura não poderia ser diferente. O amador não sobrevive nem sequer em uma indústria de grande escala, trabalho repetitivo, mas que passa por mãos profissionais

que precisam atender as exigências do mercado interno e externo. A agricultura deve se preparar para estes mercados. As exportações são possíveis se atenderem as exigências do consumidor, que não são poucas.

De acordo com Melo et al (2003), o processo sucessório leva a conflitos entre os filhos, pois os demais precisam ser remunerados. Embora o diálogo seja mais fácil nos dias de hoje, a sucessão é um assunto pouco abordado na família.

Para entender que conflito faz parte do humano, acompanhe o conceito de Muszkat (2008, p. 27):

Na psicanálise, fala-se de conflito psíquico (intrapessoal) quando, no indivíduo, se opõem exigências internas contrárias. Apesar do desconforto que um conflito possa gerar em nós, ele faz parte do humano – assim como o conflito interpessoal com exigências, expectativas, idealizações pessoais contrárias umas às outras faz parte das relações humanas.

Para Robbins (2005, p. 287), “conflito é um processo que tem início quando uma das partes percebe que a outra afeta, ou pode afetar, negativamente alguma coisa que a primeira considera importante”.

Todo conflito gera mal estar, mas que em certas situações é inevitável, natural das relações humanas.

Percebe-se a dificuldade em tocar no assunto da sucessão familiar. É delicado tomar decisões a respeito, pois o filho que fica, tem a responsabilidade de remunerar os demais e cuidar dos pais na velhice. Os demais que saem querem e precisam receber herança para continuar a vida. Mas para o filho que fica, a situação se torna difícil, pois se obriga muitas vezes a se desfazer de capital para remunerar os demais, ficando ainda com a responsabilidade de cuidar dos pais. Fazer uma divisão justa é difícil, o que muitas vezes traz conflitos familiares.

A maioria das famílias, como o caso da pesquisa, acaba deixando até que de uma forma não planejada, se obrigam a tomar decisões que nem sempre são as mais corretas.

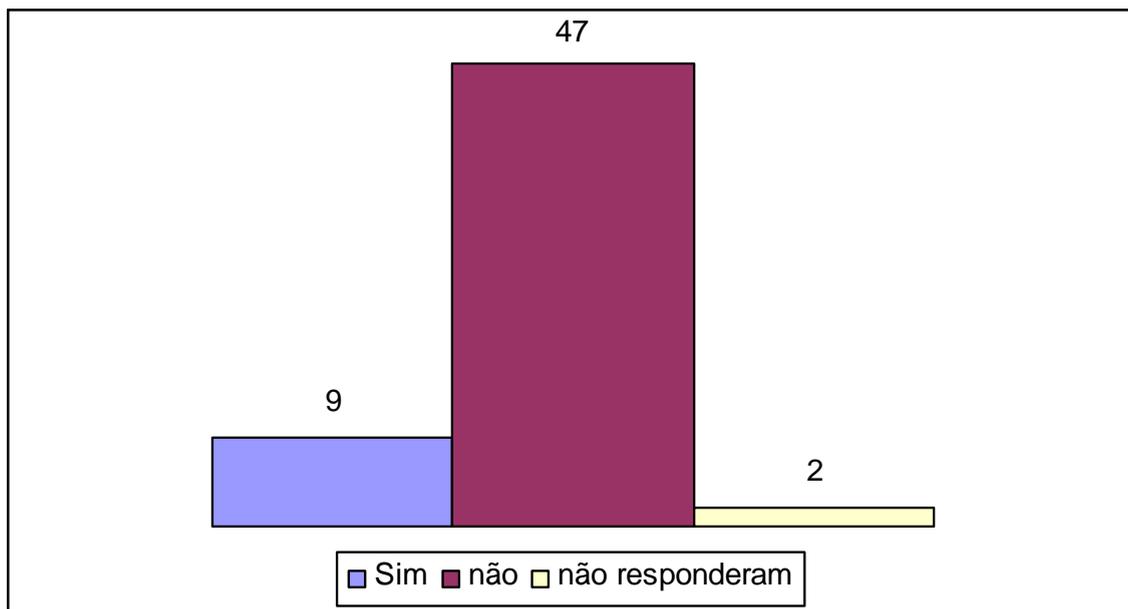


Gráfico 15: Para os filhos que vão sair de casa, já foi discutida a forma de recompensa (o que vão ganhar como herança)?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

O que os filhos que vão sair de casa vão ganhar como herança? Quarenta e sete jovens responderam que essa situação não foi discutida ainda. Apenas nove definiram a forma de recompensa para os filhos não sucessores.

A grande maioria dos pais prefere deixar para que os próprios filhos no futuro se entendam. Mas será que vão se entender? Os pais tem um papel fundamental neste processo. Os filhos se sentem de certa forma, desamparados, sem foco com essa situação indefinida. Não sabem se o trabalho que estão realizando terá recompensa, ou se terão que recomeçar tudo novamente.

Conforme o resultado da pesquisa de Mello et al (2003), realizada em 1997, 36% dos pais responderam que enquanto tiverem condições de dirigir a propriedade, não haverá lugar para a sucessão. Apenas 22% concordam em passar o poder de gerenciamento para os filhos, quando estiverem preparados. A pesquisa de Mello também mostra que os filhos esperam outra atitude: 45% dos rapazes dizem que o momento certo para assumir a propriedade é quando os mesmos estão preparados para gerenciar com autonomia.

A falta de diálogo evidenciada na presente coleta de dados, ainda demonstra a falta de comunicação, o que leva muitos jovens a abandonar o seio familiar e não apostam futuro na propriedade rural.

A comunicação é sem dúvida assunto para debates, matéria em universidades, discutida em todos os segmentos, pois a falta dela pode levar uma empresa até mesmo à falência.

Para entender melhor o conceito de comunicação, os autores Cohen e Fink (2003, p. 223) escrevem que:

Em qualquer relação, as pessoas precisam se comunicar, o que está sempre sujeito a distorções e mal entendidos. Até o que pode ser um intercambio bastante simples e direto de informações factuais numa relação mínima de trabalho está sujeito a falhas de comunicação. A probabilidade de sua ocorrência se torna maior quando a informação trocada é mais complexa e carregada de conteúdo emocional. Os desentendimentos podem bloquear o desenvolvimento de uma relação e criar tensões em um relacionamento que de outra forma seria positivo.

A comunicação distorcida e mal entendida leva a conflitos, decisões precipitadas e pode gerar uma convivência tensa. Pais e filhos precisam se comunicar melhor e com mais freqüência. Pai e mãe precisam dar o exemplo e puxar o filho para uma conversa, um diálogo sobre os mais diversos assuntos. A hora do chimarrão, serve também como hora do diálogo, são os únicos momentos que todos sentam juntos. Almoço e janta também são momentos de reunião familiar. Ter amizade com os filhos e os filhos com os pais é a melhor forma de conseguir o que se deseja.

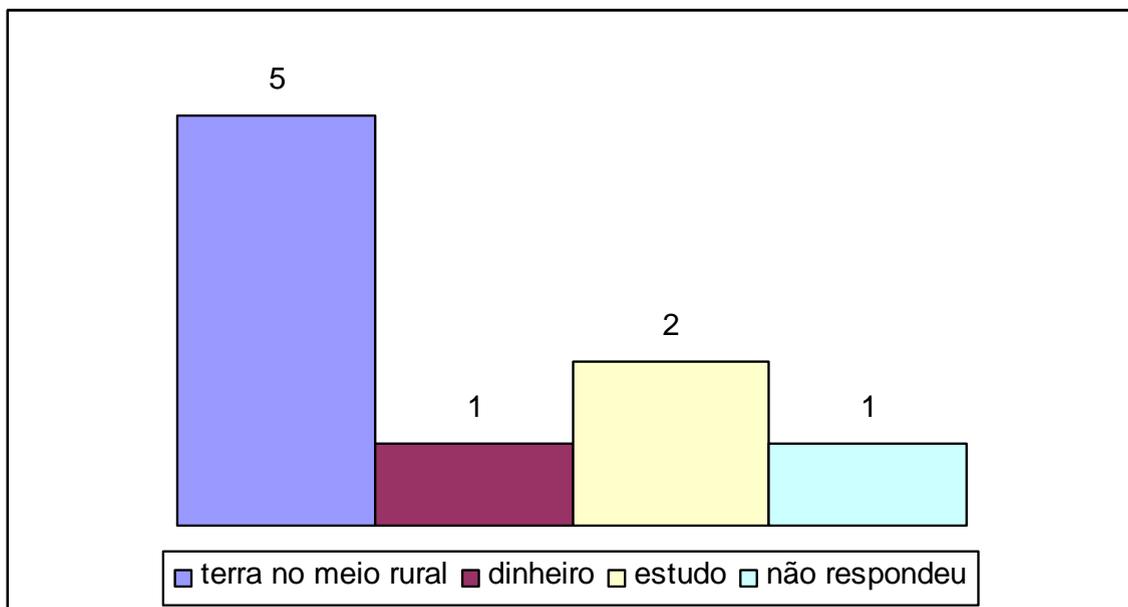


Gráfico 16: Se você respondeu “sim” na questão anterior, como os filhos não sucessores (os que vão sair de casa) serão recompensados?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Dos nove jovens da questão anterior que responderam sim, proporcionou os seguintes resultados nesta questão: cinco não sucessores serão recompensados com terra no meio rural, dois em estudo; um em dinheiro e um não respondeu.

Mesmo que a maioria recompense em terra no meio rural, esse número é pequeno, pois como mostra o gráfico da questão anterior, 47 dos jovens entrevistados não discutiram a forma de como serão recompensados, deixando contradições evidentes.

Meninos e meninas com decisões importantes a sua frente, esperando oportunidades e querendo viver a vida de formas não planejadas. Essa parcela pequena de jovens que tem a questão sucessória definida, será que o fizeram por vontade própria, ou foi imposto pela família? Será que os verdadeiros empreendedores estão sendo identificados, ou por uma questão lógica de sucessão, “fulano ou ciclano” vai ficar e os outros vão sair? Mais uma vez o diálogo para identificar os desejos mais profundos desses jovens é decisivo. A dor da partida sem perspectivas só sente quem sai. Por isso, filhos de famílias bem estruturadas, são mais preparados para os desafios da vida, sabendo que

se um projeto não der certo, tem apoio familiar. Mas os demais jovens vão sem volta. Os espaços na propriedade não permitem tal readaptação.

A questão sucessória não é uma decisão do dia para a noite. Muitas vezes é necessário voltar atrás em alguma decisão. Este planejamento leva anos para ser bem estruturado, para que os filhos não percam suas raízes e a convivência em família.

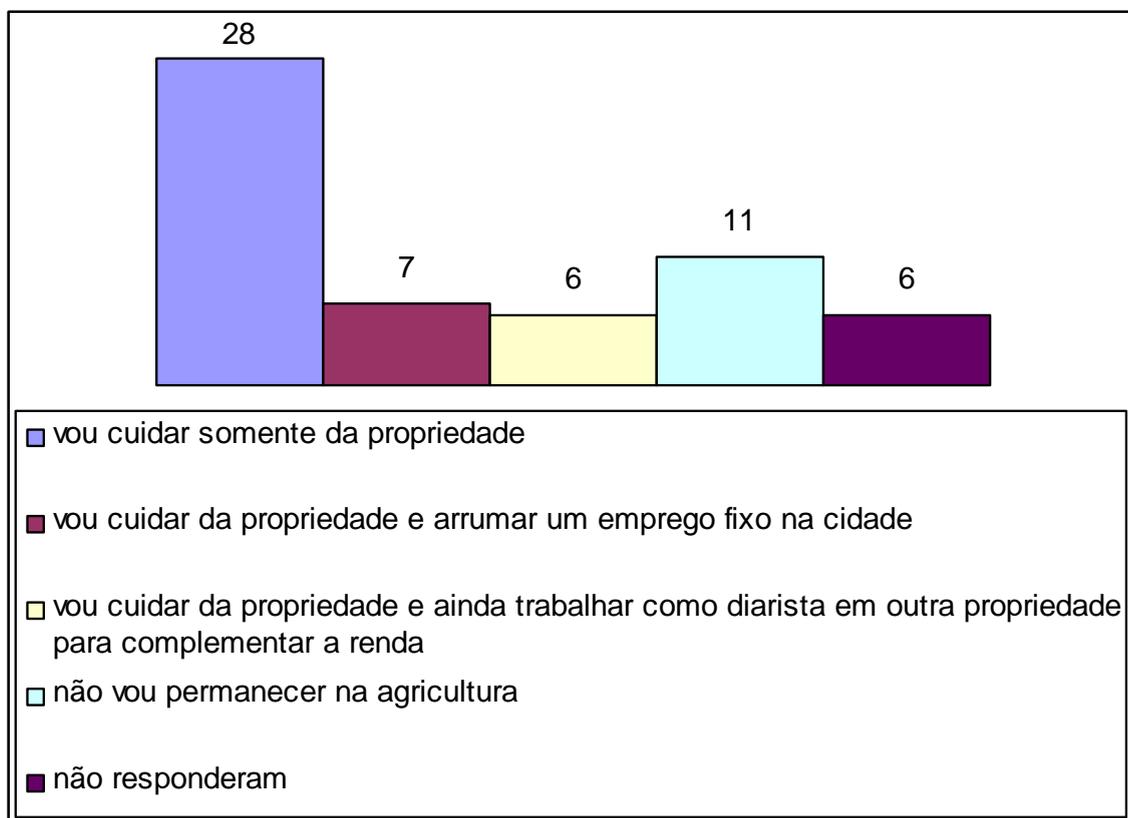


Gráfico 17: Se você continuar na agricultura, vai se ater somente a atividades agrícolas, ou pretende cuidar da propriedade e arrumar um emprego na cidade?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Hoje percebe-se uma tendência à pluriatividade, em que são introduzidas outras atividades além das normais da propriedade. Trabalhos manuais e mesmo empregos fixos na cidade, principalmente para os jovens que querem garantir uma renda fixa.

A pesquisa mostra que 28 dos jovens entrevistados não pretendem realizar atividades fora da propriedade e sim, pretendem dedicar-se a propriedade; sete jovens pretendem além da agricultura arrumar um emprego

fixo na cidade; seis pretendem trabalhar como diaristas para garantir uma renda fixa; onze não pretendem nenhuma dessas opções e vão sair do meio rural; seis não responderam.

A agregação de valor aos produtos na propriedade é uma outra alternativa que tem bons exemplos aqui no Oeste, como: industrialização de frutas, derivados de leite e panificados.

Conforme Champagne (1986), a agricultura passa por transformações profundas no modo de produção, que era local e que hoje se integra aos setores econômicos não-agrícolas, com uma economia diferenciada. “Esta modificação substancial se expressa até nas palavras, pois onde se falava outrora de ‘sucessão familiar’, tende-se a falar hoje ‘de instalação profissional’” (CHAMPAGNE, 1986, p.1).

Com a necessidade de integração, as famílias partiram para soluções práticas: no meio rural tem tudo o que se precisa para sobreviver, mas falta uma renda fixa. Com os meios de transporte que integram campo e cidade e com indústrias de pequeno e médio porte, ficou fácil conciliar a agricultura com outra atividade. Uma alternativa para muitos jovens, que de certa forma vão se inserindo no meio urbano de forma lenta e mais consciente, ou vão perceber que preferem ficar na propriedade rural.

A pesquisa mostra que a maioria quer se ater somente a atividade agrícola. Conciliar duas atividades não é tarefa fácil, pois pode-se correr o risco de não fazer nenhuma bem feita, ou seja, perde-se o foco. Mas com a ânsia em ter renda mensal, conciliam mais atividades, o que leva até mesmo ao aumento da autoestima.

Essa decisão em conciliar ou não outra atividade, particular a cada necessidade, vem a integrar campo e cidade, o que pode-se tornar algo positivo.

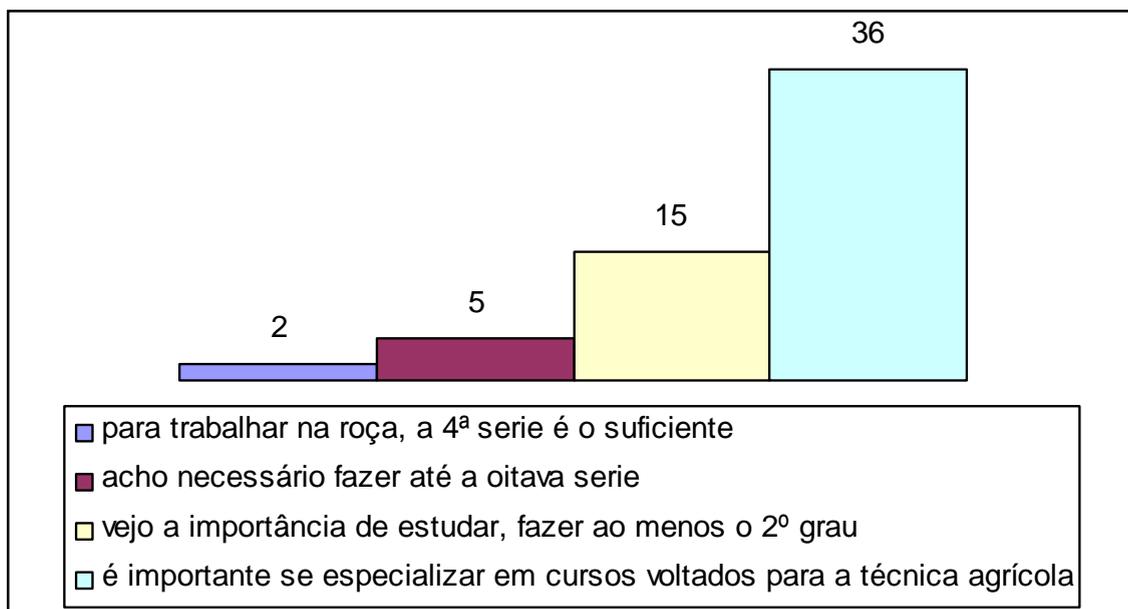


Gráfico 18: Para trabalhar na agricultura, é importante fazer o 2º grau e se especializar (fazer um curso técnico, faculdade)?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

A mentalidade dos jovens está mudada. Uma vez dizia-se que para trabalhar na roça, a 4ª série seria o suficiente. Hoje, conforme a pesquisa, 36 dos 58 jovens entrevistados responderam que é importante se especializar em cursos voltados para a técnica agrícola; 15 veem a importância de ao menos terminarem o segundo grau; cinco acham que a 8ª série é suficiente; dois jovens disseram que a 4ª série primária basta para ser agricultor.

A agricultura tecnificada está cada vez mais presente. A cada dia que passa a necessidade de introduzir novas técnicas agrícolas e pecuárias é mais sentida. *“Porque é da agricultura que sai o alimento que sustenta o homem do campo e da cidade”*. Foi esta uma das respostas dos jovens que sentem orgulho em morar no meio rural. E sendo assim, a necessidade de atender as exigências dos consumidores está aumentando, a concorrência existe em todos os setores em que os melhores se sobressaem.

O jovem agricultor está tomando consciência desse novo mercado. Ele sabe que se não for competitivo, vai acabar deixando a atividade. Só fica o empreendedor rural, aquele que aplica técnicas viáveis, que trabalha com planejamento e busca aprimoramento nas atividades que realiza.

Ainda está enraizada na cultura que quem estuda vai morar na cidade. Esta visão vai sendo mudada com as novas gerações, mas que precisa ser

trabalhado neste sentido são os adultos que são dessa época, que realmente quem estudava com certeza saía da agricultura.

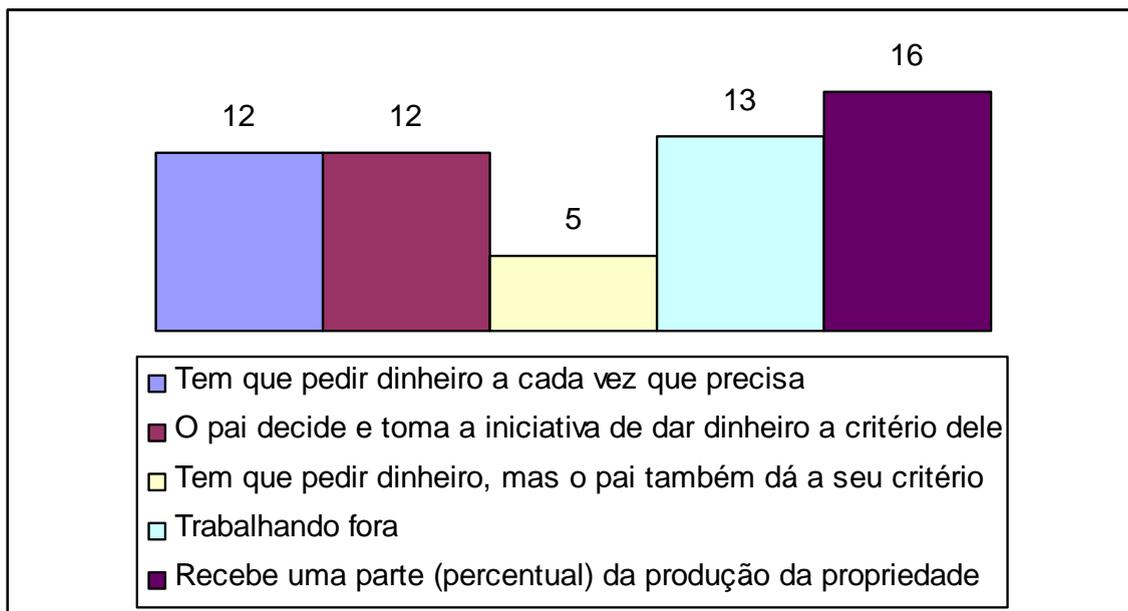


Gráfico 19: Como você obtém dinheiro (recursos para lazer, roupas e outras necessidades suas?)

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

Uma questão com os percentuais bem divididos. Apenas 16 jovens recebem parte da produção; 12 precisam pedir dinheiro a cada vez que precisam; 13, mesmo morando em casa trabalham fora para obter dinheiro para o lazer; no caso de 12 dos jovens entrevistados, o pai toma iniciativa de dar dinheiro; 5 pedem, mas o pai também dá a seu critério.

Os jovens na condição de pedir dinheiro ou em que o pai dá dinheiro ou ainda que trabalham fora para obter os recursos para o lazer, não tem autonomia, ou seja, são controlados pelos pais. Até que ponto esses jovens se conformam com esta situação? É uma questão geradora de conflitos e contribui muito para o êxodo rural dos jovens.

Isso não quer dizer que tenha que haver total liberdade, pois os pais também são educadores. Colocar freio nos gastos e aconselhar faz parte do papel dos pais. O que se quer transmitir nesta questão, é que o jovem precisa se sentir parte de um negócio e obter seu dinheiro, para inclusive aprender a

controlar as suas finanças pessoais, o que contribui muito para o amadurecimento.

Tem-se também a situação dos jovens que trabalham fora para obter dinheiro para o lazer. Situação cada vez mais comum que é a pluriatividade. Agricultores (as) mantêm alguma atividade no campo e saem para trabalhar na cidade, ou então como diaristas, ou ainda agregam valor a alguma atividade agrícola. São saídas encontradas por muitos, e que tem dado certo. Alternativas a se pensar para não abandonar de vez o campo.

O lazer é muito importante. Ter dinheiro mensal para estes gastos sem precisar pedir todas as vezes, mostra autonomia e isso o jovem precisa para se sentir livre.

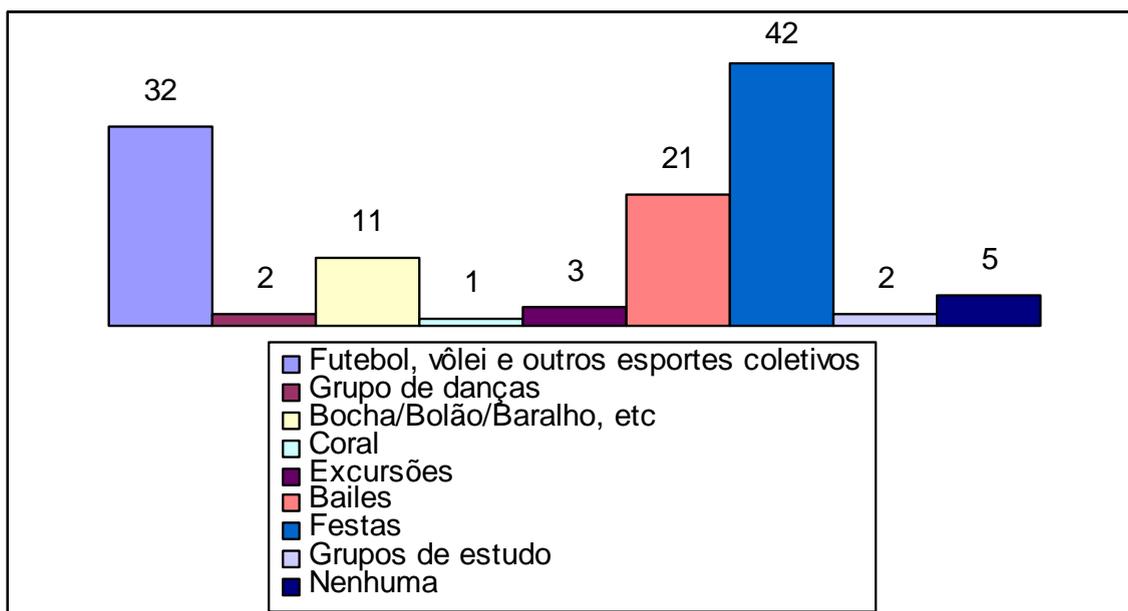


Gráfico 20: Quais atividades de lazer e cultura que você participa em sua comunidade?
Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

As atividades de lazer mais presentes na vida dos jovens agricultores são: futebol, festas e bailes. Nesta questão os jovens assinalaram mais que uma opção, o que justifica a quantidade de respostas. Nas comunidades a alegria é contagiante quando se fala em festas, bailes e atividades esportivas. Se comparado ao lazer da cidade, no interior os jovens se integram muito mais, se conhecem melhor. Quem mora na cidade muitas vezes volta em ocasião de

eventos. A qualidade de um churrasco bem preparado com carne de procedência, os acompanhamentos (saladas, cucas, bolos), são indiscutíveis. Percebe-se a força das comunidades quando da realização de eventos.

O que vem preocupando é o abandono do campo pelos jovens, fato que interfere diretamente nos eventos, visto que a quantidade de pessoas é sempre menor. Acompanhe uma notícia de capa do jornal Folha do Oeste do dia 08 de maio de 2010:

Com o passar dos anos, o avanço da tecnologia mecanizou a mão de obra, facilitou o dia a dia do agricultor e ampliou o rendimento das propriedades. Produtores foram se adaptando, e o trabalho, que antes envolvia toda família, tornou-se individualizado. Os filhos saem das propriedades dos pais em busca de estudo ou de melhores condições de vida nas cidades e acabam optando pela vida no meio urbano. O reflexo são propriedades abandonadas e deixadas à mercê de empregados e nesse mesmo cenário ficam os pais, já com idade avançada, sem condições físicas e de saúde para manter as propriedades. Estudos comprovam que quase um terço das propriedades no Estado não tem sucessores, o que acaba gerando outra preocupação: sem jovens, há menos atividades de lazer, menos festas e esportes.

Com o esvaziamento do meio rural os eventos perdem o brilho da juventude. E sempre mais os jovens que ainda estão no campo procuram por integração, que acaba sendo na cidade. Ainda hoje ao visitar os centros comunitários, há jovens, mas em quantidades bem menores que há alguns anos. Se continuar neste ritmo, somente os idosos terão integração no meio rural.

O lazer é importantíssimo para toda a humanidade. Ansolin (2008, p. 32) apud Bramante (1998, p.09) nos fala que:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializado através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. (...) Sua vivência está relacionada à oportunidade de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sociopolítico-econômico e influenciadas por fatores ambientais.

As atividades de lazer nas comunidades são bem restritas, basicamente bailes e festas. Futebol e outros jogos também aparecem bem fortalecidos. Em todos os casos a cidade tem outras opções a oferecer como cinema, pizzarias, o que não impede de esses jovens vivenciarem também este lado. Mas devido a distância e os horários de trabalho não se enquadrarem, acabam não usufruindo desses espaços, o que também leva ao abandono da atividade.

O campo oferece qualidade de vida, mas por outro lado, as pessoas ficam muito isoladas. Os vizinhos já não são mais tão próximos e as famílias não se visitam como era uma vez. Com a saída de muitos jovens, tem pessoas que levam uma vida depressiva pela falta de convivência com outras pessoas e falta de lazer. São questões que merecem atenção. O isolamento não é bom para ninguém. Segurar mais jovens para que as comunidades continuem, para que novos líderes comunitários surjam, é um desafio social.

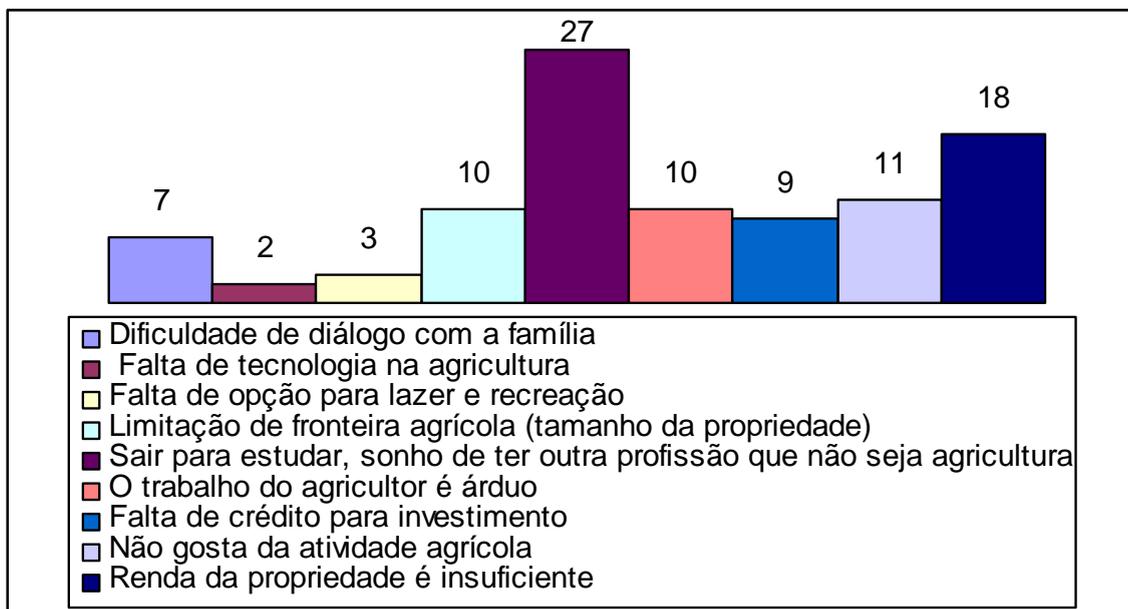


Gráfico 21: Na sua opinião, o que leva o jovem a migrar para a cidade?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

O que leva o jovem a migrar para a cidade? Os que responderam esta questão, colocaram-se na situação de outros jovens, o que justifica a quantidade de respostas. A tendência do jovem abandonar a agricultura é nítida. Entre as questões apresentadas, sair para estudar, sonho de ter outra profissão que não seja agricultura, foram as mais assinaladas. Dificuldade de diálogo; a renda da propriedade é insuficiente; o trabalho do agricultor é árduo; limitação da fronteira agrícola, entre outras questões que aparecem no gráfico.

Ainda nesta questão deixou-se aberto para ver outros motivos:

“para obter seu dinheiro”;

“desvalorização do agricultor”;

“Trabalhos na cidade são mais rentáveis e menos árdus”.

“Muito trabalho pouco lucro”;

“Falta de preços justos para os produtos”.

São inúmeros motivos que afastam o jovem do meio rural. Estes dados apresentados são situações mais comuns e que merecem total atenção.

Sair para estudar é o sonho da grande maioria. Ter essa possibilidade morando com a família muitas vezes se torna impossível. Os créditos e as bolsas para estudantes existem, mas o acesso fica complicado, pois quando o

indivíduo fala que a família tem terra, o crédito ou a bolsa não lhe é repassado, ou ele volta para o início da lista. Um crédito e bolsa de estudos especial para filhos de agricultores, comprovadamente agricultores facilitaria esta situação.

Enquanto for levado em consideração nas análises de bolsas de estudo e outros créditos, o fato de a família ter terra, e isso ser um empecilho para conseguir as mesmas, o jovem sai de casa, pois se ele comprovar que mora sozinho, paga aluguel e não depende dos pais, (ou simplesmente omitir esta informação) ele acaba conseguindo uma bolsa ou crédito estudantil. Esta é mais uma maneira de afastar o jovem do campo e acredita-se uma das principais causas.

Ter terra não é sinônimo de renda garantida. Sabe-se da situação da maioria dos pequenos agricultores do Oeste de Santa Catarina, que estão descapitalizados.

Entra aqui o papel das universidades, que é de melhor analisar os casos de pedido de bolsas de estudo e divulgar especificamente aos agricultores. A base da sobrevivência das cidades vem da agricultura e está se contribuindo para a destruição da mesma, incentivando os jovens ao abandono, mesmo que indiretamente e sem intenção. Para estudar é preciso sair de casa, para conseguir bolsa de estudos, é preciso comprovar pobreza absoluta.

O objetivo é apenas levar para uma reflexão. O que cada entidade e cada pessoa física pode fazer para que o meio rural não acabe e para que todos tenham qualidade de vida? Todos podem fazer alguma coisa, com certeza. Trazer o jovem rural para a cidade, sem que ele tenha preparo, é um problema. Nestes casos a sociedade está dando passo para trás, ao invés de evoluir.

Por outro lado, algumas ações já estão sendo feitas. A Cooperalfa em parceria com o SESCOOP, lançou um programa de Formação de Jovens Líderes Cooperativistas (FOJOLICO). Este programa prepara o jovem para ser líder tanto na comunidade como na cooperativa:

Na opinião do instrutor João Batista Schneiders, este curso é de extrema importância para formar pessoas que possam administrar com eficiência suas propriedades rurais, conhecer mais a fundo o verdadeiro papel da cooperativa e sua importância no contexto

mercadológico e, futuramente serem bons líderes, funcionários e/ou lideranças cooperativistas. (O COOPERALFA, maio de 2010, p. 05)

Para avaliar a importância desse curso que faz um papel de inserção social, acompanhe o depoimento de um aluno e sócio da Cooperalfa:

Para o jovem Juliano Saurin, de Planalto Alegre, o curso está atendendo as suas expectativas e espera que continue sendo bem conduzido, para que ele possa aplicar parte do conhecimento na propriedade da família. Juliano escolheu o campo como projeto de vida e disse que o incentivo dos pais é fundamental no processo de sucessão familiar. “programas como o FOJOLICO são instrumentos igualmente importantes para a manutenção da juventude no campo e o fortalecimento do cooperativismo”, complementou. (O COOPERALFA, 05/2010, p. 05)

O programa FOJOLICO, tem 290 horas-aula, com a formatura prevista para o dia 11 de dezembro de 2010. Este foi um projeto piloto e conforme a demanda e resultados, novos grupos virão, conforme o coordenador do programa na Cooperalfa, o comunicador Vilmar Dal Bosco.

Este é um grão de areia que está sendo lançado. É o começo de muito trabalho, principalmente de conscientização de que a agricultura está moderna e que pode-se sim, estar inserido na sociedade morando no meio rural, com todos os benefícios que os jovens da cidade tem. Hoje a maioria das famílias rurais tem telefone, o que foi um grande avanço. Internet está chegando aos poucos. A questão da internet está lenta, o jovem não espera mais. Instalar internet no meio rural ainda se torna muito caro. Neste caso, o governo tem um papel decisivo, e se não tomar providências, mais jovens irão em busca da “inserção social” na cidade.

O jovem está saindo principalmente porque tem o sonho de estudar. Foi a resposta que mais foi assinalada e aparece no gráfico de forma disparada. Será que o sonho de estudar não pode ser realizado morando no campo? Depois aparece a “renda da propriedade é insuficiente”. Os agricultores precisam se atualizar, procurar novas alternativas, pois a renda não supre as necessidades. Os meios existem, mas também ninguém vai trazer fórmula pronta. O esforço é de cada um.

Inúmeros projetos são lançados, mas pouco divulgados. A população rural é muito carente de informação. Mas, não basta jogar informação, é preciso mostrar os meios e monitorar constantemente.

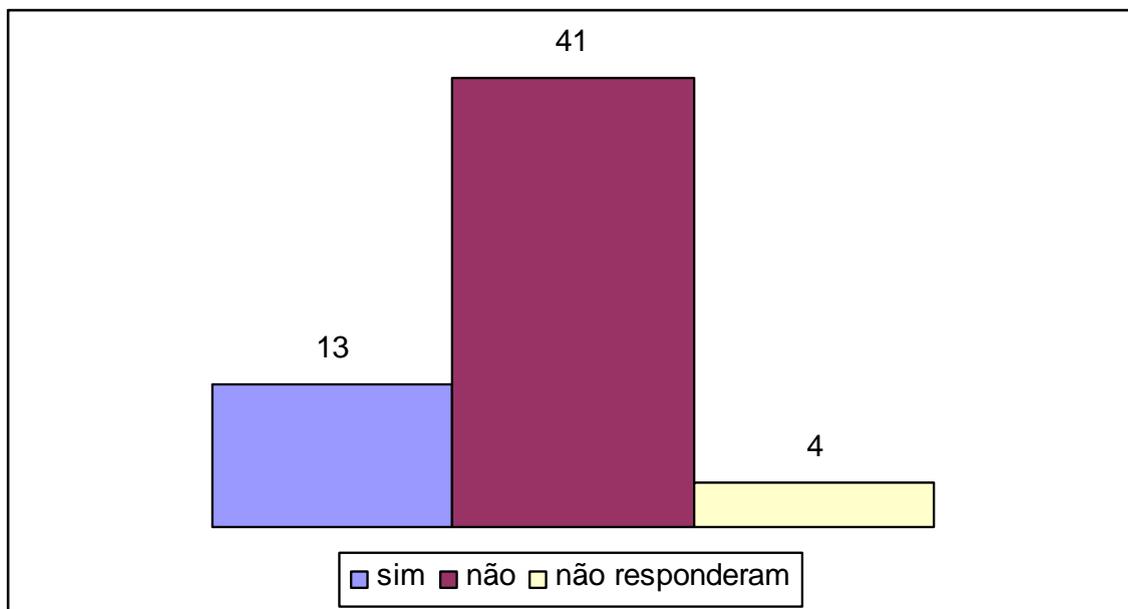


Gráfico 22: Você já trabalhou e morou na cidade?

Fonte: pesquisa realizada pela acadêmica Dolores Rambo, no mês de janeiro de 2010

A grande maioria nunca morou na cidade, 41 dos entrevistados; 13 já moraram e trabalharam na cidade. Quando perguntados em qual profissão, apareceram as seguintes:

- “Garçom”;
- “Doméstica”;
- “Fábrica de calçados”;
- “Professor”;
- “Auxiliar de produção”;
- “Costureira”;
- “Trabalhava com iogurte”;
- “Professor”;
- “Doméstica e babá”;
- “Secretária”;
- “Doméstica”.

Dos 13 jovens que já moraram na cidade, 11 responderam em quais profissões, acima citadas. Analisando essas profissões exercidas, foram jovens que experimentaram o outro lado, mas viram que na agricultura é melhor. Trabalhar de doméstica na cidade, geralmente a remuneração é de um salário mínimo, mas não vamos entrar muito no mérito de quanto cada um pode ter ganho trabalhando na cidade, só que fica em torno de R\$ 600,00. Tudo bem que muitos podem dizer que na roça não tira isso. Pode-se concordar em muitos casos, que realmente não aparece esse dinheiro no fim do mês. Quem mora na cidade, desses R\$ 600,00, paga aluguel (geralmente), faz o rancho (inclui-se aqui, leite, frutas, arroz, feijão, verduras...) somente este básico que na roça tem tudo. Outras despesas a mais que tem na cidade, nem vale comentar aqui. Sobra quanto? Se conseguir pagar tudo, está ótimo.

Será que um jovem ganhando R\$ 600,00 consegue estudar? Muito difícil. Se tiver a sorte de conseguir bolsa, pode ser.

Sair de casa para trabalhar em fábrica de calçados, será que vale a pena? Ou então, costureira, babá, auxiliar de produção, garçom. O jovem precisa saber diferenciar isso, antes de tomar a decisão. Tem que colcar tudo na ponta do lápis e ainda tem a questão psicológica. Será que vai ser feliz? Ou mais feliz que era? Aparece também, a profissão de professor. Mesmo assim, deve analisar quanto um professor ganha.

Obviamente que não se quer induzir ninguém a pensar que tudo no meio rural é melhor. O que se quer, é colocar a realidade, que nem tudo na cidade é melhor. As vezes temos tudo e achamos que não temos nada e quando realmente não temos nada, nos damos conta do tudo que tivemos. É esse o entendimento.

Na mesma questão foi perguntado: Por quê você voltou?

- “Não gostei”;
- “Para fazer algo diferente”;
- “Adoro viver no campo, principalmente pela qualidade de vida”;
- “Convivência familiar”;
- “Porque não tive condições de sustentar minha família”;
- “Não sobrava dinheiro”;
- “Me casei e resolvemos morar e trabalhar juntos no campo”.

Esses jovens que voltaram, tiveram a oportunidade de recomeçar na propriedade. Muitos gostariam de voltar, mas não tem mais espaço. A saudade com certeza tomou conta: “*Convivência familiar*”. Em outro caso, a dificuldade apareceu e o jovem se deu conta que era melhor ter a comida garantida na mesa: “*Porque não tive condições de sustentar minha família*”; “*Não sobrava dinheiro*”. Outra situação, constituir família no meio rural foi a melhor opção: “*Me casei e resolvemos morar e trabalhar juntos no campo*”. “*Adoro viver no campo, principalmente pela qualidade de vida*”; Nesta resposta, descobrir o que realmente quer e poder voltar, é um privilégio que o jovem soube aproveitar.

Conforme Stropasolas (2006), na cidade as pessoas se consideram escravos do relógio, normas, tarefas, fora daquilo que viveram até então. É difícil passar por essa transição, trabalhar em ambiente fechado para quem viveu no meio da natureza, com total liberdade de andar de qualquer jeito (bermuda, chinelo).

Entre os jovens da pesquisa da Cooperalfa (2009) que já moraram e trabalharam na cidade, mas que retornaram foi um percentual de 12,66% do total. É interessante levar em consideração as profissões exercidas por estes jovens.

Vale listar todas as profissões que aparecem na pesquisa:

- Controlador de pragas urbanas;
- Serviços gerais em laticínios;
- Empregada doméstica;
- Trabalho em restaurante;
- Cozinheira;
- Supermercado;
- Promotor de vendas;
- Serviços gerais;
- Auxiliar de produção;
- Auxiliar de mecânica;
- Costureira;
- Babá.

Na pesquisa da Cooperalfa, as resposta não se diferenciam muito. São operacionais. Esses jovens também voltaram para a agricultura. Destacam-se

as profissões de babá, costureira, serviços gerais, cozinheira, auxiliar de produção entre as outras listadas acima. Por isso, mesmo que a pesquisa focou-se somente em Agulhas – São Carlos, ela retrata a realidade do campo no Oeste de Santa Catarina, pois faz parte da mesma realidade.

Conforme Stropasolas (2006), foca-se a penosidade do trabalho na roça, mas esquece-se da vida na cidade onde os filhos precisam conviver com uma rotina em que os pais saem pela manhã e voltam a noite, ou então, estão desempregados, na miséria, violência no trânsito, assaltos, sequestros, que são consequências da civilização moderna.

Para os 41 jovens da pesquisa que ainda não foram morar na cidade vale relatar essas experiências para que façam a escolha certa. Os 13 que voltaram tiveram outra oportunidade no seio familiar. Mas quantos não tem essa oportunidade? Quantos gostariam de voltar e não conseguem mais. É importante que os pais conversem com os filhos e que as escolas também façam este papel, pois são os formadores da nova geração.

5.1 Qual é o seu maior sonho? Como pretende realizá-lo?

Esta pergunta, totalmente aberta, leva a reflexão. Muitas pessoas não valorizam o que tem. Outras tem sonhos que para uns seria tão fácil realizar ou que nem percebem a importância. Emociona ler cada depoimento. Acompanhe:

- “Ser feliz e ter uma vida digna trabalhando”;
- “Ainda não tenho certeza do que eu quero, mas com certeza algo de bom para mim e para os outros”;
- “Eu pretendia ser veterinário, estudar até chegar lá”;
- “Conseguir trabalhar numa coisa que gosto de fazer”;
- “Casar ter uma família, trabalhar e batalhar pelo que é meu. Pretendo realizar quando grande”;
- “Meu maior sonho é passar o segundo grau e fazer uma faculdade. Eu pretendo realiza-lo com muito estudo e esforço”;
- “Ser um jogador de futebol e pretendo realiza-lo jogando”;

- “Não tenho nenhum bem definido”;
- “Continuar a ser feliz com minha família e pouco a pouco conquistar uma vida melhor, vou trabalhar muito para isso”;
- “Ter meus bens. Trabalhando com o que gosto”;
- “Casar e ser professora de dança”;
- “Comprar um carro. Estou juntando dinheiro para realizar este sonho”;
- “Ter uma propriedade rural: lavoura, gado leiteiro e suinocultura. Trabalhando com inteligência, pretendo realizar todos esses sonhos”;
- “Ser alguém na vida. E pretendo realiza-lo estudando, trabalhando e ganhando meu próprio dinheiro”;
- “Me formar como bióloga e trabalhar com biologia marinha. Lutando pelos meus ideais”;
- “Me formar técnico agropecuário e depois me formar veterinário, vou me esforçar muito, pois é meu sonho”;
- “Ser alguém na vida, construir uma família e poder ajudar meus pais assim como eles me ajudaram”;
- “Ser alguém na vida. Ter uma vida digna, ser uma pessoa do bem, ajudar a quem precisa, trabalhar para conseguir um futuro melhor”;
- “Casar e ter filhos, ter uma propriedade minha e moderna e ser feliz. Vai realizar-se com muito amor, estudo e com muito suor e trabalho”;
- “Ter um emprego e poder estudar a noite”;
- “Ser feliz”;
- “Meu maior sonho é ser um Técnico Agrícola. Pretendo começar quando terminar o ensino médio”;
- “Ser modelo. Eu pretendo me mudar para São Paulo ou Rio de Janeiro para começar a desfilas nas maiores passarelas do mundo”
- “Bastante saúde, ter bastante lucros na propriedade para realizar os sonhos pretendo trabalhar bastante”;
- “O meu maior sonho é ter um carro”;
- “Tendo saúde todos os sonhos pode se tornar realidade”;
- “Meu sonho é ter a minha própria propriedade, ter condições para viver tranqüilo e pretendo realizar esse sonho trabalhando e lutando pelo que quero”;

- “É ter minha casa própria e meu terreno para viver com minha família”
- “Que os meus filhos não passem a dificuldade que eu passei, ajudando-os”;
- “Comprar uma moto. Trabalhando na agricultura e na cidade em um emprego”;
- “Uns dos meus sonhos já foram realizados, mas um deles é melhorar de vida para bem melhor”;
- “Trabalhar com alguma coisa relacionada ao meio rural ou conseguir continuar a trabalhar na cidade e morar na propriedade. Pois é bom viver la mas a propriedade é muito pequena”;
- “São vários mas o principal é a melhor valorização dos produtos produzidos pelos agricultores. Maior valorização da agricultura pois se continuar assim vão ficar poucos nesse meio”;
- “Pretendo investir na propriedade aumentando a produção e com isso ter uma propriedade lucrativa para que isso me ofereça uma vida agradável”;
- “Ter minha família, viver bem e ter uma vida segura”;
- “Conseguir um bom emprego na cidade e ter independência financeira”;
- “Conseguir administrar bem a propriedade onde moro”;
- “Ser alguém na vida, trabalhando”;
- “Ter um bom emprego e ter uma casa no interior para lazer, ou uma pequena chácara”;
- “Organizar nossa propriedade de acordo com meus gostos para facilitar o meu trabalho e poder viver dela e ser feliz juntamente com minha mulher e filhos”;
- “Iniciar com gado leiteiro e continuar na agricultura”;
- “Meu maior sonho é construir uma casa para morar tranquilamente com meu marido e meu filho, pagar as dívidas obtidas com investimentos feitos em compras de terras e implementos agrícolas, assim obter capital, ter uma “boa vida” e dar um bom estudo e futuro para meu filho um dia”;

- “Meu maior sonho é me estabelecer na agricultura e permanecer nela. Pretendo realiza-lo investindo em tecnologia e ter várias opções de renda”.
- “Criar meu filho em um ambiente de paz e dar a ele a oportunidade de estudar e escolher a profissão que ele quiser. Para isso preciso educá-lo e trabalhar para ter recursos financeiros”;
- “Caprichando e trabalhando bastante na propriedade para obter bons lucros sendo que meu sonho é ter um carro e uma lavoura maior”;
- “Ser feliz ao trabalhar na agricultura e ter sempre ajuda quando precisa”;
- “Ganhar na mega-sena”;
- “Ser um grande produtor rural, pretendo trabalhar muito e fazer cursos de especialização”;
- “Meu maior sonho é ver todo mundo com saúde e com pão na mesa. Que as empresas paguem mais pelos produtos que o agricultor vende”;
- “Fazer faculdade”.

O que representa o sonho na vida de cada pessoa? Alguma insatisfação leva a pessoa a idealizar alguma coisa ou situação, ou um desejo muito forte e que começa a se ver nesta nova situação ou com o novo objeto. Os sonhos são o combustível da vida. Quando a pessoa para de sonhar, ela está morta e não sabe.

Os sonhos nos levam a auto-realização. Quando realizamos um, outro nos aparece, pois é da natureza do ser humano, a insatisfação e a procura por coisas e experiências novas.

Os jovens entrevistados relataram seus sonhos e tiveram a liberdade de expor, no caso da pesquisa, como um desabafo: “*Ser feliz e ter uma vida digna trabalhando*”; O sonho de ser feliz. A felicidade está em cada um de nós. O difícil é encontra-la. Voltar-se para si e perceber o que o faz feliz e ir em busca. Se essa pessoa tem o sonho de ser feliz, alguma coisa muito importante está faltando dentro dela. Ela também falou que quer ter uma vida digna. Fica aqui

uma incógnita, do que vem a ser a vida digna que esse jovem procura. *“Conseguir trabalhar numa coisa que gosto de fazer”*; esse jovem (normal para a faixa etária) ainda não sabe o que quer fazer. *“Ser um jogador de futebol e pretendo realiza-lo jogando”*. Qual o menino que nunca sonhou em ser jogador de futebol? Pode se realizar sim, claro com muito foco e habilidade.

O jovem procura a liberdade, o que está intrínseco em algumas respostas: *“Ser alguém na vida, e pretendo realiza-lo estudando, trabalhando e ganhando meu próprio dinheiro”*. Ganhar o próprio dinheiro, é o sonho de muitos jovens, porque não dizer de todos os jovens. *“Me formar técnico agropecuário e depois me formar veterinário, vou me esforçar muito, pois é meu sonho”*. O sonho de estudar e dessa forma se inserir na sociedade, predomina nos jovens. Não pode ser cortado de forma alguma. É a grande transformação da sociedade.

Apareceram respostas que não poderiam ser sonhos e sim, uma condição básica para a continuidade da vida e da agricultura: *“Meu maior sonho é ver todo mundo com saúde e com pão na mesa. Que as empresas paguem mais pelos produtos que o agricultor vende”*. Aonde está o sonho dessa pessoa? Será que realmente é esse? Ou será que parou de sonhar? Aqui entra a pirâmide das necessidades de Maslow, que vale a pena ser mostrada novamente:



Esse jovem está sonhando com as necessidades fisiológicas básicas. Como poderá ter outros sonhos se as necessidades básicas não estão satisfeitas? *“Ter minha família, viver bem e ter uma vida segura”*. O sonho da segurança, uma necessidade básica. *“O meu maior sonho é ter um carro”*. Ter um carro, apesar de ser o sonho de muita gente, é uma necessidade básica também.

Muitos sonham em ir para a cidade. Se é um sonho, o jovem precisa ter foco e seguir adiante, mas com os pés no chão: *“Conseguir um bom emprego na cidade e ter independência financeira”*. Ter independência financeira está presente em praticamente todas as respostas. Ninguém gosta de pedir dinheiro toda hora, para os desejos mais íntimos que muitas vezes não quer nem mesmo revelar.

O jovem empreendedor rural acaba se revelando através de seus sonhos: *“Organizar nossa propriedade de acordo com meus gostos para facilitar o meu trabalho e poder viver dela e ser feliz juntamente com minha mulher e filhos”*; são estes jovens que vão fazer a diferença.

Acompanhe agora o relato de uma jovem mãe de três filhas. O sonho dela será percebido durante o desabafo, que segundo ela, nunca revelou a ninguém, conforme comentários que vim a saber depois. A satisfação dela por colocar no papel o que nunca contou para outras pessoas, percebe-se até mesmo ao cumprimenta-la em outras oportunidades:

“Esse é meu sonho: um dia pagar as minhas promessas. Meu sonho começou quando eu tinha 20 anos, quando eu soube que estava grávida. A minha gravidez não era fácil, eu tive seis ameaças de aborto; terceiro mês de gravidez eu perdi parte da placenta. Eu rezava todas as noites e pedia para a Madre Paulina me ajudar a chegar ao fim da gravidez. O meu médico falava que ia ser um milagre....dia 28 de agosto de 2.000 nasceu minha princesa, que pesou 3,8 kg.

Aos 26 anos de idade eu engravidei de novo. Aos cinco meses de gravidez eu descobri que estava grávida de gêmeas. A gravidez era tranquila, quando chegou a hora do parto eles me transferiram para Chapecó. Demorou muito, eu achei que ia morrer. Quando nasceram, uma pesou 3,2kg e a outra 3,4kg. A bebe de 3,4kg eles colocaram na UTI. O médico veio falar comigo e

disse que ela tomou água do parto e que deu infecção no pulmão. Ele falou que ela precisa reagir em 24h 'senão eu não sei o que vai acontecer'. Eu comecei a rezar muito e lembrei da Santa Madre Paulina. 24h depois minha filha saiu da UTI, o medico disse que não sabia como ela reagiu tão ligeiro.

*Esse é o meu sonho, um dia poder levar as minhas três filhas para poder visitar a capela de Santa Madre Paulina que fica em Santa Catarina” **Adelaide Maria Kün***

Fica-se sem palavras depois desse relato. A pergunta era: “**Qual é o seu maior sonho? Como pretende realizá-lo?**” Pois nunca imaginava me deparar com um desabafo e um sonho, que por mais simples de realizar para uns, para a Adelaide é um sonho para o qual ela precisa trabalhar muito, juntar um dinheiro e viajar com suas três lindas filhas, para na verdade pagar uma promessa, que para ela vai ser a realização do seu maior sonho.

Os sonhos são perseguidos por todos os seres humanos. Com certeza a jovem Adelaide vai perseguir o seu sonho com tanta força como quando fez a promessa, que foi de levar suas três filhas para visitar a Santa Madre Paulina.

Sonhos, necessidades, desabafos, provocações para reflexão, é assim que se define esta última questão da pesquisa. Foi esta pergunta, que na hora que a pessoa respondeu, logo foi lida. Uma curiosidade muito grande em saber o que os entrevistados iriam colocar referente ao sonho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população jovem do meio rural está cada vez mais escassa. Os pais não conseguem dar conta do serviço nas propriedades e os filhos não querem continuar. São vários os fatores que levam o jovem a abandonar o meio rural.

Muitos jovens abandonam a casa dos pais movidos por sonhos, que ali, no meio rural, eles não conseguem realizar. O que mais motiva o jovem a sair da agricultura é o desejo de continuar os estudos e ter seu dinheiro mensal. Ele quer independência financeira e uma profissão que possa honrar.

Porém, com as transformações sociais, uma nova geração de agricultores está despertando com espírito empreendedor. Pode-se dizer que a agricultura está sendo profissionalizada e grandes empresários rurais estão surgindo. Mas ainda é uma minoria.

Respondendo ao primeiro objetivo que foi **Identificar gênero, idade, estado civil e escolaridade do jovem agricultor de Aguiinhas, São Carlos – SC**, pode-se dizer que entre os jovens entrevistados, a questão gênero, está equilibrada, ao menos não há um forte indício de masculinização. Os entrevistados tem idade de 15 a 30 anos. Foi escolhida esta faixa etária, pois aos 15 anos meninos e meninas começam a ter seus grupos de amigos e frequentar os mesmos lugares dos adultos, ou seja, já começam os anseios em relação ao futuro. Depois é que ocorrem as decisões em relação a vida, normalmente entre 18 e 25 anos, podendo se estender até 30 anos ou mais. Percebe-se que hoje os jovens demoram mais para sair da casa dos pais, há quem diga que é a “geração canguru”. Foi estabelecida idade máxima de 30 anos para não abrir demais o leque e assim a pesquisa ser inviável, pois o tempo foi relativamente curto. Falando em estado civil, observou-se uma ordem natural de contrair o matrimônio em que muitos ainda se casam no meio rural, havendo dessa forma a continuidade da agricultura familiar. A escolaridade do jovem de Aguiinhas está aumentando, o que reflete a realidade das demais regiões, em que os acessos são facilitados, devido ao transporte escolar. O que ainda é falho é a inclusão ao curso superior, em que os filhos de agricultores precisam abandonar totalmente a atividade para conseguir entrar.

Quanto ao segundo objetivo, que visou **dimensionar a participação do jovem nos trabalhos e decisões do estabelecimento**, observou-se que a propriedade não tem outra alternativa a não ser a profissionalização, e um forte indício disso é que a maioria dos jovens são consultados na hora de negociações na propriedade. Dos 58 entrevistados, 31 responderam que são consultados e 25 não são consultados, os pais que decidem e 2 não gostam de participar das negociações. Pode-se afirmar que quem não se profissionalizar está fora de qualquer atividade.

O terceiro objetivo foi **saber quais os motivos que levam o jovem a migrar para centros urbanos**. Aqui pode-se afirmar que o principal motivo é sair para estudar. Isto não deveria ser motivo. O jovem precisa de acesso às universidades morando em casa, mas não condiz com a realidade. Outro motivo forte que afasta o jovem do meio rural é a insuficiência da renda da propriedade. Se o jovem não obtiver suas necessidades básicas atendidas, ele se afasta. Apareceram outros motivos que devem ser considerados: a falta de diálogo com a família; tamanho da propriedade é insuficiente; falta de tecnologia, entre outros listados na questão abordada.

O quarto objetivo deste trabalho buscou **analisar os objetivos futuros destes jovens**. Os anseios para o futuro são inúmeros. O que se pode dizer, é que o jovem não vai se sujeitar a passar pelas mesmas dificuldades que os pais. Claro que os tempos são outros, mas há quem diga que o filho tem que passar por tudo que eles, os pais, passaram, para que ele dê valor ao que tem. Se há pais pensando assim, precisam mudar os conceitos já, pois a própria sociedade exclui quem insiste em viver na "idade da pedra". Hoje os filhos vão para a escola de ônibus, tem contato com inúmeras crianças de diversas localidades e realidades distintas, isso desde a pré-escola, que muitos pais nem tiveram acesso. Assim, o jovem vai moldando sua personalidade, vai se inserindo na sociedade.

Os objetivos futuros dos jovens são logicamente, a independência financeira e liberdade de ação. Tem pais que querem que os filhos ajam de acordo com a visão deles, pois segundo eles, levaram a vida inteira para construir o que os filhos agora vão destruir. Isto gera sérios conflitos familiares, leva filhos a abandonar a propriedade, só pela falta de diálogo. A maneira rígida em que os pais foram criados, hoje não funciona com os filhos. Deixar o

filho tomar suas decisões e dialogar é com certeza o melhor caminho para manter uma família com raízes fortalecidas. Não se quer aqui julgar atitudes, mas esclarecer a importância de conversar. Os filhos são muitas vezes rebeldes, insatisfeitos, não querem trabalhar, acham que as coisas vem prontas. A educação, em muitos casos, exige atitudes radicais. Mas ser amigo dos filhos e os filhos dos pais é sem dúvida o caminho certo.

Não se pode obrigar ninguém a continuar na agricultura, mas é dever esclarecer os dois lados: campo versus cidade. Muitos jovens vão despreparados e se defrontam com uma realidade totalmente inversa dos sonhos. É necessário orientá-los de que as dificuldades existem em todos os lugares e que é preciso ser profissional preparado independente da profissão. Amadorismo não tem mais espaço.

Pode-se dizer que a sucessão ainda é pouco discutida nas famílias, por se tratar de uma questão que em muitos casos leva a conflitos, o que desmotiva o jovem, pois ele não sabe o que será do futuro e assim, de maneira precipitada, toma decisões que nem sempre são as melhores, por falta de orientação. Nos dias de hoje, pais e filhos vivem em “mundos diferentes”, em que os pais seguem suas tradições, valores e crenças e os filhos, devido a globalização estão conectados através da televisão, internet, (mesmo que não tenha em casa, mas tem acesso), telefone e os pais que não se atualizarem, não vão entender os filhos.

A necessidade de constante atualização é de todo ser humano. As pessoas tem três idades, como nos fala o palestrante e especialista em motivação humana, Aínor Lotério, presente nos eventos de casais promovidos pela Cooperalfa, nos meses de maio e junho de 2010: “ *temos a **idade cronológica** que ninguém consegue mudar, pois tem um documento que comprova. A **idade do corpo**, que conforme os cuidados que se tem, pode-se mudar. Isso depende da qualidade da alimentação e exercícios físicos, postura. Tem a **idade do cérebro**, que se revela quando se abre a boca. Se a pessoa não renovar seu vocabulário, se não atualizar suas ideias, aos 20 anos, pode ser uma pessoa velha, assim como tem pessoas com 50 anos, que são jovens*”. Por que essa reflexão? Porque isso é percebido entre pais e filhos que param no tempo, o que acontece principalmente no meio rural. Existe uma carência de informações novas. Os jovens se sentem excluídos, daí a

necessidade maior de estudar e se não conseguem realizá-lo morando no campo vão para a cidade, muitos sem planejamento.

A base familiar precisa ser sólida. E quando se fala em base familiar, é o pai e a mãe, o alicerce da família. Para começar, deve existir amor e respeito entre o casal, o que é transmitido aos filhos. Nos eventos de casais promovidos pela Cooperalfa, a psicóloga, terapeuta familiar e de casal, Gianne Gemelli Wiltigen, palestrou sobre este tema: *“equilíbrio e transformação no seio familiar”*. Na palestra, a psicóloga falou da importância da união do casal, da continuidade do namoro mesmo depois do casamento: *“Numa relação a dois somente amor não basta; somente uma cabana muito menos (...). há atitudes que ajudam e há atitudes que atrapalham. Será que namoro termina em casamento, ou o casamento termina o namoro?”* (O COOPERALFA, maio 2010, p. 09).

No artigo do comunicador da Cooperalfa, Vilmar Dal Bosco, com o título: *“O que significa a vida a dois?”*, fala da importância da família:

A família é tão importante, que sempre foi um poderoso instrumento de influência e de auto-revelação. São as pessoas com as quais mais convivemos e de quem não conseguimos esconder o nosso verdadeiro eu. Na convivência familiar revelamos nossos valores, princípios e nos renovamos como seres afetivos. (O COOPERALFA, maio de 2010, p.09).

A família, é o centro de tudo, é onde tudo na vida começa. Por isso, ela não pode acabar. Família desestruturada tem como consequência filhos ansiosos e frustrados. É por isso que muitos eventos são voltados para a família, envolvendo principalmente a mulher que é o núcleo principal.

Este estudo realizado na comunidade de Aguiinhas – São Carlos -Santa Catarina, proporcionou além dos resultados confiáveis, momentos de reflexão sobre o presente desses jovens, a turbulência pela qual estão passando, as incertezas do que virá.

A Cooperativa Agroindustrial Alfa, foi citada diversas vezes, por ser uma cooperativa referência na região e pelo fato de ser funcionária, tive fácil acesso às informações, que estão disponíveis no site da cooperativa

(www.cooperalfa.com.br). O cooperativismo faz a diferença na vida dos agricultores, além do tratamento igualitário quando se fala em preços de venda e compra e ações sociais.

O sistema cooperativista ao mesmo tempo em que valoriza o homem, também solicita um comprometimento deste, requer uma parceria consistente, uma visão voltada à sociedade, aos princípios e a ética dos povos. Embora este sistema encontre dificuldades no momento atual, devido a fatores como a globalização e o capitalismo, fatores estes que vem tornando as pessoas cada vez mais individualistas. O cooperativismo continua sendo um importante sistema de organização das pessoas. Neste contexto o jovem tem fundamental papel, a inserção da juventude ao sistema garante a continuidade e a renovação deste.

Portanto, os jovens são a esperança da modernização do sistema cooperativista com a implantação de perspectivas e idéias contemporâneas, para que as cooperativas sejam encaradas como um sistema, onde todos participem sintam-se importantes e componentes de um todo.

O jovem agricultor tem muitos anseios para o futuro. Para realizá-los ele está disposto a correr riscos, mesmo de forma desorientada. Essa transformação vem ocorrendo desde os anos 80/90, em que o êxodo rural tornou-se um problema a ser discutido no Oeste de Santa Catarina. Visou-se com esse trabalho mostrar a realidade do jovem e a conseqüente agricultura do amanhã.

Neste momento, surge e com muita necessidade, uma mudança na visão administrativa das populações agrícolas, passando-se a investir nos jovens. Acredita-se, neste sentido que as atitudes destes são determinantes para a continuação e melhoramento do espírito cooperativista em criar opções para permanência do jovem no campo, ter uma opção de negócio para o produtor e que torne-se uma realidade, juntamente com a missão de "atuar no Agronegócio Cooperativo, com profissionalismo e competitividade visando à satisfação das pessoas, com a preservação da natureza" diante do propósito de "satisfação das pessoas e desenvolvimento regional".

Advinda deste meio, registro a grata satisfação de realizar este TCC que tentou abordar parte da problemática da juventude rural, almejando que a sociedade em geral, através de políticas públicas validades e contemporâneas

possam possibilitar novos e bons horizontes aos jovens da comunidade de Águinhas, Município de São Carlos – SC.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo (Coord.). **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

Alfa reúne mais de dois mil jovens rurais. **O Cooperalfa**, Chapecó, jul. 2009, p. 8-9.

ANSOLIN, Caroline Lais. **Lazer: aproximações e distanciamentos entre o meio rural e urbano na cidade de Nova Itaberaba – SC**. Monografia (graduação). Universidade Comunitária Regional de Chapecó – Centro de Ciências da Saúde, curso de graduação em Educação Física, 2008.

Aposta no futuro. **O Cooperalfa**, Chapecó, agosto 2006, p. 7

FOJOLICO prepara jovem para ser líder. **O Cooperalfa**, Chapecó, maio 2010, p. 04 – 05

BEUREN, Ilse Maria (org.) et al. **como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BRUMER, Anita et al. **Como será o campo amanhã?** A situação dos jovens rurais do Oeste catarinense, numa perspectiva de gênero: Relatório de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jul. 2007.

CHAMPAGNE, Patrick. **A reprodução da identidade**. (1986)

COHEN Allan R; FINK Stephen L. **Comportamento organizacional: conceitos e estudos de casos**. 7. ed. Trad. Americ. Rio de Janeiro: Campus, 2003

COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003

DAL BOSCO, Vilmar. O que significa a vida a dois? **O Cooperalfa**, maio de 2010, p. 09.

De volta para o Campo. **O Cooperalfa**, Chapecó, fev. 2005, p. 16

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DUBRIN, Andrew J. **Fundamentos do comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Gestão na agricultura moderna. **O Cooperalfa**, Chapecó, março 2010, p. 10

GIL, Antonio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. São Paulo: Atlas, 2000.

JORNAL FOLHA DO OESTE. São Miguel do Oeste, 08 de maio de 2010, capa

LOEBLEIN, Elisa Marschall; BECKER, Helena Dicker. **História de Santa Catarina II.** Joaçaba – SC. UNOESC, Licenciatura Plena, março de 1999.

_____, _____. **A colonização alemã em São Carlos e Palmitos – Santa Catarina.** Joaçaba – SC. UNOESC, junho 1999

KERBES, Zenaide Inês Schmitz. **Conhecendo São Carlos.** São Carlos: Porto Novo, 2004.

MELLO, Márcio Antonio de et al. **Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar.** São Paulo, 2003.

_____, _____. **Educação formal e os desafios para a formação de uma nova geração de agricultores.** (2003).

MUSZKAT, Malvina Ester. **Mediação de Conflitos em famílias e organizações.** 2. ed. Ver. São Paulo: Summus, 2008

O COOPERALFA. Chapecó, jan. 1996, p. 05

O COOPERALFA. Chapecó, julho 1995 p. 03

O segredo está na administração dos detalhes. **O Cooperalfa**, março de 2010, p.13

Pesquisa Cooperalfa. Uma pesquisa realizada com dois mil jovens das regiões de abrangência. Chapecó: jul. 2009.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional.** 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS, 2003

SILVESTRO, Milton Luiz et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri, Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SPANVELLO, Rosani Marisa. **A situação das filhas na transmissão do patrimônio na agricultura familiar.** Florianópolis: agosto 2008

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens.** Florianópolis: UFSC, 2006.

WILTIGEN, Gianne Gemelli. Caso ou compro uma bicicleta?. **O Cooperalfa**, Chapecó, maio de 2010, p. 09.

ZEISER, Darci. **Genealogia da família.** Itapiranga – SC: UNOESC, TCC Pedagogia, 1997.

Sites:

O COOPERATIVISMO. Disponível em: <http://www.cooperalfa.com.br>
pt.wikipedia.org/.../**Hierarquia_de_necessidades_de_Maslow**

ANEXOS